PQ
9261
V55C6

CONTOS DA SESTA

POR

E. A. VIDAL

Um anjo no purgatorio

Historias campesinas

Theresinha

LISBOA
EDITORES — ROLLAND & SEMIOND
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1870

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ2361
Book .V55C6

CONTOS DA SÉSTA

Imprensa de F. X. de Souza & Filho — Rua do Ferregial de baixo, 26

CONTOS DA SESTA

POR

E. A. VIDAL

Eduardo Augusto

Um anjo no purgatorio

Historias campesinas

Theresinha

José António de Carvalho Monteiro
Lisboa 13 de Março de 1872

LISBOA
EDITORES — ROLLAND & SEMIOND
3 — Rua Nova dos Martyres — 3

1870

PQ9261
.V55C6

Este livro é despretencioso e chão, como o seu titulo o indica. Não se propõe a dirimir nenhum dos pleitos que trazem inquietas as sociedades, não desce á investigação das grandes causas occultas, não fere a rocha do desconhecido para d'ella fazer borbulhar os mananciaes desejados. São *Contos da sésta*, o que quer dizer, contos entre um bocejo e um sorriso, entre a curiosidade de uns e a roncadura de outros.

Não condemnemos inteiramente a humanidade pueril. Alguns minutos de repouso quando a calma aperta, e quando as sombras caem frescas da altura verde das arvores, não é cousa muito para desprezar, — embora tenhamos pelos progressos da especie o maior de todos os respeitos possiveis.

As sultanas de Ouloug-beb, preferiam as *Mil e uma noites* á leitura de Zadig; e quando o sabio lhes perguntava: — « *Comment pouvez vous préférer des contes qui sont sans raison, et qui ne signifient rien?* — « *C'est précisément pour cela que nous les aimons,* » — respondiam

textualmente as formosas mulheres, recostando-se voluptuosas sobre os coxins d'Iran, e cerrando as palpebras avelludadas.

Os meus *Contos da Sésta* não são para deleitar princezas de tão subido cothurno; mas oxalá que algum espirito juvenil se regale com elles, que já me dou por bem pago.

N'este genero de trabalhos a perfeição consiste na narrativa. Um conto está todo no modo por que nol-o contam. Dispensam-se as peripecias; mas é impreterivel a fluencia. Cumpre não diluir o estylo; mas apresental-o facilmente imaginoso. Alguns arabescos, algum toque de malicia, sentimento communicativo, rapidez, harmonia; — eis as qualidades principaes d'estes quadrinhos, onde as scenas domesticas ou publicas, — (sempre correntes), não tem basofias de pinturas muraes nem de estudos de musculatura.

Ha um livro d'esta indole que eu tenho por modelo seguro. Refiro-me aos *Contos do tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino, — mancebo cheio de talento, morto na flor dos annos, na primavera, poder-se-ia dizer, se acaso mais de uma tempestade cruel não lhe tivesse espedaçado as cordas da sua alma generosa.

Actualmente os nossos escriptores, — e muitos de boa nota, — applicam-se a este genero de litteratura mais popular, e portanto mais accessivel.

Quando na politica das nações se ingerem todos os dias os modernos principios democraticos, seria impossivel que a arte continuasse na sua isenção de gran-senhora. Os contos representam um certo baptismo das letras na fonte das novas idéas.

Entendeu-se que os fructos do espirito não podiam ser pomos vedados para quem quer que fosse. Acurvaram-se os ramos da arvore abençoada, e pozeram-se á altura de todos os braços.

Quando se proclamam os direitos da especie humana, quando se nivelam todos pela mesma rasoura de liberdade, quando se affirma que os thronos abarrotam as sociedades, e se inscreve na fronteira dos povos o distico luminoso de egualdade, quando entre o minimo e o maximo se pretende estabelecer uma equação formidavel, é justo que a arte, — *alma parens*, — desça tambem das suas epopêas olympicas, das suas alturas inaccessiveis, dos seus nevoeiros sagrados, e paire em meio dos fracos, dos timidos, dos pequenos, dos que não pódem subir a montanha em cuja crista esplende a sarça divina.

Sejamos coherentes.

Não é possivel favorecermos por um lado o populacho, a turba, a democracia, em fim, — não é licito affirmar ao vallador obscuro, ao artesano insipiente, ao homem do camartello rude, que se accabaram todas as gradações de castas, todas as distincções de raças, e que os homens pódem sentar-se indifferentemente no banquete do poderio e da gloria, — quando se lhes nega o ingresso no templo a que presidem as divindades sublimes.

A arte é o bem.

O mundo, obra do ser absoluto, é o modelo eterno das nossas manifestações parciaes e finitas. Poderão acaso os grandes mares chacotear dos ribeiros humildes? — Não, e nunca.

Adornem-se aquelles com as pompas da sua magestade, blasonem dos seus galeões soberbos; mas não despresem o veio d'agua solitario que vae dessedentar a hortasinha do pobre, humedecer uns lyrios que a devoção offerecerá á virgem, e que nas horas de calma ha de matar a sêde ás aves, se não fôr tambem a algum caminhante lasso e perdido.

Os *Contos da Sésta* são isto, nem mais nem menos.

Não presumem de si grandes cousas, não esperam nenhum rumor de louros agitados pelos sopros do triumpho; mas só desejam que,

—«*Em quãto hũ joga, outro caça,*
Outro dorme, outro trasfega,»—

(para fallar pela bocca do nosso Sá de Miranda), haja alguns olhos que se recrêem, lendo-os, e alguns corações que se desafoguem ou se enterneçam.

Foi lendo contos que as mulheres de Boccaccio mataram uns longos dias de peste: podessem os meus divertir tanto os espiritos como os d'elle, que necessidade egual não nos falta.

UM ANJO NO PURGATORIO

I

Conhecia-o havia tres annos; era rico, e chamava-se Pedro. Nos theatros e nos bailes que frequentava, distinguia-se pela elegancia e pelo espirito; naturalmente vivo, gracioso no gesto e na palavra, accessivel a todas as conversações, tão apto para discretear com as damas a respeito de modas como para discutir com os politicos sobre as grandes agitações do seculo, tornára-se, por assim dizer, o centro das attenções geraes.

O corpo não desdizia do intimo; Pedro, sem que fosse um homem alto, era de tal modo harmonioso no todo, tão bem apposto, tão agil, tão rapido nos movimentos, tão rasgado no porte, que á primeira vista parecer-nos-hia de uma estatura superior. O rosto era sympathico, sem que podessemos chamar-lhe bello; cabellos escuros; ampla a fronte, mas não isenta de rugas; o nariz aquilino deixava presentir na mobilidade extrema das azas uma insubjugavel compleição nervosa; a boca fina descahia em dois sulcos, que

ora parecia denotarem o cansaço da vida, ora se transformavam n'um meio riso de egoismo ou de descrença. Nos olhos é que residia toda a soberania de Pedro. O famoso *et erit principatus super humerum ejus* de que falla Isaias (soccorrendo-se o leitor ao seu latim de ajudar á missa, e substituindo o *super humerum* por *in oculis*), dá-lhe, sem mais rodeios, uma definição cabal do olhar de Pedro.

O homem é o seu olhar. Ainda alguem disse ha pouco: «O homem é o seu sorriso». Não creio. Bocage, quando escreveu:

«Os labios mentem,
Os olhos não»,

encerrou em dois versos de quatro syllabas uma verdade que não cabe em trezentos alexandrinos. O sorriso é a contracção, o olhar é o espraiamento; aquelle vem do musculo, este da alma. Quando o sorriso póde ser significativo, é quando de certo modo completa o olhar. Ha quem se lembre de ter visto Garrett passeiando no salão de um dos theatros nossos, a ouvir o publico patear-lhe desaforadamente a *Sobrinha do marquez*. Andava elle com as mãos cruzadas nas costas, o sorriso nos labios e o olhar diffuso. Onde iria este? Onde terminaria aquelle? No sorriso estava o despreso, no olhar a immensidade; os labios franziam-se para o publico, e os olhos alongavam-se até Deus. Completavam-se um ao outro; mas no olhar pairava a alma do poeta, anjo que abria as azas de oiro, deixando cahir nos labios a sombra d'ellas, desenhada n'um sorriso.

Nos olhos de Pedro estava, como já disse, toda a sua soberania. Não reflectiam elles a chamma das concepções ardentes, nem tinham os clarões magicos dos do poeta; mas o fulgor natural temperado por uma certa doçura indescriptivel, tornava-os quasi sempre perigosos. Quando Pe-

dro apparecia, as damas agitavam-se com uma especie de alegria impaciente, e os *dandys* arrefegavam o sobr'olho.

Poder immenso das pupillas! Napoleão domina pelo seu relancear de aguia, e Gœthe assombra pelo seu fitar de Deus. Quando Henri Heine se dispoz a visitar o auctor do *Fausto*, reflexionou por largas noites de inverno no que lhe diria mais elevado e sublime; por fim poz-se a caminho de Weimar, elle, o grande poeta do *Intermmezo*, ruminando timidamente o seu discurso. Quando se viu frente a frente com a divindade, a fixidez d'aquelle olhar tranquillo e profundo estonteou-o a ponto de se lhe varrer a façundia, como succede a um prégador garraio; e apenas soube dizer n'um gaguejo que as ameixas de Saxe eram excellentes. Com as damas, em relação a Pedro, succediam as coisas pouco mais ou menos.

Quando elle deixava cahir dos olhos um raio de luz sereno e languido, os espiritos turbavam-se de subito, o dialogo tomava uma feição nova, e, se não se gabavam as ameixas de Saxe, é certo que alguma coisa se dizia a respeito do coração humano.

Apesar de tudo, Pedro era o menos Lovelace possivel. Tinha vinte e oito annos, perdêra aos treze seu pae, sua velha mãe idolatrava-o, o mundo offerecêra-lhe um regaço cheio de fructos e de flores, atravessára-o, não digo sem se empegar nos aguaçaes, mas sem se deixar prender de todo; gozára muito, gozára tudo. O coração tinha-lhe sobrenadado, porém, em todos aquelles dias de borrasca, sentia-o puro e limpo como na adolescencia, só uma ancia vaga o abalava mais agora. Eu admirava aquella isenção, aquella frieza, aquelle desprendimento de Gilliat n'um verdadeiro rapaz do seculo. Cuidado com estes montões de gêlo.

Não ha muito ainda que os jornaes fallavam na explosão

de um deposito de neve, e explicavam os promenores do caso com toda a proficiencia dos dados scientificos; eu não sei como a respeito do homem se podem adduzir bons motivos, mas a verdade é que nos corações de gêlo tambem ha d'estas explosões horriveis. Ai de quem fica, ao alcance das alavanchas e das enormidades que estes volcões arrojam; quando se chega a cahir sob o peso de taes bategas amorosas, fica-se enterrado em vida. Nem ha cão de S. Bernardo que salve o estatelado peregrino; lá se ha de ficar ao desamparo, até que um raio de sol piedoso derreta os gêlos em que elle tirita, e lhe reanime o sangue se o não houver estilado em lagrimas.

Uma noite encontrei-me com Pedro em S. Carlos; cantava-se o *Othello*. Fallámos de Rossini e Shakespeare; elle affiançava que o maestro comprehendêra o poeta, eu negava-o em parte.

—Que lhe parece a creação do moiro? perguntava-me elle no intervallo do segundo para o terceiro acto.

—A não ser a pathetica phrase do duetto com Iago, afigura-se-me um turco de opera velha, encartado em garganteador de cavatinas. O *Othello* de Shakespeare é de outra grandeza, tem o caracter nobre e impetuoso. Aqui, é no terceiro acto apenas que elle se debuxa, como é então que Desdemona se patenteia em toda a sua candida serenidade.

—Parece-lhe que a musica nem sempre póde traduzir o pensamento litteral do poeta?

—Penso que raras vezes. Com que notas se exprimirá a immensidade do *honest Iago!* que sons poderão dar a ancia excessiva do *Romeo, Romeo, wherefore art thou Romeo*, posto na boca de Julieta? Diante d'estes abismos Rossini vacilla como Zingarelli.

—O que diria Fétis se o ouvisse fallar d'esse modo?

—Fétis? ahi tem um homem que eu detesto sinceramente, um contrapontista empalhado, um sabio esteril como um penedo, e resingão como um pato. São abominaveis estes homens que andam a vasculhar no intestino da sciencia, não lhe parece?

—Sim; mas tambem se elles se perdessem de todo, cahiriamos no estouvamento desbragado. O genio é o corcel brioso e infatigavel; solte-o, e vêl-o-ha precipitar-se de cerro em cerro, até cahir exhausto e escalavrado. Verdi tem dado vinte vezes o salto de Leucate.

—É perigo que nem todos correm.

—Admira-o, pelo que vejo?

—Quizera que elle tivesse escripto o *Othello*.

N'este momento o panno ergueu-se; estavamos no terceiro acto. Para os solitarios d'este cantinho do occidente, que apenas conhecem a Pasta pela noticia dos criticos, e a Malibran pelos admiraveis versos de Musset, a mulher que maior vulto tem dado a este acto é, sem duvida alguma, a Borghi-Mamo. Não passou já tanto tempo que a possamos ter esquecido. A tragica auxiliava a cantora, o movimento concluia a phrase. Como ella n'essa noite soluçou a aria do *Salgueiro*, e como a lyra lhe cahiu das mãos trémulas e delicadas! Depois, em face do moiro, que altivez n'aquella fronte, que firmeza n'aquelle olhar, que innocencia animosa, que paixão, que fogo! No terceiro acto, a musa de Shakespeare veiu sentar-se ao lado de Rossini, e, entre o ineffavel murmurio das brisas napolitanas, segredar-lhe os carmes da sua inspiração melancolica. Que recitativos os de Othello, que soberbos cantos os de Desdemona, e como a melodia plangente do gondoleiro atravessa aquella scena deliciosa! Quando na orchestra esmoreceu o ultimo som, quando o panno cahiu de todo, Pedro olhou para mim com um sorriso de triumpho, e perguntou-me baixinho:

—O que diz agora?

—Que é admiravel este terceiro acto.

Levantámo-nos e sahimos; nem eu nem elle nos recordámos do baile. Bailar depois do *Othello?* Bailar depois da opera?

Ó poesia, ó musica, soltae o vôo d'este mundo de barbaros, e acolhei-vos a qualquer solidão do céo, a qualquer refugio da immensidade. Cedei terreno á cabriola, deixae reinar a pirueta; a dança é hygienica, e a hygiene é o principal cuidado d'este bom seculo ventrudo. Pelo amor de Deus, filhas da inspiração e do enthusiasmo, não queiraes entisicar a humanidade. Voar nas azas do arrebatamento, e com os olhos marejando lagrimas? apage! E o que havia de ser dos pêcos e enfermiços? Nem as chacinas do Ribatejo. O vento fino das espheras complica seriamente com as gastrites, e poderia produzir alguns engulhos symptomaticos. É preciso encaminhar o povo pelas veredas suaves; guardar dos esfalfamentos. Ponde Weber n'um dos polos do mundo e o Dante no outro; descarregae estas duas pilhas temerosas; up! nem que uma pessoa fosse de pedra para resistir a estes choques. A arte deve ser fortificadora e estomacal, diuretica e adstringente; as musas debeis podem contaminar a gente sadia, e fazer cahir a espinhela aos chefes de familias. *Meno fuoco!* Os corações que se apertaram de terror e de angustia acerba carecem de desafogo; nada de arrochar as naturezas franzinas; depois de Shakespeare, *un pas de deux*, depois da aria do *Salgueiro*, a *Cachucha*. Ahi tendes a constituição da arte, e portanto, a unica base da civilisação.

Era isto o que eu pensava ao caminhar com Pedro pelo Chiado abaixo; não sei se alguma coisa lhe disse d'este meu grave soliloquio, mas penso que elle rastreava pelas mesmas opiniões. Tresandada loucura!

Continuámos a caminhar ao acaso, sem destino, como quem se não recorda que o bule da familia está sobre a mesa abafado no guardanapo, e que a criada cabeceia junto á lanterna da cosinha. Inda não era meia noite; o céo estava estrellado, e o vento fresco de outubro consolava-nos, em vez de nos confranger. Era uma noite de outono, mas de outono meridional, noite poetica, saudosa, repleta de não sei que effluvios divinos. No cerebro resoavam-nos as ultimas notas da Borghi, e no fundo d'estas recordações brilhavam outras, mais vivas ainda, como no fundo d'aquelle firmamento sem lua brilhavam candidamente as estrellas. O coração do homem é como certas flores mysteriosas: desabrocha no silencio da noite. Nós caminhavamos sempre. Insensivelmente a conversação reanimou-se, não sei o que discutimos; é de crer que andassemos a fraldejar pelos mais piegas de todos os sentimentalismos. Aquellas camadas de gêlo, que d'antes forravam o interior de Pedro, parecia desvanecerem-se pouco a pouco; o meu amigo entrava a pannos largos nos embandeirados ancoradoiros lyricos.

—Não sabe? disse-me elle conchegando-me o braço ao peito, e com um certo impulso na voz, que denotava a impossibilidade de soffrear as palavras por mais tempo. Não sabe? tenho muito para lhe contar, preciso de o vêr ámanhã, quero revelar-lhe um facto importante, importantissimo da minha vida. Mudei, sou outro, cahiu-me a venda, não dos olhos como a Tobias, mas do coração. O coração é muitas vezes cego, não lhe parece? Anda por esse mundo insensivel e indifferente, sem attentar em ninguem, sem reparar em coisa alguma. Não é borboleta, é vagabundo. Chega-lhe a decrepidez sem o ter aquecido a juventude, murcha sem haver inflorado, morre sem ter vivido. Faz lastima. O meu esteve para se perder de todo. Lembra-se da ultima vez que nos vimos? Inda não ha tres mezes. Não sei o que

me disse a respeito do amor, creio que me chamou um homem extraordinario; mudou-se tudo. Tinha razão, meu amigo, os corações de pedra deviam ser todos aproveitados para carrancas de chafarizes.

—Oh! começa a fumegar o Hecla?

—Não pense que o illudo. Fallo sério, muito sério; isto succede imprevistamente. Aos vinte e tantos annos não é bom brincar com fogo, nem mais tarde, nem nunca. É uma historia curta, dir-lh'a-hei em tres palavras; quer ouvil-a?

—Diga, diga.

—Minha mãe estava doente... conhece-a? É uma excellente mãe, coitada. Fomos para o campo, temos lá estado até agora. No campo a convivencia é como as flores dos vallados, apparece de repente, sem preparo, sem cultura, quando ninguem o suspeita; nasce, por assim dizer, espontanea. De ordinario succede-lhe como ás flores, que é definhar quando se aproxima o inverno. Nem sempre. Ao pé da nossa casa morava uma familia com quem principiámos a relacionar-nos; que hão de fazer senhoras n'aquelle apartamento? Depois, no verão, é impossivel passeiar a certas horas. Eu ia sentar-me para debaixo de qualquer arvore, e passava o tempo fumando e lendo. Correram assim dois, talvez tres mezes; um dia não sahi, creio que estava doente. Era uma hora, acabára de lêr um jornal (tenho tudo presente), a porta abriu-se, e as nossas visinhas entraram; vinham acompanhar minha mãe. Esqueceu-me dizer-lhe, eram duas, mãe e filha; conhecia-as, tinhamo-nos encontrado por vezes. Tudo isto é simples, oiça. A principio não sei em que fallámos, em theatros, em modas, mesmo em politica, na abdicação das crinolines, em tudo

«Que é costume fallar, se falta assumpto»,

como o meu amigo diz na sua *Beppa*. Julia tocava; a pe-

dido de minha mãe foi sentar-se ao piano. Acha pueril quanto eu lhe estou dizendo, não é verdade?

—Ao contrario; antevejo as consequencias d'esse dia. O piano foi a cithara de Orpheu, que lhe domou o coração rebelde.

—Verdadeira cithara, verdadeiro encanto. Tocava ella a *Somnambula*, o idyllio do amor. Bellini fez-se nosso cumplice. Era um dos trechos mais maviosos; sentia aquellas notas coarem-se-me n'alma, o cheiro das flores que vinha tepido augmentava-me a embriaguez; encostei a cabeça a uma das mãos e puz-me a pensar. Em que pensava eu? não sei dizer-lho. O que sei é que quando levantei os olhos dei com os de Julia cravados em mim. Que instante, meu amigo, que instante! Bastou aquelle olhar para se crear um mundo novo.

—Amam-se agora muito?...

—Muito, muito, Ha de vêl-a, quero que a conheça. O mais pouco interessa. Tanto minha mãe como a d'ella se regozijam n'este affecto; havemos de casar em breve. Deixe lá fallar aquelle cynico do Byron, ou de quem quer que era, que dizia estar o casamento para o amor do mesmo modo que o vinagre para o excellente vinho. Chistoso paradoxo, e nada mais! Prepare-se para me acompanhar ámanhã; um dia no campo não é de todo desagradavel. Sinto-me agora n'um estado de desafogo completo, respiro melhor, dilata-se-me o peito mais á vontade. D'antes andava opprimido, tinha um peso sobre mim, um peso constante, uma verdadeira campa. Tambem, verdade seja, que uma pessoa sem amor não é outra coisa mais que um sepulchro: o coração é o cadaver. Admira-se do que lhe digo? Desconhece-me, hein?... Oh! agora começo a comprehender que a felicidade não é sómente uma palavra!

Embebidos n'este colloquio, tinhamos caminhado insen-

sivelmente até proximo do Aterro; os relogios diziam ser duas horas, e as minhas pernas moidas estavam a suspirar pela cama. Grande coisa é o amor! Pedro mostrava-se nas melhores disposições para passeiar até madrugada; e emquanto eu, apesar de todo o bem que lhe queria, deitava cubiçosamente os olhos d'alma para as torradas da minha ceia, elle, em transportes de jubilo, sentia inundar-se-lhe o espirito na doçe claridade das estrellas.

II

O dia tinha rompido com todas as pompas melancolicas do outono; o céo estava azul, mas de um azul desmaiado, por onde os olhos se alongavam saudosamente, e a que umas raras nuvensinhas que fluctuavam faziam realçar a transparente alvura. Era domingo, tinha-me levantado cedo, contra costume; a conversação que na noite da vespera havia tido com Pedro fizera-me não sei que mysteriosas impressões no espirito. Pensava no que elle me havia contado, pensava sobre tudo n'aquelle poder indefinivel da *Somnambula*, que lhes fizera encontrar os olhares, que lh'os prendêra no mesmo enlêvo, para depois subitamente lhes fecundar na alma os germens de um desconhecido amor. O amor! como nasce? como se desenvolve? por que varía? por que termina? como póde um olhar crear um mundo novo? como póde outro olhar submergil-o? Insondaveis abysmos! De que é feita a melodia que provoca um incendio? que teem em si esses cantos d'onde os torbilhões se levantam? Seria Bellini o Lanciotto de Pedro? por que ha de a nota encerrar uma certa quantidade de fascinação? por que ha de um verso aclarar o infinito?

D'estas perguntas, que eu fazia a mim mesmo, sahiam novas hesitações e novas lembranças. Pensava na historia de Francisca de Rimini, debuxava na mente aquelle grupo que o Dante viu caminhar como duas pombas alheadas no mesmo desejo, e puz-me então a murmurar:

«Per più fiate gli occhi ci sospinse
Quella lettura e scolorocci'l viso,
Ma solo un punto fu quel che ci vinse.»

Ao acabar de dizer a ultima palavra senti que me batiam á porta; era Pedro.

—Venho buscal-o, disse-me elle pondo o chapéo sobre uma cadeira, e apertando-me a mão com a mais cordial intimidade; sei que adora o campo no outono, vou para lá agora, e quero-o levar comigo. Lembra-se do que lhe disse hontem? Apresentar-lhe-hei a minha noiva; Julia tambem gosta de versos, o meu amigo é apaixonado pela musica, temos um vasto assumpto para distracções; verá que não perde o dia de todo.

—Acceito, e estou certo que passarei um dia maravilhoso. Só lhe peço um favor, aqui muito á puridade; é que não me denuncie. Fallaremos em tudo, menos em versos; eu no campo gosto mais da poesia que se sente, do que da poesia que se recita.

—Será o que quizer, não discutiremos sobre isso agora. Venha. Tenho lá em baixo uma sege, são nove horas, e o almoço está-nos a chamar ha muito. *Festinemus viam!*

Pozemos o chapéo e descemos. Quando eu entrava para a sege dizia Pedro ao cocheiro: «Para Carnide.» Partimos.

Creio que o leitor me dispensará de lhe escrever uma odysséa commemorativa; de minha casa até á vivendã de Pedro nada houve que mereça as honras de capitulo; fize-

mos a jornada como se faz a bordo um quarto bonançoso: tempo fresco, horizontes largos, e alguma poeira na estrada. Quanto ao seguimento do navio, quer dizer, da sege que nos transportava, achei-o um pouco tardo, o que procedia dos cachorros da prôa, vulgo, dos sendeiros que chouteavam. Afóra isto, nada mais ha que mencionar. Quando chegámos a Carnide tinham já dado dez horas.

Pedro apresentou-me á sua mãe, uma respeitavel senhora de cabellos brancos e de sorriso infantil nos labios, uma d'essas creaturas que envelhecem por fóra, mas que guárdam sempre no peito uns restos de frescura da primavera, frescura adoravel, que é feita de innocencia e de bondade.

Serviram-nos o almoço; as janellas da casa em que estavamos diziam sobre um jardinzinho, ao fundo do qual se estendia um largo campo de semeadura. O jardim mostrava-se já um tanto privado das suas galas, as flores rareavam nos canteiros, e a ramaria das arvores de sombra começava a perder a sua luzente côr verde. Estavamos em principios de novembro; o véo do outono desdobrava-se, e envolvia pouco a pouco a natureza.

Sentia-me bem n'aquelle sitio, bem, desopresso, estranho a tudo o que faz curvar a cabeça e revolver-se o coração; tragava a pulmões cheios uma alegria indizivel, uma voluptuosa felicidade. Os olhos alongavam-se por aquelles horisontes fóra, e lá ao cabo as collinas enfumaradas contornavam-se indecisas no céo. No papear das aves havia uns longes de tristeza, porventura um vago presentimento do inverno, que bem cedo as faria acoitar por entre os musgos das rochas ou nos esburacados troncos dos sovereiros.

—Que lhe parece este sitio? perguntou-me a mãe de Pedro, talvez para me arrancar á meditação em que eu cahira.

—Lindo, minha senhora; d'esta janella, principalmente, descobre-se um quadro admiravel. A felicidade habita no campo.

—Diga antes na alma.

—Seja assim, na alma; mas comprehendo que a mais affligida de todas as creaturas possa encontrar n'este sitio a melancolia, pelo menos; e v. exc.ª bem sabe que a melancolia é o doce extase dos desgraçados.

—Extase? talvez cansaço, não lhe parece?

—Vamos, interrompeu o meu amigo levantando-se e beijando a mãe affectuosamente—não viemos aqui para tristezas. Que importa o que seja a melancolia? uma palavra e nada mais. Está o céo azul, no jardim ha sombra, poderemos ir para lá sentar-nos, tanto melhor. Eu sempre julguei que o campo era mais proprio para sorrisos do que para elegias; costumei-me a vêl-o pelo lado florido, pelo lado das rosas. Quando me ponho a esta janella, penso descobrir por debaixo de todas as arvores um gruposinho de pastores, d'aquelles de flauta agreste e verso na ponta da língua, com que os nossos arcades rechearam as suas eclogas carunchosas.

—Cuidado, senhor maldizente, não se profanam a esmo esses cadaveres. Olhe que nem a todos comeu a terra; de alguns sei eu que se transfiguraram.

—Sim, diz bem, replicou Pedro exaltando-se, transfiguração gloriosa, immortalidade incontestavel. Mas esses sobre cujo tumulo ajoelhâmos reverentes foram os que, partindo os laços da imitação antiga, presagiaram as alvoradas da renascença, verdadeiras estrellas matutinas que entreluziram a furto n'um horizonte encapotado pelas nenias plangentes ou pelas odes assopradas. Que fez Bocage, a alma de fogo? Succumbiu, bem o sei, succumbiu muitas vezes ao poder irresistivel do seculo, sacrificou aos falsos idolos;

mas quando o estro se lhe desatava em turbilhões insoffridos, adeus Menalcas, adeus Tytiros embalsamados, ficae-vos á sombra das vossas faias, entalhando no tronco o nome das pegureiras, e deixae cantar o poeta, solto e livre, como a rajada canta nas folhas do pinheiral copado!

—Bravo, meu amigo; regala-me o seu enthusiasmo; o cantor de Hero e Leandro tem jus a taes palavras.

—Tem, sem duvida; pois quem não vê nos proprios desregramentos da sua vida, nas tremendas exagerações da sua musa, quem não vê a ancia indomavel do que forceja por abrir caminho e descançar em melhores paragens?... Hero e Leandro!... lembrou-me bem essa cantata; ahi tem uma perfeita imagem. Abydo é a arcadia; Sesto é a revolução litteraria; Bocage, como Leandro, estende para lá os braços, e arremette com as tempestades.

«Eil-o corre insoffrido ás ermas praias,
D'onde é seu uso arremessar-se ao pêgo,
E, destro nadador, talhando as vagas,
Seus gostos demandar na opposta margem.»

As vagas eram mais fortes do que elle, continuou Pedro, por fim levaram-n'o. Que tem isso? Emquanto os Albanos e os Josinos andavam pelas beiras do Tejo a fazer idyllios piscatorios, elle, o doido da *Pena de talião*, labutava contra o oceano revolto.

—É exacto; Bocage teve só contra si a indole, a natureza do seculo. Podemos consideral-o como um Byron transviado. Esta deslocação de talentos faz-me interrogar ás vezes a Providencia.

—E o que lhe diz ella? perguntou-me Pedro, mudando do tom exaltado para o faceto, e dando ás palavras uma certa inflexão de sarcasmo.

—Que me ha de dizer... nada. Deixa-me a parafusar no immenso muro que nos separa do desconhecido. N'este theatro do mundo, a ventura, ao que me parece, está em uma pessoa entrar a tempo; se vem cedo, tem que fazer o seu monologo de chapéo na mão, e de se recolher aos bastidores no meio da indifferença; se vem tarde, então cahe-lhe o panno na cabeça. Bocage está no primeiro caso; adiantou-se alguns annos. A posteridade, se ainda hoje o admira, não é tanto pela observação do que elle foi, como pela intuição do que poderia ser.

N'este comenos, a mãe de Pedro que nos havia deixado dissertar á vontade, voltou com certo sorriso significativo nos labios. Pedro interpretou esse sorriso.

—Está lá fóra Julia?

—Chegou agora.

—Vamos, meu caro amigo, deixemos descançar os arcades.

Entrámos na sala; Julia estava, de feito, com sua mãe.

Apresentaram-me, sentámo-nos, os ares do campo dissiparam de momento a timidez ceremoniosa, animou-se a conversação como que por milagre, chilreavamos na sala como as toutinegras no pomar, estavamos em desafogo. Julia era uma creança adoravel, digo creança, apesar dos seus vinte annos, porque em poucos semblantes se encontraria um tal viço, um tal frescor de anemone abotoada. Havia n'ella a suave morbidez da crioula, e aquella indolencia voluptuosa, que é, por assim dizer, a prostração de intimas luctas. Tinha o cabello castanho, o rosto, de um oval perfeito, fazia lembrar na sua pallidez, não a cera desbotada e fria, mas o marmore aquecido pelo fogo do genio. Por baixo d'aquella pelle fina e transparente girava um sangue escaldadiço e tempestuoso; sob aquellas pestanas bastas e avelludadas occultavam-se duas pupillas dardejantes. A boca,

pequena e humida como um botão de rosa, entreabria-se n'um sorriso celestial; parecia que os labios não podiam conter em si os effluvios que subiam do peito. N'este conjuncto de graça e volupia nada havia de affectação, nem de anesthesias simuladas. Julia era, pelo contrario, ardente, de uma sensibilidade melindrosa, de um coração capaz de se confranger, como certas plantas, ao mais pequeno toque. As excitações interiores produzem sempre no corpo um quebramento suave. A mulher inquieta, alegre, buliçosa, de gesto rapido, de olhar volubil, que se move incançavel, que doideja sempre, cujo sangue está todo na vermelhidão das faces, e cujos impetos residem na loquacidade palreira, é como o passarinho indifferente que vae pelo campo fóra, de planta em planta, acordando os echos com os seus ruidos, mas sem lhes ensinar um unico gorgeio de amor; as mulheres como Julia são as pombas que se reclinam por entre as flores, que pedem ao sol um raio que as afague, e que parece suspirarem pela felicidade nos seus enternecidos arrulhos.

Vendo-a, comprehendi como Pedro, a alma rebelde tantos annos ao amor, podesse ter sido avassalado logo. Que infinito encanto não deveria ter tido aquelle primeiro olhar! como aquelle seio se dilataria sofrego! que fogo ethereo viria arraiar no azul d'aquella alma! A conversação proseguira dando cada vez mais largas á familiaridade; pedi a Julia que tocasse alguma coisa; ella olhou para Pedro, levantou-se, e foi sentar-se ao piano. Correu os dedos finos pelo teclado: eram as primeiras volatas do rouxinol que ensaia a voz para se desentranhar em melodias; depois começou a tocar a *Somnambula*.

Ó Bellini, ó divino artista, ó poeta melancolico, onde irias tu inspirar-te d'aquelles cantos, aprender aquellas plangentes notas? Tu não ensurdeces, não pedes ao ruido o ef-

feito das tuas operas, não nos descarregas uma bateria de gammas, não nos embrenhas por entre os florões e laçarias corinthyas, não nos fazes perder em meio dos tufos rossinianos; tu és simples como a natureza, profundo como o coração humano; no teu canto largo e *spianato* rebentam as flores de Ophelia, aquellas flores de que te adornaste, poeta, e d'entre as quaes soltaste o espirito sublime. Que te importava a ti, alma afinada pelos anjos, que te importava o bulicio da orchestra, o peso das instrumentações, a tempestade das vozes, o ramalhar dos coros? A tua alma era uma lagrima, que o fogo da inspiração fazia subir a Deus em fumos de uma saudade maviosa!

Julia traduzia admiravelmente a apaixonada tristeza d'aquelle canto; o piano soava para mim de uma maneira extranha, nunca sentira uma commoção tão vaga. Por quê? Não o sabia então; não o sei agora; mas lembrava-me como que de um outro mundo em que tivesse estado, e aonde houvesse distinguido os mesmos sons e estremecido aos mesmos bafejos de felicidade.

Quande se levantou do piano estava ainda mais pallida; offereci-lhe o braço e conduzi-a para o sopha.

—Não, disse-me ella com um sorriso e dirigindo o olhar para Pedro; vamos antes para o jardim, não é verdade? O sol de hoje não queima, e a sombra d'aquella acacia lá em baixo é fresca. Venha, minha mãe, venha; Pedro disse-me ao ouvido que este senhor tinha para nos dizer coisas muito lindas... concluiu ella dando á voz um requebro gracioso e deitando-me um olhar obliquo.

—Pelo que vejo, Pedro desmascarou-me o incognito?

—No que praticou uma acção excellente, não concorda? Os poetas e os principes devem mostrar-se a claro; fica-lhes mal o fingimento. É preciso que toda a gente os acate. Lembra-se d'aquella historia em que um rei disfarçado em

caçador foi dar á cabana de certo rustico? O pobre homem recebeu-o seccamente, e tratou-o como de egual para egual. Depois, quando o rei se descobriu, que lastima era vêr o companheiro a desculpar-se envergonhado! Entende-me?

—Agradeço-lhe, minha senhora; a comparação é lisongeira em extremo, mas acceito-a por amor da classe.

—Ah! este senhor é poeta! dizia a mãe fitando-me mais attentamente, como quem começa a medir a gravidade do interlocutor.

—Um pouco, minha senhora, um pouco; baptisaram-me com esse nome pomposo. Boas foram as mãos que me impozeram o sacramento; eu é que desconfio ter ficado sempre herege.

—Conhece então o Tolentino, aquelle maganão endiabrado que se entretinha em assoalhar os defeitos da gente? É um genero que faz rir, mas que molesta alguma coisa. O senhor não é dado á satyra?

—Nem por sonhos; detesto-a. Além d'isso, a nossa epocha é por tal modo sã e escorreita, que não sei contra quem possa desfechar-se um tiro.

—Contra os politicos chilros, exclamou Pedro,—contra os barões.

—Esses já lá tem o seu calvario nas *Viagens na minha terra*.

—O que é ter a immortalidade...

—Do ridiculo.

—Nem essa mesmo elles mereciam, coitados!

III

Chegámos ao jardim, sentámo-nos, a ramagem da acacia em que Julia fallára cobria-nos com a sua sombra agrada-

vel, a serenidade do espaço reflectia a de nós todos, e nos labios d'aquellas duas mães encanecidas brincava o sorriso da alegria, como no olhar dos filhos relampagueava a centelha do amor.

Eu era o unico elo solto d'aquella cadeia affectuosa.

A principio houve uma especie de silencio contemplativo, cahiramos todos n'um estado de passividade, de embevecimento talvez. A felicidade é muda. Porque ha de o amor trivial, o amor das salas ou dos bailes, o amor improvisado no redopiar das valsas, porque ha de elle ser palreiro e impertinente? Porque é apenas um capricho que se extinguirá com o clarão dos lustres e com o viço das grinaldas. As tempestades humanas são como as da natureza; tem os seus presagios n'um silencio intimo e triste. De que nasce aquelle amor de Werther e Carlota? De uma lagrima,

—Em que pensa? perguntou-me Julia de repente, fazendo um esforço para se arrancar áquelle torpor dos sentidos.

—Pensava no *Othello*, minha senhora, no *Othello*, que hontem ouvi cantar deliciosamente; dou a Pedro por testemunha.

—E o que pensava d'elle? Desculpe-me a pergunta indiscreta; mas eu quero tanto bem áquella musica, que desejo saber sempre o que pensam d'ella. Veja o que diz: olhe que Rossini tem em mim uma defensora intrepida.

—Não o atacarei agora; e demais, não era n'elle em que eu pensava, com verdade. Pensava no *Othello*, mas no moiro, na extraordinaria creação da tragedia ingleza. Perguntava a mim mesmo como os anjos se podem captivar dos condemnados, como Desdemona endoideceu por um negro, como as pombas se casam com os tigres. É notavel esta alliança da luz com as trevas.

—Não tanto como lhe parece, interrompeu-me Pedro; eu percebo a fatalidade do coração humano. Um facto apparentemente banal traz muitas vezes em si os germens de irresistiveis consequencias. Faça com que a filha de Brabancio não oiça a historia das peregrinações de Othello, e verá como ella o aponta ao ridiculo de Veneza. O amor sahiu-lhe da piedade, as lagrimas fecundaram-lh'o; é corrente.

«Amor ella sentiu ouvindo as minhas penas,
Eu, de assim vêl-a triste, amor senti por ella.»

Ahi tem n'esses dois versos, concluiu elle levantando-se, a origem do que se lhe afigura maravilhoso.

—Mas da piedade ao amor vae muito. Entende-se que Desdemona lamentasse e chorasse as desventuras do negro; mas que o amasse até morrer por elle, é que é um tanto incomprehensivel.

—Natural, diga antes; não lhe parece, Julia? O amor é uma verdadeira esphinge, para que nunca se encontrará Edipo. Tudo se adivinha, tudo se decifra, tudo se descobre, todas as cerrações se desvanecem, todos os nevoeiros se dissolvem. Os hieroglyphos tem Champollion, o mar tem Colombo, os volcões tem Plinio, o céo tem Kepler e Newton; o coração é o mysterio. A gente assiste ás suas multiplices transformações, admira-as, mas não as explica. Por que ha de a mulher amar aquelle em vez d'est'outro? Por que se ha de nortear a bussola? Eu sei!... porque para ambas existe uma grande somma de attracção, quer lhe chamem sympathia ou magnetismo. Em questão de amor, meu caro, nada ha tão natural como o incomprehensivel.

—Soberbas doutrinas com que se evitam as discussões; não creio n'essa fatalidade despotica.

—Porque nos humilha. Prégâmos a liberdade, e somos

escravos do invisivel; quebrâmos a cadeia de ferro, e não conseguimos partir a de um olhar. Resigne-se, meu poeta; o seu coração ha de ir até onde lh'o levar o vento. Para onde julga que se dirige aquella folhinha que se desprendeu agora? Veja lá se alguem o suspeita!

O nosso dialogo, como vêem, tinha subido a um certo cocuruto de transcendencia; Julia, quando a conversação entrava por estes caminhos invios e tortuosos, entretinha-se em apanhar algumas flores dos alegretes.

Era uma gentil creança, aquella Julia; intelligente e boa, sem um vislumbre de orgulho infatuado, sem uma sombra de pretenção ridicula. Os Mascarilles não tinham que fazer com ella, e as Madelons muito menos. A sua vida partia-se em duas quadras apenas: a do collegio e a do amor. Fallava na primeira com a singeleza da innocencia, e na outra com o enthusiasmo da paixão. Aquelle jardim era para ella o universo inteiro; não suspeitava que lá fóra houvesse outro mundo nem outra felicidade. Ás vezes começava a devanear o seu futuro com Pedro, o céo azul, as rosas, os contentamentos que a esperavam; e então batia as mãos com uma graça infantil, que me fazia sorrir e scismar ao mesmo tempo.

Pedro adorava-a; a sua alma, concentrada tantos annos, havia-se aberto n'uma explosão affectuosa. Andára pelo mundo á tôa, cego, perdido, indifferente, morto para tudo o que não fossem os sentidos, estranho a enlevos, solitario no meio dos homens. Um dia aquelle anjo veio sentar-se-lhe ao lado, acordou-lhe o espirito adormecido, arrebatou-lh'o, embebeu-lh'o em luz celestial, em clarões de uma alvorada etherea. Abríra os olhos, e dera com aquelle rosto inclinado sobre o seu rosto, com aquelles labios entreabertos pelo mais carinhoso amor. Como não havia a sua alma de voar toda para aquelle seio offegante? como é que o

seu pensamento poderia deixar de habitar n'aquelle sanctuario?

Os filhos quando despertam no regaço materno, e quando, antes de haurir a vida nos peitos que estremecem, erguem a vista para cima, dão sempre com aquelle céo aberto de uma fronte desassombrada e amoravel, céo onde reluzem duas estrellas propicias. D'estes olhares que se trocam, d'estes sorrisos que se confundem, d'estas aspirações que se casam, d'este enlace divino, é que procede, é que resulta o amor. O de Julia e Pedro era feito da puresa dos anjos e da ancía dos homens: era um raio de sol de maio brincando no verticillo das rosas.

Demorámo-nos no jardim até ás horas de jantar; os assumptos variaram de continuo, debateram-se as altas questões da arte e da moda, citaram-se poetas e figurinos, as excellencias do *poil de chèvre* succederam-se ás da *Jerusalem libertada*. Este esvoaçar no dialogo dá-lhe um sainete inestimavel. A conversação methodica, regrada, e circumscripta, é como aquellas batalhas antigas em que os regimentos se moviam a passo grave e de gasnate erguido; o dialogo travêsso, borboleteador e inconstante, é a peleja moderna, á carga, de um a outro ponto, saltando-se os combros, vadiando-se os rios, sem mochilas de erudição empanturrada. Nós entravamos na bateria como os zuavos em campanha: estavamos muito longe dos Benedeks da academia. Ás tres horas subimos para jantar.

—Sabe que nos casaremos em breve? disse-me Julia ao subir a escada. Receio que Pedro se me antecipe a convidal-o, e por isso o convido agora. Ha de ser nosso esse dia; não falte. Admira-se da sem-ceremonia com que o trato? É que o conheço ha muito. Pedro fallava-me tantas vezes a seu respeito, e por tal modo, que me obrigou, mesmo a distancia, a consagrar-lhe affecto. Ha de ser nossa visita,

ha de acompanhar-nos nos serões de inverno. Eu não sou das que mais apreciam os bailes; gosto do socego da casa, do conchego da familia, do meu chá, do meu piano. Sou um pouco selvagem, confesse. Que quer? Cresci assim, e assim hei de continuar... se fôr essa a vontade do meu noivo, concluiu ella estendendo a mão para Pedro, que lh'a apertou, levando-a aos labios.

O jantar estava na mesa: as brisas frescas do jardim haviam nos desenvolvido o appetite. Quando o espirito se desafoga, o estomago alarga-se. Eu, sem ser epicurista, morro por um jantar entre amigos, quando elle é tão bom como a amisade. A cosinheira de Pedro era uma vergontea dos Apicios romanos, modificada pelo seculo; merecia a corôa de loiro, que póde significar tão bem a galhardia nas luctas como a aptidão nos adubos. Acabado o jantar, fomos tomar o café para a sala; momentos depois estava Julia sentada ao piano, e as suas bellas mãos percorriam o teclado em caprichosas melodias.

—Ah! exclamou ella levantando-se de subito, e indo buscar acima da jardineira um album em que eu até alli não reparára; quero pedir-lhe uma coisa: ha de escrever-me algumas palavras.

Á vista do album senti um calefrio correr-me pela espinha abaixo, e as pernas vacillaram-me como as de um ebrio.

Julia sorriu-se.

—Assusta-se? perguntou-me ella. Não creia que lhe dou um d'esses livros medonhos que são o flagello da humanidade. Este album é modesto e simples; deu-m'o uma companheira de collegio; guardei-o seis annos; um dia Pedro viu-m'o e escreveu-lhe duas linhas; tinha-o agora para lhe desenhar aquella acacia, a cuja sombra nos temos sentado tantas vezes. Memorias para o futuro! Peço-lhe que tambem escreva... o seu nome, pelo menos.

—Com todo o gosto, minha senhora.

Abri o album; na primeira folha havia estas palavras, escriptas por Pedro: «Hoje e sempre; ahi tens a divisa do meu amor.» Peguei na penna, sentei-me, e dispuz-me a escrever tambem. Não sei que fatal presentimento me havia assaltado n'aquelle instante; ondeava-me na cabeça um tropel de idéas sombrias; condensava-se-me em volta um fumo negro de tristeza. Voltei a folha e escrevi:

«Quem sabe o que ha de ser? A estrella d'hoje
Póde extinguir-se, a pomba que além foge
Póde o seio rasgar;
Murcha-se o viço á candida magnolia,
Ai, quem sabe tambem se d'harpa eolia
Ha de o canto expirar!

«Immensa escuridão! Debalde o triste
Alonga o turvo olhar, e insiste, e insiste
Para entre as sombras vêr...
Anjo d'amor que em sonhos te reclinas,
A tua doce paz d'horas divinas
O que ha de ámanhã ser?

Ao acabar a ultima palavra tive tentações de rasgar a folha. Parvo, parvo, o que fôra eu alli fazer com as minhas lugubres caturrices? Depois de um juramento, de uma idéa calorosa, de um arrobo de amante, fôra eu com a minha penna de coruja lançar o traço aziago, embaciar o crystal, turbar talvez aquelles dois corações ardentes. Era impossivel remir a culpa; praguejei contra mim no intimo, e entreguei o album.

—Não repare no que ahi vae escripto, minha senhora, é um conceito velho que nada tem com v. exc.ª Deveria ter escripto outra coisa, penso que sim, mas não me lembrava agora.

Estava corrido, nem atinava com uma soffrivel desculpa. Julia correu os olhos pelos versos, e passou o album a Pedro.

—É triste, não lhe parece?

—Triste? é horrivel! A musa do meu amigo tinha agora despido as suas roupagens alvissimas, e enfiado uma sotaina de lemiste. Que tal, hein? Vá lá a gente de boa fé entregar-se nas mãos de similhantes philosophos! Apanha uma d'estas moralidades que estão mesmo a pedir abrigo nas lacrimosas noites de Young.

—Tem razão, meu caro Pedro; esqueci-me que escrevia no album de uma noiva de vinte annos, e ajorquei duas estrophes que nem para epicedio de aldeia. Castigue-me, castigue-me; eu cá estou de mãos postas resignado ao flagicio.

—Que bem o merecia, acudiu Julia, dando á sua meiga voz um tom de acrimoniosa severidade. Um dia de campo devia ter-lhe inspirado palavras mais alegres, mais consoladoras. Não sei, não sei, continuou ella curvando um pouco a fronte graciosa, e fazendo um gesto de creancinha agastada,—parece que se aborreceu de estar comnosco!...

—Juro-lhe que se engana, minha senhora, exclamei eu estendendo-lhe a mão que ella me apertou entre as suas; deve rasgar a folha onde escrevi tão grande frioleira. Pedro repetirá na seguinte o seu protesto. Desculpe-me. A alegria excessiva entristece; o peso do bem cança o espirito. Todos os excessos molestam, todos os pesos derrubam. Foi o que succedeu commigo.

A noite aproximava-se; o grande disco do sol que afogueava o céo desmaiava pouco a pouco, e as montanhas iam trocando a sua côr ardente pelo negro manto das sombras. Tinhamo-nos sentado á varanda; pela estrada desfilavam duzias de ranchos cantarolando alegremente.

Quando o espirito se acha n'uma certa disposição para a melancolia, o quadro dos contentamentos alheios incommoda-o e irrita-o. Haverá n'isto egoismo? Haverá n'isto inveja? Eu sei! o homem é monstruoso. Lucrecio, o poeta illimitado, o velho Hamlet, o terrivel sondador do enigma, mostra em dois versos o fundo d'esta humanidade quasi anjo e quasi demonio. «É bom vermos da terra o naufragio dos outros», dizia elle. Por que não ha de, pois, causar tristeza o contemplarmos do Oceano os que dormitam na praia? Humanitarios de romance, philosophos de redondilha, irmãos terceiros de todas as ordens, Martinhos que cortaes metade da capa se porventura tendes mais duas e um bom fogão acceso, que sonhos maus vos inturvam os vossos somnos beatificos? Quando entrincheirados na poltrona, e com os pés conchegados nos pantufos caseiros, deitaes as vistas por esse mundo fóra, por que não dispensaes o vosso barrete de algodão, pelo menos, e por que não cubris com elle a fronte loira d'aquella creancinha pobre que além vae pela rua ao frio e á chuva? Por que não ides dar o braço ao velho que se abordôa a caminhar para a cova, em vez de arredondardes o periodo caridoso? Bemaventurados os collaboradores da *Moral em acção*, que escrevem com penna de oiro, e que fabricam os seus conceitos entre uma dentada de biscoito e um trago de aguardente de ginjas; mas desgraçados dos que tem de lêr taes paginas, devorando aquelle pão amargo de que nos falla o Dante, e bebendo sobre elle as lagrimas mais amargas ainda!

Desculpe-me o leitor esta digressão desenxabida e futil; depois de lhe dizer que nos haviamos sentado a uma varanda que deitava para a estrada, e da qual se descobria o campo e o céo até longe, deveria ter adoptado um estilo de madrigal, preferivel a todos os respeitos ao de um sermão do advento. Que quer? As varandas dos jardins nem

sempre produzem os mesmos effeitos. A de Julieta perfumava-se com aquelles versos divinos que hão ser o desespero de todos os lyricos, e a de Julia envolvia-se em a nossa mudez profunda. Tanto n'esta como n'aquella havia dois corações que se estringiam n'um amplexo de amor sublime, dois pensamentos que subiam a Deus na mesma aspiração angelica, duas pombas que se tocavam com a ponta da aza, anhelando pelo thalamo das murtas floridas e pela solidão dos bosques; o que na varanda de Julieta não havia, de certo, era quem tivesse escripto n'um album duas estrophes agoirentas como o pio do mocho ou como o uivar de um cão de quinta.

Estava bem abatido o meu orgulho, se é que eu sou pecadoraço de tal genero; a poesia embiocada, o verso gatarrão e pingado, a musa de balandrau e tocha, a inpiração dos que fazem confinar o Pindo com o *Pere Lachaise*, haviam escalado o meu fraco bestunto: os cyprestes baloiçavam contentes a sua ramagem pyramidal.

Já passava das nove horas quando me levantei para sahir. Despedimo-nos com a cordialidade de amigos velhos; a mãe de Pedro pedia-me que voltasse em breve, e Julia secundava-a de um modo affavel e insinuante. Prometti voltar. Em poucos dias deveria ser o casamento; queriam-me ter por testemunha. Sêl-a-hia.

Quando eu já punha o chapéo, depois de ter feito o ultimo comprimento da despedida, senti que alguem me tocava; olhei, era Julia. No seu olhar triste e doce havia não sei que infinito mysterio; ainda tinha a mão pousada no meu hombro, e fitava-me em silencio. Quando os meus olhos deram nos seus, baixou-os, e ouvi-lhe balbuciar mansinho:

«A minha doce paz d'horas divinas,
O que ha de ámanhã ser?...

Eram ainda os ultimos versos da estrophe.

—A felicidade! respondi-lhe eu; mas no intimo do coração parecia haver-me cahido uma lagrima.

IV

Digamos mais algumas palavras a respeito de Pedro.

Apresentamol-o apenas em relação ao mundo dos bailes e das sociedades elegantes; mostrámol-o na sua vida exterior e futil, na vida dos bons ditos, das amabilidades ou das dissertações romanticas; sabemos olhar elle as damas com a frieza de um coração inaccessivel, julgar os factos com a discrição de uma cabeça recta, fallar em arte com o gosto de um sentimento apurado, e discutir sobre o *petit-point* com a competencia de mr. Sajou.

Resta-nos conhecel-o por dentro, para melhor comprehendermos os acontecimentos futuros.

Pedro, apartado do mundo em que vivia, segredado dos homens, recolhido no seu quarto, era, apesar dos vinte e oito annos, aquillo a que se chama um pensador. Tocava com um dos hombros em Epimenides, e com o outro em Montaigne; era o philosopho da piedade e da duvida. Ás vezes tinha phantasias singulares, abstracções completas. Uma idéa era para elle um fosso; mettia-se dentro e procurava profundal-o. No fundo d'este fosso havia, comtudo, luz. Quando se sentia propender para tal estado, deitava-se no leito, cravava os olhos no tecto, e devassava o desconhecido.

Pensar é conversar com o invisivel; como se estabelece este dialogo em que o nosso espirito interroga e é interrogado? em que pergunta e responde? Pensar é cavar nas

trevas. Como no seio do mar se encontram as perolas, no seio das nuvens encontram-se os raios.

Pedro, entendamol-o uma vez por todas, não era um d'esses homens que passam a existencia debruçados sobre o abysmo; era simplesmente um rapaz que, vendo cahir as folhas dos arvores, não se lembrava só de estar proximo o inverno, e que tambem punha os olhos no céo para vêr alguma coisa mais que as estrellas. Detestava as convenções palavrosas, e preferia os contempladores da Chaldéa aos methaphysicos de Weimar. Era um pensador e nada mais.

Dito isto, fica sabido que pensava em todas as coisas. Nas regiões superiores ha lufadas imprevistas; o espirito que até ellas sóbe volteia como uma grimpa.

Havia uma coisa que absorvia Pedro a miude; era a humanidade que chora, como elle costumava expressar-se. As creanças, a quem a innocencia põe a cabeça entre os anjos, e a desgraça os pés sobre o lodo, davam-lhe assumpto as cogitações diversas. Tornava-se então utopista, devaneava brutalmente, ensandecia até o ponto de crear um universo de luz, do qual o bem seria dictador supremo. O proprio Thomaz Coram, se n'estas occasiões o apanhasse em flagrante, chamar-lhe-hia redondamente louco.

Tinha para si que o melhor ponto de todas as religiões era a caridadde; d'aqui resultavam-lhe predilecções extraordinarias. Um prégador era para elle um realejo, uma machina de palavras, cuja manivella girava a tantos réis por hora. Fazer-se um homem padre equivalia a arranjar um officio. Quando se punha a andar por estes caminhos fóra chegava a pisar os calcanhares da heresia.

Duvidava de muitas coisas; nem todos os reformadores lhe quadravam, como nem todos os martyres o seduziam. Lamentava Servet queimado por Calvino, e ao flagicio dos christãos pelos imperadores contrapunha a revogação do

edito de Nantes. Tinha originalidades para que os bons devotos pediriam o queimadeiro de Torquemada.

Da religião passava insensivelmente para a litteratura; n'umas certas eminencias da arte odiava os traductores. Traduzir era plasmar; o traductor estava para o original como o formador para a estatua. Gostava das individualidades; queria que cada qual fosse o que fosse. Por isso preferia Chaulieu a Bertin, como sustentava que Milton não desbancára Andreini.

Na antiguidade o seu maior homem era Eschylo e depois Aristophanes, como nos tempos modernos pensava em Molière depois de admirar Shakespeare. Queria que as azas do genio servissem para voar ao céo e para açoitar os vermes; lembrava-se da aguia rompendo as nuvens, e da aguia dilacerando as viboras.

Os versos melodiosos enterneciam-n'o; um dia, ouvindo lêr as *Noites* de Musset, esteve a ponto de esbofetear um critico que se rira de o vêr enxugar uma lagrima.

Pensava tambem no suicidio; as theorias de Werther não lhe pareciam dissonantes. Acceitava os males do espirito como os do corpo; d'isto concluia que para os ultimos era inevitavel a morte natural, como para os primeiros o tiro de uma pistola. Dar a um gatilho era consequencia de uma enfermidade moral, como cahir fulminado era effeito de uma congestão violenta.

Assentára estes principios como muitos outros, sem que cuidasse em realisal-os; julgava ser bom apparelhar-se para todas as eventualidades, saber o meio prompto de resolver qualquer estorvo. N'isso tinha-se por mais adiantado que Hamlet.

Quando o amor de Julia lhe invadiu o coração, toda esta serie de raciocinios lhe foi dando campo a imaginações mais risonhas, a idéas mais agradaveis. Os olhos, que até alli

costumavam dilatar-se por campinas sombrias, concentravam-se então em paragens luminosas; os espinhos de duvida em que elle tantas vezes rasgára o entendimento, despontavam-se-lhe a pouco e pouco, trocando-se em perfumadas boninas. Cria nos reviramentos do coração como se póde crêr no giro da uma rosa de ventos. Temia, não por si, mas por ella. Se este amor desandasse, o que seria do futuro? se o amor d'aquella mulher se voltasse para outro polo, o que seria d'elle no mundo? Impossivel.

Achar-se um homem na terra como um navio no alto mar, sem leme, sem bussola, sem claridade, sem esperança, sem alento, em fim, sem o amor, que é o impulso e o destino de todas os coisas, era para elle um caso que se lhe afigurava medonho, e que lhe encobria o sol estivo com que os anjos lhe arraiavam o cerebro.

Tal era Pedro na sua existencia moral.

O casamento, que para elle fôra por muito tempo um estado de encadeamento e de tortura, ia-se-lhe mostrando agora de um modo differente. Convencêra-se que para um homem era, pelo menos, acto tão natural e simples casar-se como vestir-se. Admittido o simile, distinguia o bom do meu casamento, isto é, o burel da purpura. Ora Julia era uma creança affavel, singela, sem caprichos loucos, sem exigencias desassisadas; que tinha elle, pois, a receiar?

Quinze dias depois da minha estada em Carnide recebia eu uma carta de Pedro, avisando-me para no dia seguinte assistir ao casamento. Fui, como havia promettido. Na egreja os convidados eram poucos: o meu amigo era um tanto reservado em pontos de amisade; quando chegava a expandir-se é porque a tinha sincera.

Julia estava mais pallida do que na primeira vez que a vira: o pudor e o jubilo haviam-lhe feito affluir o sangue todo ao coração. Estava assim mais linda, com o olhar que-

brado e um não sei quê de languidez ethérea no semblante e no corpo.

Era bella de mais para mulher, e seductora de mais para anjo.

Quando a ceremonia findou, apertei-lhe a mão felicitando-a. Cravou em mim os olhos negros e tristes, mas em cujo fundo lampejava um raio de luz celestial e candida, e balbuciou não sei que palavras de agradecimento que me soaram no ouvido como o rumorejar das folhas de uma rosa.

D'alli partiram para Carnide; acompanhei-os. Afóra um pequeno numero de parentes e de amigos velhos da casa, era eu a unica pessoa a que se fizera convite. Não havia nada que se assimilhasse menos a festejo: era uma simples reunião de familia, desceremoniosa e franca.

Julia foi pouco a pouco ganhando a côr e a jovialidade; apertava a mão de Pedro entre as suas, levantava-se sem motivo, buliçava como uma andorinha, até de novo poisar no seu ninho ao lado do companheiro. Que suaves clarões irradiavam aquelles dois noivos! que secretos esponsaes não faziam aquellas duas almas trocadas n'um olhar e accesas no mesmo fogo? que mysticos enternecimentos n'aquelles seios, e que paraizo n'um beijo dado a furto, ao de leve, n'um simples roçar de labios, beijo que ninguem via, porque ninguem dava, que mais parecia o suspiro de uma creança, mas que os anjos perfumavam de extasi, e com que o ar se embalsamava! Oh! o primeiro beijo... quem o podéra haver em troca de quantos nos matizam depois a vida!

Era ainda cedo quando me despedi para partir; sentia-me pesado em meio d'aquella atmosphera de bemaventurança.

—Deixa-nos? perguntou Julia ao vêr-me de pé, e inclinando graciosamente a cabeça sobre o hombro do seu noivo.

—Sim, minha senhora.

—Mas não se ha de esquecer de nos fazer companhia... ámanhã... depois... sempre. Bem sabe que o meu piano aborrece ao fim de uma hora, e eu não quero que Pedro se aborreça. Venha para conversarmos; sacrifique-se, sacrifique-se.

Apertei-lhe a mão, e beijei-lh'a com respeito, dei um abraço em Pedro, e sahi. Pelo caminho não sei quantas mil coisas me parafusavam no espirito. O que é a felicidade? dizia eu com os meus botões, ora pensando em Julia, ora esquecendo-me a ouvir o cocheiro que lá fóra assobiava a *Lucia*. O que é a felicidade?...

Manso e manso foram-se-me cerrando os olhos, os solavancos da sege embalavam-me a proposito, e a cabeça pendia-me, não sei se ao peso das idéas substanciosas, se ao do somno importuno. O que posso affirmar é que só dei por mim quando a porta da sege, abrindo-se, me deixou estrondear aos ouvidos a voz do meu conductor. Tinha chegado a casa.

O que é a felicidade? ruminava eu subindo tropegamente os degraus da minha escada; é tudo e é nada. Percorrei o mundo, e cada qual vos responderá a seu modo. Para Pedro é hoje o amor; o que será ámanhã? Para mim é n'este momento a cama; o que será d'aqui a horas? O abysmo estende-se ante nós e a escuridão circumda-nos. Acceitemos tranquillamente os factos.

«Pan! pan! est-ce ma brune,
Pan! pan! qui frappe en bas?
Pan! pan! c'est la fortune;
Pan! pan! je n'ouvre pas.»

E cantarolando este delicioso quarteto do velho Anacreonte da França, entrei em minha casa, e despi-me, resolvido a não abrir a porta nem á melhor fortuna que me ba-

tesse á campainha, só para não perder a de me embainhar nos lençoes, que me sorriam n'uma dobra alvissima.

Oh! dormir é de certo o unico bem real e importante que se tem descoberto dês que o mundo é mundo. Dormir é viver, digam lá os philosophos o que quizerem contra este meu aphorismo. É então, quando o somno nos colla as palpebras, que os olhos do espirito se abrem e devassam horisontes novos. Comei, bebei, fumae, tomae o vosso copo de Madeira ou de surrapa franceza, ide a Chamounix, ou á feira do Campo Grande, subi o Jungfrau ou a montanha do passeio da Estrella, banhae-vos na Margueira ou em Biarritz, deixae crescer a barriga e embranquecer a fronte, levae a esposa ao cyclorama ou jogae com ella o cassino, embalae o berço do vosso recem-nascido ou indagae o preço da vitella, ide assistir ás discussões sobre as espingardas de Enfield ou commentae com os amigos o veridico processo dos thugs, escrevei ou emprestae dinheiro a juros, fazei versos ou eleições, sêde poeta ou ministro, cingi a corôa de loiros ou o chapéo de plumas; que significa tudo isso? Lidastes, e o suor da lida cahiu-vos sobre as flores que esfolhastes ou sobre as lagrimas que vertestes. Quando o somno vos entorpecer os membros, quando o espirito se erguer isento sobre esse montão de argilla, que andou a voltear na rua e na praça, será então que a vida sahirá da morte, que a aurora surgirá das trevas!

Quando no dia seguinte me levantei da cama, tinham-me esquecido todas estas reflexões opilativas. A manhã apontára limpida e serena, apesar de estarmos em principios de dezembro; o céo azul, e de uma transparencia vitrea, parecia ainda humedecido pelo orvalho: era como os olhos meigos de uma virgem onde se acabasse de limpar uma lagrima.

O vento fresco deliciava em vez de confranger, regalava

os polmões em vez de os fazer tiritar. Rompêra, na verdade, um dia consolador, festivo, salutar, cheio de aromas acres, impregnado d'esse cheiro activo que reanima, transsudando não sei que bom e indefinido contentamento.

Acabavam de dar dez horas; o sol, aquecendo o ar, havia derramado pelo espaço um brilhantismo offuscante; os horisontes alongavam-se até se confundirem com o mar, e o mar, baloiçando-se indolente, deixava resaltar das aguas como que chispas luminosas.

Seria indiscrição visitar Pedro? Não de certo. A franca amisade estabelecêra quasi um parentesco. Depois, aquella manhã incitava-me ao campo; era impossivel resistir-lhe.

Puz-me a caminho; havia muito que o coração se me não espraiava por jubilos tão serenos e ao mesmo tempo tão vagos. Como eu me sentia bem a andar por aquelles campos fóra, estendendo a vista por aquellas terras pardacentas, onde aqui e alli frondeavam os olivedos! Umas nuvens raras fluctuavam lá em cima, similhando folhas de neve, e as aves, agitando-se e brincando sobre os parreiraes das quintas, parecia festejarem aquelle sol que banhava de claridade a natureza.

Fui assim caminhando insensivelmente, atê que, a final, me achei em Carnide.

Julia estava sentada á varanda com Pedro. Os dois passarinhos haviam deixado o seu thalamo mysterioso, e abençoavam n'aquella hora a Providencia. Apenas me avistaram, senti-os chilrear de um modo que me dizia bem claro não lhes ser importuno.

Cumpre-me agora abrir aqui um parenthesis para dar satisfação a qualquer leitor de mais fino porte, para quem seja horrososo o eu ter ido pedestremente até Carnide. Não vale a pena o espanto. A manhã estava fresca, o movimento agradava-me, a liberdade do campo aprazia-me, em fim,

aquelle peregrinar mansinho por uma boa estrada, tendo acima da cabeça o céo, em vez do tejadilho, e a um e a outro lado as hortas verdes e fartas, em troco das portinholas de um carro, eis o que me fizera adoptar um alvitre ao mesmo tempo poetico e economico.

Theocrito dera as mãos a Adam Smith, e ambos haviam conspirado contra este misero mortal, que jura nunca ter lido o primeiro, e que espera em Deus não ler o segundo.

—Fez muito bem em vir, dizia Julia apertando-me as mãos, ora córando, ora sorrindo como uma creança a quem o pudor não sabe ainda conter a felicidade. Queriamos convidal-o para nos acompanhar a uma digressão, a um passeio no campo. Pedro quer partir para Lisboa, diz que o inverno aperta, e eu tenho dó de deixar estas arvores sem lhes dizer solemnemente um adeus. É nosso?

—Com mil vontades. Pagaremos o ultimo tributo a estes troncos que se despem, e a estas folhas que se seccam.

—Diremos como Gilbert, interrompeu-me Pedro:

«Adieu, champs quej'aimais, adieu, douce verdure,
Adieu frais ombrages des bois.»

—Não, não conclua; a quadra fecha tristemente. Gilbert, a alma enferma, despedia-se para sempre dos campos na primavera da vida e do talento; nós despedir-nos-hemos para entrar n'um outro mundo, mais semsabor, é verdade, mas tambem, seja dito, mais agasalhado para a epocha.

—A poesia exclue o fogão e o capote, senhor cultor das musas; ao poeta basta a relva do prado para leito e o manto do céo para cobertura.

—Essa theoria é velha; ha muito que o paiz a adopta.

—Pelo que vejo, diz então mal do idyllio?

—Não; mas prefiro um bom sophá á cama de todos os

pastores de Virgilio. Além d'isso, meu amigo, o amante de Dulcinea fez-se bucolico no ultimo periodo da doidice.

—Misericordia! estamos perdidos. *Les dieux s'en vont*, os poetas desappareceram!

—Ainda não; bem vê que ainda não desappareceu o amor.

—Hein? que te parece a modestia, Julia?

—Verdade, Pedro; a poesia não é o metro nem a rima, como uma virgem de Murillo não é a tinta sobre a téla. Quantos poemas lhe haverá entoado hoje o coração? Quantos versos lhe tem suspirado no ouvido? Já os leu tão bellos em algum livro? Não, que eu saiba. Creia, meu amigo, onde estão duas almas que se abraçam estão dois poetas que se corôam.

—Venceu-te, Pedro, exclamou Julia radiante e sem poder conter a effusão que lhe brotava do intimo; venceu-te.

Pedro beijou-a na fronte, e, cravando-me um olhar de soberana felicidade, parecia contar-me o que nas folhas candidas d'aquelle seio os seus olhos haviam lido n'um extasi.

Oh! o primeiro dia de amor que se dasafoga em caricias, de timidos devaneios que se transformam em inexplicaveis verdades! Descobrir o que era um sonho, possuir o que era um desejo, encontrar o que era uma phantasia, estender as mãos na sombra e dar com um mundo novo, ser o Colombo de um paraiso creado pelo espirito em noites mal dormidas, chegar aos labios o pomo que até alli um anjo de Deus cobria com a ponta da aza... Como tudo isto me passa ainda pela imaginação, e como eu sinto que estes perfumes de mocidade e de prazer me trazem uma segunda primavera!

V

O dia seguiu como havia rompido, bello e sereno. Sahimos a divagar, a caminhar pelos campos, a despedirmo-nos dos valles, a colhermos as ultimas flores que ainda timidamente se baloiçavam por entre os silvedos das sebes.

Julia era uma creança na alegria effusiva, na simplicidade descuidada, na innocencia do espirito. Corria e conversava; ora deitava o braço em torno da cintura de Pedro, estringindo-o carinhosamente, ora se volvia para mim chilrando como um passarinho. Porque a regozijava aquelle dia? O outono é a quadra dos que já tem vivido, a primavera é o tempo dos que começam a viver. No outono caem as folhas, na primavera desabotoam-se as rosas. Por que é que Julia não sentia a tristeza d'aquellas nuvens que se libravam no espaço indecisas e melancholicas? Por que é que se lhe afogueava o rosto em quanto eu deitava os olhos, scismando, pelo azul dos horisontes? Por que na sua alma se levantava o sol das intimas felicidades, sol que lhe allumiava o universo inteiro, que lh'o povoava de miragens encantadoras, que lh'o enchia de aromas e de matizes; e as sombras do outono não eram tão densas nem tão bastas que podessem empanar de leve aquellas irradiações vivissimas.

—Tens pena em deixar o campo, Julia?

—Não; só a teria em te deixar a ti.

—Galanteias-me?... Que lhe parece, meu amigo? É bello ouvir estas palavras de uns labios que jámais se abriram n'uma mentira. Oh! começo a sentir-me egoista! A felicidade é um precipicio.

—Alegro-me de o vêr tão evangelico, meu caro Pedro. Bemaventurados os que choram!

—Não, bemaventurados os que não sentem na face uma lagrima, nem na cabeça um pensamento doloroso. A felicidade é um precipicio, deixal-a ser. Apraz-me a fascinação voluptuosa, quero debruçar-me sobre o abysmo do bem, e adormecer ao murmurio das suas correntes sonorosas. Acaso o egoismo é virtude? Eu sei! D'este amor que cada um se consagra é que resulta o amor universal.

—Sabe o que disse Metastasio?

—Lembrava-me d'elle agora. Tinha razão o amoroso poeta da Italia: «Se queres amar, ama-te.»

—Bonitas coisas, senhor egoista, disse Julia mansinho e com um meneio arrufadiço; com que então é hoje mesmo e quando eu o escuto, que nos assegura taes coisas?... São lisongeiras, na verdade... para uma noiva, sobre tudo.

—Por quê, Julia?

—Porque a ti só queres bem, não o disseste?

—Sim, a mim só; mas estou eu completo sem ti, minha Julia? Tonta, que pensaste um momento ser possivel olhar eu para a minha alma, sem te vêr lá como em um espelho.

Depois fitaram-me com aquelle olhar intimo e profundo, que é só dos amantes, olhar que atravessa as pupillas e que mutuamente deixa vêr o que os corações occultam no fundo.

—Partiremos ámanhã, continuou Pedro; é preciso que entres no mundo: quero sentir-me orgulhoso a teu lado. Olha, Julia, o mundo não é tão mau como se te afigura. Ensinaram-te no collegio a temel-o, e tua mãe educou-te na reclusão da familia. Tanto melhor. Ès um barquinho fragil a que eu servirei de piloto. Não penses em viver sempre em casa; ha muito para vêr, Julia, e os annos correm como aquellas nuvens.

—Muito bem, meu amigo; já se vê que o amor é a poesia,

—A unica, tinha razão, a unica verdadeira, a unica sublime. Deixem trovar á vontade esses poetas cabalisticos, deixem-n'os subir á cata do desconhecido; as nuvens que os entendam, se quizerem; eu nem lhes percebo os raptos estonteados. Dissequem-me esses gansos do Parnaso, e dou-lhes a minha palavra que em vez de coração lhes hão de encontrar uma cebolla do Egypto. Ossian tem nevoeiros, mas os seus phantasmas palpitam. Os gelos das montanhas deslumbram-nos e regelam-nos; comtudo, no seio candido das suas virgens distingue-se o rubor do sangue que inda circula.

—Não direi tanto; nas visões do bardo ha apenas a melancolia das sombras e das nevoas. O amor é sempre para elle uma lagrima cahida sobre a cinza dos heroes. Eu gosto mais das lagrimas orvalhando as rosas.

Emquanto nós soltavamos d'este modo a nossa critica palreira, Julia, indifferente, adiantava-se, e ora colhia uma bonina perdida, ora corria a ameigar uns pobresinhos loiros e candidos que por alli folgavam contentes como ella. A espaços volvia-se e dizia-nos com um gestosinho de amuo:

—Então, não vieram estes senhores para discutir? São realmente dois caturras. Dá-me o braço, Pedro; falle comnosco, meu amigo; fallem de tudo que eu entenda. Qual é a moda em Lisboa? o que se canta em S. Carlos? Gostam de ouvir a Volpini? Ahi teem assumptos, andem, tagarellem.

E dizia isto com uma candura infantil, com um ar de sobrehumana innocencia

Ai, como aquelle dia passou, e quantos mais me tem decorrido na vida sem se me apagar na alma a lembrança das suas horas! Outras alegrias tem vindo, e com ellas outros cuidados; outras flores hei visto despontar, e ainda mais

tenho guardado no seio, murchas pela aridez da morte; mas jámais deixou de me atravessar o espirito aquella recordação, suave como o expirar do outono, branda como a caricia de um anjo, doce como o nectar de um beijo colhido á flor dos labios.

Não quero fazer de novo ao leitor a descripção da minha retirada; seria isso converter o conto em um roteiro insupportavel. Chegou a noite, e eu parti. Como? De qualquer fórma. No dia seguinte os meus dois amigos estavam já em Lisboa, e eu continuava visitando-os com a mais cordial intimidade. Era um céo aberto aquella casa.

Ás vezes entrava eu, de tarde, pelo inverno, e encontrava-os todos reunidos. Julia tocava, improvisava ao piano as melodias celestiaes que lhe inspirava a sua alma de creança; Pedro lia, e a momentos parava para escutal-a; a boa mãe da pomba, bordando tranquillamente, sentia-se feliz pelos vêr ao seu lado. Áquelle grupo faltava apenas a figura respeitavel da mãe de Pedro; a miude vinha ella abraçar os filhos, e conversar d'elles com a amiga, com a santa guarda que de continuo os vigiava.

Dois choupos, a que o inverno seccára as folhas e definhára os troncos, ainda inclinavam a copa e tentavam cobrir com a sua sombra as vergonteas que ao pé se lhes entrelaçavam.

Um dia a mãe de Pedro cahiu enferma, a medicina precipitou-se-lhe para o leito, e a pobre velha succumbiu. Consequencia inevitavel. Quando o anjo da morte lhe veiu tomar nos labios a alma que se evaporava, viram-n'a estender o olhar amortecido e turvo para os filhos que choravam á cabeceira, e balbuciar não sei que palavras de alento e de benção, que morreram n'um soluço.

O lucto cortou longo tempo a alegria; depois a ferida foi-se sarando, e acabou por cicatrisar de todo. Não digo

isto com sarcasmo. Todas as feridas se saram. Ha dores no coração como as póde haver em qualquer dedo; uma saudade equivale a um panaricio. A principio perdem-se as noites, rega-se de lagrimas o travesseiro, o semblante desfaz-se, não ha prazer que nos convide, não ha sol que nos aquente; pouco a pouco a doença recua, o mal desapparece, o soffrimento extingue-se, as faces avermelham-se, o travesseiro sécca: esvae-se a saudade, cicatrizou o panaricio. Bem hajas tu, instabilidade das coisas humanas!

Não sei que motivos me impediram por algum tempo de frequentar a casa de Pedro; sei só que se passaram tres mezes sem que eu os visse; creio que uma apparatosa enfermidade me havia obrigado a partir de Lisboa, sem me dar logar a despedidas. Quando voltei tinha em minha casa uma carta. Ha quanto a haviam recebido? Tres dias antes. Era de Julia, conheci-lhe a letra. Que teria ella para dizer-me? Em seis dias faz Deus o mundo, e n'um só destroe o homem a felicidade. A carta (ainda a conservo) dizia isto simplesmente:

«Meu bom amigo.—Peço-lhe que nos appareça. O que tem tido? já se esqueceu de nós? Preciso de o vêr, de lhe fallar muito; mal sabe o que tem succedido. Venha, venha, não tarde.—Sua verdadeira affeiçoada—*Julia.*

Peguei no chapéo e sahi. Que me dizia o coração n'aquelle momento? Mil coisas. Cheguei a casa de Julia; apenas ella me appareceu medi logo todo o alcance das suas palavras. Estava pallida, mas não d'aquella pallidez suave que era n'outro tempo o enlevo dos que a fitavam; pallida como os que caminham para o tumulo, desamparados do céo e dos homens.

—Que tem, minha senhora? Vejo-a abatida; sobresaltou-me a sua carta e ainda mais o seu estado.

A impressão era em mim tão viva, que mal podia sofreal-a.

—Não tenho nada, meu amigo... amigo sim—continuou ella após uma pequena hesitação—deixe-me dar-lhe este nome, preciso de o dar a alguem no mundo. Sente-se aqui, ao meu lado, e ature-me, tenha paciencia. A companhia dos que soffrem é a peior de todas, bem o sei; mas que seria d'elles se não houvesse alguem que os consolasse? Olhe o que é o padecermos; nem lhe perguntei ainda o que teve para nos abandonar.

—Mas o que tem, que soffre, que mal lhe sobreveiu tão repentino? Diga-me, diga-me. Onde está Pedro? Succedeu alguma coisa?

Vi então aquelles bellos olhos marejarem-se de pranto e vi-o cahir em fio ao longo d'aquelle rosto descórado. Nem um anhelito, nem um suspiro nos labios. Uma dôr immensa lhe apertava o coração, e assim esteve alguns minutos como a flor carregada de orvalho. Oh! mas o orvalho que arrazava aquelles olhos não era doce como o que vem do céo em madrugadas de primavera, era acerbo e ardente, queimava as rosas das suas faces.

Pobre Julia! Como eu via no seu abatimento a profundeza das suas mágoas!

—Vae admirar-se—disse-me ella por fim, enxugando os olhos e procurando mostrar uma apparente serenidade; —vae admirar-se muito. Não sei como principie o que tenho para contar-lhe. Esta cabeça doe-me tanto, tanto... e o coração ainda mais. Sou muito infeliz, não vê? Como quer que lh'o diga?... Pedro esquece-me, esquece-me por outra!...

—Illude-se, de certo; é impossivel. Por que o diz? por que o suspeita? Inexperiencias da sua edade, minha senhora; deixe-me ser franco. É talvez porque elle não a acompanha como d'antes, porque não está aqui sempre como nos seus dias de noivo?... Oh! mas isso é uma semrazão apenas.

—Oxalá que o fosse; não é isso, que me mata. Julga-me exigente? engana-se. Dera tudo para o ter sempre commigo; mas pensa que lhe diria uma palavra de desgosto por o vêr no mundo feliz, embora lhe não proviesse de mim tal felicidade? Não, nunca. Elle é homem, devia viver sem estas peias constantes de uma pobre mulher que tem a impertinencia do amor. Não é por isso que choro, é porque elle me maltrata.

—Que diz?

—Não se admire, disse a verdade, maltrata. Pois o que é fugir de mim, esquivar-se quando o busco, não me afagar quando o afago, não me responder quando lhe pergunto o que o aborrece, ser mau até me repellir, queixar-se que o importuno, não ter uma palavra para os meus queixumes, não ter um beijo para as minhas lagrimas? Bem vê que tenho razão... leio nos seus olhos.

—Mas como póde ser tal mudança? É preciso indagar, vêr tudo. De mais, quem sabe, não terá Pedro algum negocio que o preoccupe? É mesmo natural que assim seja. Os homens são injustos. Vem o enfado accommettel-os, e deixam cahir a sombra d'elle na vida dos que lhes são mais caros.

—Não o defenda, não creia. Que poderia entristecel-o até se esquecer de mim? Não deveria ser eu a confidente e a amiga? Oh! aquelles olhos que se arredam sobresaltados dos meus, é porque temem confessar-me tudo. Pobre de mim, que vi murchar mais cedo o seu amor do que a minha grinalda de noivado.

E o choro, rebentando vivo, cahia-lhe no seio onde os soluços se afogavam. Estendi-lhe a mão, que ella apertou entre as suas, e, depois d'esta effusão ardente, vi-a erguer para mim o seu olhar, com uma doçura que me commovia e me fazia mal ao mesmo tempo. Retirei a mão onde bri-

lhava uma perola dos seus olhos, e levantei-me de salto. Não sei que anjo mau me fizera correr pela mente aquellas paginas em que o proprio Silvio Pellico nos falla de *la siora Zanze*. Dei alguns passos pela casa murmurando como o poeta martyr: « *Cio non va bene.* »

N'este comenos a porta da sala abriu-se, e appareceu Pedro.

—Por cá, meu amigo? Pensei que nos fugira de todo. Ha quantos mezes anda arredio? conte, conte.

E Pedro procurava dar a estas palavras uma vivacidade de bom humor, que o semblante lhe desmentia.

—É simples, meu caro, o esquecimento é dos males que menos me flagellam, sobre tudo quando esse esquecimonto se traduz pela leviandade ou pela ingratidão. Estive doente, aconselharam-me o campo, parti sem delonga; hoje cheguei, corri logo a visital-os. Que tem feito? Abriram mão dos seus excellentes planos? Pois ue é que insisto n'elles, comprehendem?

Julia parecia distrahida e indifferente. O olhar corria-lhe incerto em volta da casa, até se cravar depois no chão com uma fixidez abstracta.

—Onde vão hoje? prosegui eu tentando sondar o animo de Pedro. Ao theatro? Teremos a *Somnambula*, o idyllio do amor, a opera dos noivos, a sua opera, minha senhora.

—Hoje não, atalhou Pedro, outro dia será, não te parece, Julia?

—Sim, outro, respondeu ella levantando-se e sahindo da sala.

Quando ao fechar da porta se volveu um pouco, vi que levava o lenço aos olhos. Eu sentia-me triste; Pedro estava manifestamente contrariado. Prolongar a visita era absurdo; o destino havia-me deparado aquella mulher, havia-me feito conhecel-a nos seus dias de contentamento, de illusões e de

esperanças, e ligava-me agora a ella pelo dó e pela sympathia. Cumpria-me entrar no coração de Pedro, saber que lufadas lhe haviam seccado as flores nativas, que tentador lhe transviára as idéas. Elle, o philosopho da commiseração, o poeta do apaixonado lyrismo, como podia voltar as costas áquella rolla que gemia saudades no seu ninho humedecido de pranto?

—Disponha de si um dia para conversarmos, disse elle vendo-me pegar no chapéo. Tenho-o por meu amigo, e quero-lhe o conselho. Seja ámanhã, não póde?

—Posso e desejo.

—Percebo que antevê as coisas; estas são naturaes, muitas vezes lh'o disse. Lucta-se, braceja-se, agarra-se a gente á honra como o naufrago se agarra ao tronco; mas a fatalidade é uma corrente impetuosa, Eu creio na fatalidade, meu amigo.

—E eu creio no dever.

—É severo... não lhe quero mal por isso. Diga ao infeliz que se afoga que é dever seu conservar a vida!... Todos nós andamos em viagem: os que passeiam nos lagos são os que prégam fortaleza aos que desmaiam no Oceano. Theorias!

—Pensa então que o dever é uma theoria?

—Penso que o coração é um batel sem leme. Conhece algum piloto que o governe a seu modo? Fallaremos. Eu quizera chegar de novo ás praias d'onde parti; ha tempestades que nos arremeçam para o alto.

—Tempestades que a nossa propria mão desencadeia, hein?

—Talvez seja. Cremos que bulir na flor é simples, e a vibora vem e morde-nos. Quem soffre mais, os que ella rasga ou os que deixa solitarios?... Ámanhã irei a sua casa.

—Até ámanhã.

Oh! a fatalidade do coração humano! Como pensei n'ella desde aquelle dia, e como o pensamento me volteou receioso. Que seria d'essas creaturas se succedesse o contrario? Não poderia a mesma onda que desnorteou Pedro fustigar a alma de Julia? Se ella houvessè encontrado no mundo um homem que no delirio da sua paixão fogosa lhe estendesse os braços, e ousasse ao calor de um beijo incendiar-lhe o sangue, que diria o mundo e que faria Pedro? Assim, não; a fatalidade explicava tudo.

Quando ella, desfigurada e trémula, ajoelhasse ante o retrato d'esse homem que lhe assellára amor em mil caricias, quando pedisse a Deus piedade entre soluços estereis, elle atravessaria o mundo com a fronte erguida e a face radiante, sem querer saber se o passado lhe travaria ou não da manga.

Julia, Julia, quantas vezes a tua imagem serena e casta se me debuxa no horisonte, e como então me parece vêr-te ainda bella, bella como n'aquelle dia em que me apertaste a mão carinhosa, e em que eu a senti humedecida pelo orvalho de teus olhos!

VI

Levantei-me cedo no outro dia; durante a noite mal podéra conciliar o somno. Preparei-me para a visita de Pedro, disposto a luctar contra essa fatalidade que o impellia desastrosamente. Sentára-me á mesa, e folheava o meu predilecto Boccacio, o melhor de todos os anodynos. D'aquellas paginas galhofeiras transpira não sei que fresquidão deliciosa. É travêsso, é erotico, é esbagaxado no dizer, desceremonioso no conceito, lascivo na descripção, perigoso para compleições nervosas? Talvez seja; mas o que n'um

dia de engulhoso tedio percorre aquellas varzeas, onde o matiz é tão luzente, e o cheiro tão acre, sente coar-se-lhe n'alma um jubilo, um bem-estar ineffavel. Por isso eu folheava Boccacio, o pae de todos os narradores.

Isto eram onze horas; principiava a ler *Griselidis* quando me bateram á porta. Senti o sangue affluir-me ao coração, e um calefrio descer-me ao longo da medulla. Que tinha eu com as desventuras alheias? que havia commum entre mim e Pedro? para que lançar-me no caminho onde o seu carro de triumpho passeiava enramado, forcejando por lhe travar as rodas com o meu corpo? Sacrificio inutil. Um vago presentimento me desalentava, e ao mesmo tempo uma luz suave, como a do olhar de Julia, me parecia reanimar. Poderia eu esquivar-me ao desenlace d'aquelle drama? Não de certo.

Curvei a cabeça ao destino, e fui abrir a porta.

Era, de feito, Pedro. Vinha reflexivo, grave, e uns longes de tristeza lhe ensombravam o rosto, enrugando-lhe a fronte.

Apertou-me a mão sem me dizer palavra, sentou-se commigo, e assim ficou por alguns momentos absorto. Quando sahiu do torpor ergueu a vista lentamente, e correndo a mão pelos cabellos, como para afugentar as ultimas nuvens, principiou a dizer-me:

—Sabe no que eu pensava? No ultimo dia em que estive n'este quarto. Lembra-se? Era tambem de manhã, e o céo estava azul como agora... Que mudanças em tão curto tempo! Por que será a vida uma penna? por que hão do ser as paixões uma borrasca desfeita?... O futuro é monstruoso. Sentâmo-nos, como o peregrino, á beira da estrada phantasiando prados que ao diante nos esperam, manhãs que hão de arraiar em breve, gorgeios que acordarão os bosques, claridades que tem de alagar tudo, e de repente

o céo tolda-se e a escuridão circumda-nos. Adormecemos na esperança e acordamos no desengano... é triste.

Calou-se um momento como para coordenar as idéas, e continuou dizendo:

—Sabe a que alludo, comprehende-me? Hontem bem vi que lhe não eram extranhos os acontecimentos; que se lhes ha de fazer?... Confessar-me-hei, meu amigo; conheço-lhe o caracter para poder vacillar em tal confidencia. Disse-me hontem que cria no dever; tambem eu creio n'elle sobre tudo. Mas o que é o dever?... Quem me distingue o justo do injusto? Ha nebulosidades medonhas. Entra-se no mundo com o coração ainda virgem e intacto; subitamente vemol-o nortear-se e tender para um lado. O amor é uma attracção; approximâmo-nos e confundimo-nos. As almas cheias de affectos são como as nuvens carregadas; abraçam-se em relampagos, em fogos esplendidos, em conflagrações sublimes; senão quando a rajada sopra, desparte-as, e leva-as pela immensidade fóra, revoltas e ennoveladas. Quem póde accusar a nuvem? quem póde condemnar-me agora?

O suor transsudava-lhe da fronte, e os olhos illuminavam-se-lhe. Eu não ousava interrompel-o sem que esse tropel de idéas lhe serenasse.

—É um conto muito simples, proseguiu elle; diz-se em poucas palavras... Ahi tem mais uma observação curiosa: das coisas tenues resurtem consequencias illimitadas. Cahe o pomo da arvore, que importa? Newton decreta para os astros; relanceia-se por acaso a vista, que tem isso? o presente annulla-se e o futuro aborta. Em cada passo que damos semeia-se um acontecimento. De que faremos ao diante colheita?... Deus sabe!... Olhe, imagine que um dia, ha dois mezes, tinha eu sahido de casa, com o espirito risonho e o peito desassombrado. Deixára Julia ao piano, dera-lhe um beijo á despedida, e esse beijo era ainda puro e affe-

ctuoso como tantos que lhe havia dado, como tantos que pensava dar-lhe. Lembrei-me de visitar um amigo... que ha n'isto de perigoso? Por que não iria a outra parte? Quando me dispunha a retirar-me, fallou-me elle de sua irmã que viera da provincia, sua irmã que eu conhecêra solteira, e que voltava viuva aos vinte e dois annos. Quiz de força apresentar-me, observei-lhe que poderia incommodal-a, insistiu. Momentos depois a porta do gabinete abriu-se, e eu apertava a mão de Irene.

N'este ponto tirou do bolso um charuto, accendeu-o distrahido, e poz-se a olhar para o fumo que subia em espiraes azuladas. Estivemos assim algum tempo; elle perdido nas suas cogitações, eu contemplando aquelle rosto que mezes antes vira resplandecer de juhilo, e que se curvava agora ao peso da fatalidade e do remorso. Pedro continuou:

—Ha no olhar da mulher uma certa dose de fascinação diabolica, asseguro-lh'o. Se alguma o fitar dois minutos, cubra a cabeça e fuja, isto é se a respeita: olhe que no terceiro minuto está um despenhadeiro; quem se lhe chega resvala.

—Foi o que lhe succedeu?

—Exactamente. N'esse dia ao tornar a casa sentia-me preoccupado, e o pensamento parecia querer fixar-se n'um ponto, ainda incerto e indefinido. Quando Julia, abraçando-me, me perguntou o que tinha, lembrou-me que já era indigno dos seus braços.

—E voltou no dia seguinte?

—Voltei. O ferro entrára fundo: quanto mais quizesse fugir-lhe, tanto mais se me encravaria no lado.

—Fraqueza criminosa. Diga antes que julgou innocente o galanteio, até que, a final, se sentiu preso. Pensou em dissipar a tentação, e perguntou a si mesmo: Que mal existe n'um sorriso e n'um olhar? A consciencia respondeu-lhe mais tarde, confesse.

—Não, bem vê que seria inutil desculpar-me. Que vim eu fazer a sua casa? por que vim? quem me obriga a mentir quando me posso calar? Vim porque buscava um amigo, estou aqui porque preciso dar largas ao coração. Julia queixou-se hontem, não é verdade?... Pobre creança! que hei de eu fazer que possa?... Não me defendo, não me justifico, lamento-me apenas. Ella padece, eu soffro; ella chora quando me vê indifferente, eu confranjo-me quando a vejo chorar. Quizera pedir-lhe perdão de joelhos como se pede a uma santa; mas não posso apertal-a ao peito como se abraça uma mulher.

—Chama-se a isso o tedio.

—Chama-se a fatalidade.

—Fatalidade que d'aqui a seis mezes se repetirá, de certo; destino que se tornará periodico.

—Por que o affirma?

—Não o affirmo, suspeito-o.

—Engana-se. Quando se acha na terra a mulher para que fomos creados, ha uma certa plenitude de gozo que desvaira. Nunca o tinha sabido; começo hoje a experimental-o.

—Que pensa então fazer? como quer resolver o problema da sua vida?

—Procurei-o para isso; bem via que tudo mais era impossivel. O senhor tem o olhar desanuviado, eu tenho o meu cançado e turvo. Veja por onde me diz que caminhe? quando se chega a este extremo para que lado se toma?

E dizia isto estendendo a mão, como o cego que procura o guia que tem de dirigir-lhe os passos.

Conservei-me por algum tempo perplexo; não atinava com o que fazer em tal conjunctura. Levantei-me e puz-me a passeiar pela casa. Pedro olhava-me como quem aguarda a sentença. A imagem da mulher desvanecêra-se-lhe n'alma: haveria meio de avivar-lh'a? Impossivel, dissera elle; e eu

tambem o cria impossivel. Ha ventos que assolam uma campina inteira, ha paixões que derrubam os mais castos sanctuarios. O que é o amor? É a vida, dizem os poetas nos seus alevantamentos imaginosos, nos seus lyrismos effusivos. A vida, sim, não mentem os eleitos de Deus; mas a vida em que nos falla o genio da tribuna, vida que é uma lampada: vidro que um sôpro faz, luz que outro sôpro mata. Quem poderia reconduzir o profugo? Estaquei de repente.

—Ha um caminho so, Pedro; é aspero ao que o segue, mas é digno. Sua mulher entrevê o que se passa na sua alma; conhece-se repudiada, e pergunta o que fez para merecer o desprezo que fere, a indifferença que avilta. Confesse-lhe tudo, dê-lhe o ultimo beijo... bem sabe que os peccadores podem beijar a fronte casta dos anjos; diga-lhe que lhe perdôe o que é fatalidade... sim, fatalidade talvez. Ella chorará muito, muito, e ha de perdoar-lhe. Que succederá depois?... As miserias moraes que começam pelo desalento acham o seu refugio na cova.

—Entendo, murmurou elle pausadamente.

—Que admira? E-lhe impossivel agarrar na martyr que fez, partir com ella, fugir ao resvaladeiro, deixar sangrar o coração, purificar-se pelo nobre heroismo? Pois fique. É fraco para resistir á tentação?... pois seja ella forte para resistir ao martyrio. Viva, Pedro, viva, e deixe-se ir sobre esse leito de espuma que a fatalidade lhe arremessou com as suas ondas!

Elle não me ouvia já; tinha a cabeça entre as mãos, e os cotovellos fincados nos joelhos. Tudo o que era amargo e pungente nas minhas palavras mal podia travar n'aquelles labios azedados por tanto fel revolto. Toquei-lhe no hombro, e disse-lhe n'um tom de voz mais amigavel.

—Vamos, Pedro, não se deixe vergar tão cedo. Magoei-o talvez?... veja como o soffrimento custa! Nunca teve

sonhos cujo acordar é doloroso? Que se lhes ha de fazer? Deixemol-os voar, e acordemos.

—Não posso; sinto aqui dentro uma coisa terrivel e mysteriosa, um poder que não fraqueja, uma voz que não emmudece... chame-lhe o que quizer, muito embora. Sou um miseravel, pensa? Não me irrito. Quando o deslumbramento da paixão nos accommette, fazemo-nos cynicos. «Bate, mas ouve, dizia o grego embebido na sua gloria: condemnem-me, mas deixem-me, direi eu embebido no meu amor. Que me importa o resto? Ha desgraçados sublimes! Comprehende-me de certo. O que é o homem? O que é a honra?... Ha pasmosas revoluções no espirito! D'antes punha-me sósinho a philosophar commigo mesmo, e tinha vontade de enxugar as lagrimas a toda essa humanidade que chora; compaixão ridicula, commiseração de creança! Atacára-me a estulticia da cruz. Agora oiço soluçar um anjo, e não posso collar-lhe os labios n'um beijo; quero evitar o sorvedoiro, e arrojo-me de salto. Paciencia. Já vejo que não chegaremos a conclusão alguma. Que tem isso?... Eu caminho, o meu amigo fica; a sorte impelle-me, e eu não resisto. Resistir, para quê? Já viu alguem fazer fincapé contra os morros que se despenham?... Loucura. Olhe bem para mim, não vê que tenho embranquecido? Não são os annos que nos envelhecem, creia. Tinha muito para lhe dizer, mas não o convenço, nem me asserena. Ha tempestades latentes... deixal-as. Quando Deus quizer que rebentem.

Era inutil combater aquella paixão obstinada. Julia tinha de assistir ao desabamento do seu mundo, até ficar sepultada entre as ruinas.

—Sáio, disse-me Pedro levantando-se. Não lhe quero menos pelo que me disse; vejo que é um verdadeiro amigo. Não conseguiu vencer o impossivel; que prova? Eu não sou admirador do exito. Conte estas coisas a Julia; por mim

não tenho animo, não posso. Ah! meu amigo, meu amigo, continuou elle tomando um ar de seriedade lamentósa; amor que nasce entre remorsos, é bem fatal e bem negro. Sinto-o. A embriaguez não me turba... ha compleições d'esta ordem. Sei que é veneno, e bebo com a avidez da febre; cheguei a tocar a voluptuosidade do soffrimento. Sabe que ha dores voluptuosas?... Adeus. Havemos de nos encontrar mais vezes, e... quem sabe? ha tantos casos imprevistos!... quem sabe se o dia de ámanhã será de espinhos ou de rosas!

Apertou-me a mão, e sahiu; eu vi-o partir sem lhe dizer palavra.

No outro dia soube que se despedíra de Julia, annunciando-lhe uma pequena digressão á Beira. Partiria elle para não voltar? seria aquillo um divorcio? A primeira vez que visitei Julia achei-a no parecer mais resignada e serena; estranhei-lhe porém a frieza do olhar e o abatimento da face. Estava como os que já perderam a esperança de tudo, e que cruzam as mãos no peito á espera do derradeiro golpe.

—Sabe que partiram? disse-me ella ao entrar; agora é feliz. Vão passar na provincia estes primeiros dias de noivos, e depois irão para mais longe, para França, para Italia, para todos esses paizes onde elle promettêra levar-me. Vou começando a resignar-me. Veja como lhe fallo, veja; até sorrio outra vez.

—Vejo que soffre, minha senhora; para que ha de contrafazer-se? Ha n'este mundo amarguras para que só as lagrimas são balsamo; chore.

—Sim, chorarei, disse-me ella levantando-se, e com o rosto esbraseado por uma vermelhidão subita; chorarei, que não posso reprimir aqui dentro esta ancia que me devora. Mas por que não ha de elle arrepender-se? por que não sentirá o que eu sinto? Passa-me ás vezes isto pela ca-

beça, e envergonho-me de mim propria. Era uma vileza, talvez uma abominação, eu sei... a vingança amarga. Demais... não, não, continuou comprimindo o seio, seria uma deshonra, e eu ainda lhe quero muito.

Minutos depois voltou-se para mim, e com um gesto de ineffavel tristeza perguntou-me:

—Conhece-a?

—Não, minha senhora.

—Como ha de ser formosa! Creio que tem a minha edade e outros encantos que eu não tive: conhece o mundo, e hade saber captival-o; queira Deus que o ame. É viuva, não é?

—Viuva.

—E chama-se...

—Irene.

—Lindo nome; disse-lh'o Pedro?... Como elle lho diria com a doçura na voz e o contentamento na alma!... Ah! quanto é bom amar... mas quanto é melhor ser amada! Não sabe—proseguiu ella eom um sorriso esmorecido;—hontem, quando ia deitar-me, lembrei-me do meu piano solitario, e tive dó de o vêr desamparado e mudo. Sentei-me a tocar; estava só; as faces innundavam-se-me de chôro, e o teclado parecia soluçar commigo. Os dedos corriam á toa, mas a saudade encaminhava-os. Era a *Somnambula*, o primeiro canto que elle me ouvíra, e entre cujas melodias os os nossos olhos se encontraram. Estive assim muito tempo, fóra do mundo, perdida em mil recordações melancolicas. O luar entrava pelas vidraças e vinha cahir-me aos pés; nem um soido me interrompia, nem um receio me perturbava. Sentia-me engolphar n'uma tristeza immensa, mas consoladora e suave. Oh! se eu podesse ter sempre horas como aquellas, então a vida fugir-me-hia n'um halito. Pensa que eu viverei muito? não m'o diga, não, que eu bem vejo as folhas que cahem.

As horas correram n'um colloquio angustioso até que eu entendi ser dever meu retirar-me. A maledicencia de soalheiro poderia mesmo babar a peçonha de um pensamento ruim sobre o crystal d'aquella vida, sobre a pureza d'aquella alma.

— Não deixe de vir fazer-me companhia algumas vezes, disse-me ella ao despedir-se; Pedro ha de certamente agradecer-lh'o. Não tema importunar-me; sou eu que o importunarei muito. Além d'isso, quando o vejo lembra-me tanta coisa agradavel... desculpe-me, e eu preciso d'estas recordações do passado.

VII

Pedro havia partido. Acompanhava-o Irene, ou, para fallar com mais propriedade, era elle que a acompanhava. A gentil viuvinha passára em Lisboa alguns dias, e volvia á sua casa, em Trancoso, levando agrilhoado e captivo um grande coração e uma subida intelligencia. Valiosa conquista! A mulher, acima de tudo o que é amor, paixão, tendencia d'alma, inclinação affectiva, tem a suprema vaidade, o orgulho satanico. A Eva do paraiso não é mais do que um symbolo. Quando a palavra ardente do amante se eleva como incenso aos pês d'estas divindades, quando os labios se apertam na sofreguidão de um beijo, quando os pensamentos se confundem e ligam em nupcias divinas, ainda então a mulher suspende os intimos arrobos, para se rever e pavonear na propria omnipotencia. Contempla o adorador, e sente-se idolo: diz ao coração que deixe de palpitar um instante, e escuta socegadamente o murmurio dos protestos e a musica das confidencias.

Irene participava d'estas qualidades femininas. Vira Pe-

dro embeber-se no seu olhar, prostrar-se em extase, cortar por quanto lhe era caro na vida, depôr-lhe tudo em sacrificio, e, embora abrisse o peito aos primeiros alvores d'aquella bemquerença, regosijára-se no triumpho e embriagára-se de gloria. Atravessára ella o casamento como se atravessa o claro de um bosque; haviam sido dois annos por que não dera, dois annos para os quaes na sua vida abrira um desdenhoso parenthesis. Ligada a um velho abastado, comprára com o aborrecimento de alguns dias a felicidade de muito tempo. Fizera, realmente, um negocio de mão cheia, uma transacção inestimavel. Morto o esposo, deitou-lhe sobre a sepultura os primeiros goivos que começavam a viçar nos alegretes, e em seguida lembrou-se que a primavera reinava. Tinha razão. Quando os espiritos começam a borbulhar cá dentro, ninguem se veste de sacco para lamentar saudades á beira de uma pedra rasa. O velho sahira do mundo e a menina entrava; nada mais plausivel. Os sessenta annos pedem a cama de terra, como os vinte pedem o leito de rosas. Irene vira tudo isto, e concordára com a moralidade da doutrina. Se não havia de concordar!...

Passados os primeiros tempos de anojamento escrevêra a seu irmão pedindo-lhe hospedagem. Era um pedido gracioso. Bem sabia elle qual a abastança de haveres que lhe tinha ficado, e quantas peças de duas reaes effigies se apinhavam nas arquetas do solar de Trancoso. Respondeu, portanto, franqueando o lar e instando pela vinda. Pedro foi das primeiras pessoas apresentadas a Irene; conheciam-se de outro tempo, e talvez esta circumstancia influisse de certo modo nos successos correntes. Por que não? Ás vezes os embryões de um grande affecto permanecem incubados; não se sentem, não se suspeitam, decorrem os annos, e elles sempre occultos, solapados e mysteriosos. Ra-

pido o calor aperta, os ovos prolificam-se e desenvolvem-se, a semente faz-se planta, a rama torna-se em matta. Não ha ter mão n'esta louca exuberancia, n'esta vegetação em delirio; os rebentos engrossam, a seiva regorgita, ás flores engalanam-se, os fructos amadurecem e os gomos centuplicam-se. Quando a affeição de Pedro se transformou n'uma insuperavel necessidade, quando os dois viram bem que era impossivel sopear a torrente que os empuxava, deitaram a vista em roda e perguntarám: «O que nos póde ser estorvo?»

O olhar de Irene dilatava-se rasgadamente: não era o cyprestal da sua terra que lh'o podia deter; mas Pedro via de permeio a figura candida de Julia, e esse rio amargo de lagrimas que era difficil vadear.

—Em que pensas, Pedro? perguntou-lhe um dia Irene; porque estás triste quando devémos partir em breve? Oh! bem sei; a lembrança dos que ficam magôa-te, vacillas em os deixar. É justo. A vida na provincia é monotona, a insipidez não falta. Como posso eu doirar-te o que é sombrio? como poderás tu ser feliz? Fica. Nasceste para os encantos das cidades, ai, Pedro, e não serei eu que t'os roube.

—Irene, Irene, para que me fallas d'esse modo? Não é por ti que eu deixo tudo?... Minha mulher... coitada! Olha, filha, quando penso em partir comtigo, quando penso no que hei de gosar n'aquelle paraiso, quando tudo o que sonho é transparente e bello, não sei que dôr, que negro presentimento me assalta.

—É que me não amas, Pedro.

—Louca!

—Sim, talvez o seja; louca, dizes bem; tão louca, Pedro, que não cuido, ao estender-te os braços, senão em te apertar ao coração. Que tenho eu com tudo o mais? que preciso vêr além d'isto? Louca, sim, é loucura amar sem

calculo, sem receio, sem hesitações, amar cegamente, deixando o mundo murmurar sem lhe prestar ouvidos.

Aqui a viuvinha tapava o rosto com as mãos macias e pequenas, e modulava dois soluços de compunção perfeita. Pedro chamava-a ao peito, acariciava-a, e cobria de beijos as tranças loiras e finas que desciam sobre o collo em anneis luxuriantes. N'esses momentos a pobre Julia não lhe enturvava os esplendores da existencia, nem se erguia severa entre as flores da sua phantasia. Do seu espirito desvairado varriam-se todas as idéas, e só aquella mulher se lhe esculpia formosa e sinistra. Pedro, com a sua vasta penetração, havia já tenteado o sorvedoiro. Que perolas dormiam no fundo d'aquellas aguas? que esmeraldas lhe faziam o leito? que soberbos nenuphares lhe orlavam as margens? que alvas corôas de espuma lhe fluctuavam nas ondas, similhando capellas de innocencia? Oh! os abysmos chamam. Pedro sabia-o, mas não podia fugir-lhes; faltava-lhe energia para converter-se á resipiscencia. O ananké da velha Grecia fatalista pesava-lhe em cima, cruel e implacavel.

No dia seguinte áquelle em que estiveramos juntos, partiam os dois para Trancoso. Á sahida de Lisboa não pôde Pedro deixar de experimentar uma vaga tristeza, tristeza que se condensava e crescia á medida que o anoitecer se aproximava. Os ultimos raios do pôr do sol, que se espreguiçavam pelas montanhas, viram-n'o com a fronte inclinada e o olhar pasmado e absorto; mas quando no outro dia a *aurora abriu com os seus dedos de rosa as cortinas do oriente*, como diria um cabelleira de quinhentos, já o pesadello se lhe diluíra n'uma calda de razões bem fortes.

Lisboa perdia-se ao largo na vastidão de uns horisontes empoados, e o campo desdobrava-se ante elle com toda a acre poesia do inverno. A sua imaginação comprazia-se em povoar aquelle soberbo panorama. A manhã inundava de

claridade aquellas planicies extensas, e a geada reluzia como bagas de aljofares. Na atmosphera parecia ondear um finissimo pó de oiro, e as avezinhas, sacudindo as azas orvalhadas, sahiam dos emmaranhados bosques para saudar o alvorecer. Pedro despira-se de tristezas e de remorsos, e entrava na vida com a anciedade dos primeiros tempos; arrancára do coração as raizes que o importunavam, e dissera-lhe que se engrinaldasse de redolentes clemathidas. O coração fizera-lhe a vontade. Quando elle, á janella da hospedaria em que haviam pernoitado, esperava a hora da partida, Irene aproximou-se, e correndo-lhe a mão pelos cabellos, como faria a mãe a um filhinho querido, perguntou-lhe:

—Inda estás triste, Pedro?

—Não, não estou, acudiu elle enlaçando-a, e firmando-lhe na boca um d'esses beijos longos e famintos que deixam, por assim dizer, no ambiente um perfume de lasciva ebriedade; não estou, Irene; é agora que principio a viver. Por que não te conheci eu ha mais tempo? por que te deixei fugir? Eras uma creança, quando te vi em casa de teu irmão; não reparei em ti, cortejei-te, não sei que te disse, não sei que me respondeste, sahi, e nunca mais no meu espirito passou um traço da tua imagem. Por que foi isto assim, Irene? Ai, anjo, anjo da minha alma, por que não te conheci eu logo?...

E cingiam-se n'um entranhado abraço, como duas rolas poderiam conchegar-se áquella hora, incitadas pelo sol de Deus.

Quando chegaram a Trancoso estabeleceram desde logo as coisas como quem tenciona permanecer. A casa de Irene era uma boa casa de provincia, farta e commoda; da propria lavra e de outros precalços, tinha Irene quanto a necessidade exige, e mesmo quanto a superfluidade recorda. Isto sem fallar nas peças enthesouradas, que dormiam o

somno da beatitude. Vivia-se alli sem se cuidar na fome dos outros, nem na frieza das lareiras alheias. Isto para o amor era uma coisa excellente.

Houve tempo em que os poetas idyllicos imaginaram que este musculo chamado coração podia viver sem dependencia do estomago, quer dizer, que D. Quixote podia dispensar o Sancho. Fabricaram por esse tempo uns conceitos que iam pondo na espinha a maioria dos amantes sinceros; e asseveraram que uma casa palhaça era o melhor de todos os templos edificados ao deus do amor. Fosse lá a gente duvidar da palavra dos apostolos! As filhas abandonavam os cortinados dos leitos, e iam jazer sobre a esteira bucolica; os menores de vinte e cinco annos evadiam-se ao patrio poder, e empunhando o arrabil, vagueavam por entre os canaviaes á cata de pastorinhas. D'aqui resultaram catharros, febres intermittentes, bronchites agudas, e até tisicas em primeiro grau. A poesia patriarchal ia dando a través com a saude humana: foi preciso arremetter com ella e expropriar por utilidade publica todas as cabanas gessnericas. Começou-se então a perceber que a paixão não exclue o conforto, e que é preferivel o amor entre o gargalaçar do Champagne e as delicias de um bom frouxel, ao que se alimenta de fructos silvestres, tendo por altar um magro feixe de hervas sêccas.

Tinham passado alguns mezes depois da partida de Pedro. Eu continuava visitando Julia e procurando distrahil-a. Era baldado. Aquelle corpo debil e franzino definhava lentamente, e na lividez das faces amortecidas já por vezes se accendia o rubor da intima febre. Fazia pena vêr aquelle anjo, paciente e angustiado, cravar em nós os olhos razos de agua, e dizer apertando a mãe n'um abraço:

—Pobre mãe, pobre mãe, como tu has de chorar!

A velha beijava-a e respondia-lhe com um soluço:

—Para que te amofinas, filha? Não vês que has de melhorar?... Olha, começa agora á primavera, iremos para o campo, passarás lá alguns mezes com socego; não tenhas medo, Julia, ainda és muito moça para morrer.

Eu não podia assistir áquellas scenas de desalento, em que a plantasinha se abraçava ao tronco velho e carcomido, pedindo sombra e amparo. Pedro escrevêra a principio: com o tempo foi desprezando a tarefa por inutil. N'uma das primeiras cartas dizia elle:

«Julia.=Os negocios que me obrigam a estar na Beira não promettem acabar tão cedo; é natural que me demore algum tempo. Procura distrahir-te, Julia, e perdôa-me a ausencia. Quando chegar o mez de abril aconselho-te que vás para o campo; és fraca, e a cidade arruina. Conformemonos com o resto, bem sabes que ha precipicios. Evita-os, que pódes. Os anjos, quando vão a resvalar, libram-se porque teem azas; os homens deixam-se cahir desfallecidos. Adeus, Julia.=Teu verdadeiro amigo=*Pedro.*»

Julia mostrou-me um dia esta carta; convenci-me desde logo que o mal era totalmente irremissivel. Ella ia de semana a semana perdendo o alento; queixava-se a miude, e mais a miude levava o lenço á boca descórada para abafar a tosse importuna.

—Estou, na verdade romantica, disse-me um dia, buscando desvanecer a impressão dolorosa, que o seu estado nos causava; chegou-me a enfermidade da moda, o achaque poetico, a doença da sociedade elegante. Nunca pensei subir a tamanha altura. Venturas inopinadas!... Oh! como ha de ser bom de verão, quando o dia declina por entre as quebras dos montes, e o cheiro do trevo e da baunilha é mais activo, como ha de ser bom sentar-se a gente tomando a ultima restea de sol, e adormecer na morte! Veja, meu

amigo, veja se é verdade ou não que o sentimentalismo me colheu agora; ai, como eu estou ridicula!

O esforço prostrára-a um pouco; cheguei-me para junto do sophá onde ella se recostára, e disse-lhe com o tom mais acariciador que a piedade me ensináva:

—Para que ha de estar a torturar-se? Chore e desabafe. As lagrimas são um grande respiradoiro; são o mel que nos adoçam os azedos da vida. Para que finge alegrias que não tem, resignações que a não confortam?... Ande, Julia, ainda ha no mundo sua mãe a quem deve muito; viva para ella, ao menos para ella.

—Diz bem; devo viver, quero mesmo viver; a morte aos vinte annos é horrivel. Que sei eu do tumulo para o desejar?... A saudade é um balsamo. Oh! se eu podesse chorar, se eu podesse, como d'antes, sentar-me a scismar no que fui e no que gozei, e a sentir os olhos arrazarem-se de agua!... Era aquillo uma angustia consoladora. Via tudo como se tudo fosse presente, o sangue corria-me sereno, e o coração descançava. Agora não. Uma dôr sem pranto é como um areial deserto; a aridez mata-nos. Não sei: o que aprouver a Deus, e Deus é bom, não é, meu amigo?... De hoje a oito dias vamos para o campo; tenho esperança em me restabelecer. Isto não é nada, creia; até hoje tenho mais appetite. Appetite... não sabe? ha muita romantica que se deixa morrer de fome. Acho exaggerada a poesia. Espere ahi... que lhe tenho eu estado a dizer?... Ai, sinto ás vezes umas vertigens tamanhas, uma oppressão tão forte... Dê-me o braço, deixe-me levantar; tenho aqui um peso horroroso.

E punha a mão no seio, e elevava-a depois á cabeça formosissima e inclinada, cabeça que eu contemplava com a adoração respeitosa com que poderia contemplar a de uma virgem.

Oito dias depois Julia partiu com a mãe para Carnide. Aquella attracção que nos leva a tudo o que nos recorda tempos melhores, havia-a chamado aos sitios onde conhecêra, onde amára Pedro. Esta attracção é pungente e ao mesmo tempo agradavel; lanceia para depois consolar. Todos sabem o que é percorrer um bosque onde o som do primeiro beijo resoou a furto, e onde se colheram as primeiras violetas para se enfeitar o seio da mulher que nos prende; todos sabem o que é olhar para a janellinha deserta onde d'antes costumavamos passar a tarde e a noite, fallando de amor e de futuro, e onde agora só vemos o musgo crescer tristonho e solitario. Por que nos attrahem estas memorias? por que nos abraçâmos a estes cadaveres? por que nos afferrâmos a todas estas reliquias do passado com a ancia do que se afoga? O *nessum maggior dolore* não é absolutamente uma verdade.

Nos primeiros tempos Julia experimentou algumas melhoras. Passeiava desde as oito horas da manhã até que o sol apertava, e de tarde, quando a calma descahia, sentava-se no jardimsinho, e ahi estava até que as sombras da noite principiavam a descer pelas encostas.

Eu visitava-a com frequencia. Tinhamo-nos affeiçoado com a estima de irmãos, com a santidade do desinteresse; ella queria-me bem por eu lhe fallar do marido, e por lhe ungir a alma ulcerada com a suave historia de outros dias; eu adorava-a pela dor que lhe via, pelo infortunio que a macerava, pelas lagrimas que um dia me haviam cahido na mão, rolando das suas faces.

—Não lhe parece melhor? perguntou-me a mãe uma tarde afagando-a na testa.

—Muito melhor; parece-me menos pallida e mais animosa. Para os grandes martyrios é preciso enorme coragem. Succede cambalearmos ao primeiro golpe e resistirmos com

insistencia. é exacto. Tenho esperança que sua filha ha de convalescer, tenho-a.

—Tambem eu, disse Julia beijando a mãe na face: obrigada, meu amigo. Como havemos nós de pagar tantos desvelos?... Não sabe? recebi hontem uma carta de Pedro; minha mãe não lh'o disse ainda?... Ha tanto que já não me escrevia!... Promette voltar em breve... para que ha de elle contrariar-se? Assim mesmo queria vêl-o; estou melhor... muito melhor... comtudo posso recahir, morrer, fechar para sempre os olhos, e não os fechar olhando-o pela ultima vez. Perdoe-me, minha mãe; não faça caso d'esta ingrata.

Quando ella dizia isto, as toutinegras gorgeiavam por entre os ramos viridentes da acacia, e os horisontes afogueavam-se de crepusculo. Era a hora em que as pobres creancinhas do sitio, a quem ella. como a Providencia, dava o pão de cada dia, costumavam vir beijar-lhe a mão e perguntar-lhe como estava.

Não faltaram ellas n'essatarde. Eram cinco, loiras, brancas como a innocencia, rotas, com os pés na terra e a alma no paraizo. Vi-as aproximarem-se de Julia com a timidez dos que se aproximam de uma santa, e receberem d'aquella mão, prodiga de misericordias, a esmola e o afago. Beijaram-lhe os dedos e as roupas, e todas, todas; como se a mesma idéa as assaltasse, foram colhêr os botões de rosas que ao perto se baloiçavam. Quando lh'os depozeram no regaço, vi pelo rosto de Julia deslisar um fio de pranto e depois vi-a cruzar as mãos sobre o peito, erguendo os olhos ao céo. Tive vontade de ajoelhar aos seus pés, e pedir-lhe que me abençoasse. Quando as creancinhas sahiram, levantou-se e pediu-me para a acompanhar.

—Como elles hão de chorar por mim! disse-me ella ao dar-ma o braço; pobres innocentes!...

E as toutinegras ainda cantavam, saltitando por entre

as folhas da acacia, e do lado do nascente a serena claridade da lua estendia-se sobre a terra como um leque prateado.

VIII

O estio declinava rapidamente; as andorinhas iam juntando-se em bandos, e á tarde passavam a chilrar, como que despedindo-se dos campos. Julia principiava a sentir os effeitos d'aquella estação melancolica. A doença abatêra-lhe o corpo gracioso e delicado, como o vento torce e alquebra o vime flexivel. Sabia ella que o soffrimento seria curto, embora angustioso; apparelhára-se para a morte com serenidade egual á que conservára na vida. As almas puras são corajosas. Por que faziam as martyres empallidecer os algozes? Porque a fogueira, o circo, a tortura em todos os seus cambiantes horriveis, não conseguiam arrancar um suspiro d'aquelles seios, repletos de luz como o paraizo? A innocencia é um heroismo. Julia tinha a heroicidade.

Uma só coisa havia em que ella a espaços scismava, e então escondia a cabeça entre as mãosinhas debeis, soluçando abafadamente: era se Pedro deixaria de vir, se ella teria de cerrar os olhos sem lhe dar o perdão no ultimo beijo. Os passeios no jardim foram de dia a dia tornando-se mais difficeis; dizia que o andar lhe dava canceira e que o vento lhe promovia a tosse. Ficava, portanto, em casa, olhando os arvoredos através dos vidros, e acompanhando com a vista os passarinhos que pareciam apostados a vaguear em torcicollos caprichosos.

Uma tarde que a fui visitar encontrei-a lendo n'aquelle album onde, a primeira vez que a vira, lhe escrevêra uns

mal agoirados versos. Sorriu-se ao vêr-me, e, apertando-me a mão demoradamente, disse-me já a custo:

—Estava a pensar n'estes versos; lembra-se quando m'os escreveu? Ainda não tinha casado. Por que foi propheta de desventuras? Acaso. Tenho tudo na memoria... quando o vi sahir toquei-lhe no hombro e perguntei-lhe:

«A minha doce paz d'horas divinas
O que ha de ámanhã ser?...»

Ficou perplexo um momento, e depois respondeu-me: «A felicidade». Illudia-me. N'aquella hora o seu coração estava triste, não estava? Tenho pensado n'essa noite muitas vezes, sempre... e em que hei de eu pensar agora?... Quando se chega a este extremo, a gente senta-se e volve o olhar para o passado. O caminho a percorrer é aspero, e o que se deixou era florido!... Ai, meu amigo, meu amigo, tinha razão em avisar-me!

Depois levantou os olhos para o céo, e poz-se a recitar passosinho:

«Quem sabe o que ha de ser? A estrella d'hoje
Póde extinguir-se, a pomba que além foge
Póde o seio rasgar;
Murcha-se o viço á candida magnolia,
Ai, quem sabe tambem se d'harpa eolia
Ha de o canto expirar!

«Immensa escuridão! Debalde o triste
Alonga o turvo olhar, e insiste, e insiste
Para entre as sombras ver...
Anjo d'amor, que em sonhos te reclinas,
A tua doce paz d'horas divinas
O que hade ámanhã ser?»

Se alguma vez o orgulho conseguiu tomar-me, foi n'aquelle instante, sem duvida. Que tinha eu a invejar? Os meus versos, perfumados pelo halito de Julia, resoavam-me no ouvido como um murmurio de gloria. Não sei se ha muito quem tenha assistido a este brando apagar da vida, a este suave esvaimento d'alma. Os vinte annos, como um arbustosinho, agarram-se com toda a energia da vontade, com todo o poder da resistencia. Descrê-se do mundo, do futuro, da claridade, da alegria, de tudo que é attracção, careio, enlêvo, prazer dos sentidos, arrobo do espirito, fascinação, contentamento, emfim, e não ha partir o laço que nos prende, o ferro que nos subjuga. Vem a morte, livida e fria como um rachador no inverno, e deita a mão ao corpo que se desfaz, á planta que amarelleja. Puxa, torce, aprofia na lucta, arranca as ultimas esperança, desseca os ultimos ramos, abre em torno um fosso que é a cova, e desnuda as raizes que no escuro procuravam a seiva, o alento, o sangue de que havia de alimentar-se o tronco descambado. Concentra a morte em si as forças todas e emprega o derradeiro empuxo; as fibras mais subtis da planta, a extrema vitalidade, a raiz tenuissima resiste sempre, obstina-se no seu apêgo, e quando sahe de todo é saudosa ainda d'essa terra que deixa, e de que em si traz memorias. Oh! ninguem foge d'este amplexo!

Julia estava como o arbusto; cada dia que passava era um filamento que se lhe esgarrava do mundo; tentava descobrir no céo a luz que lhe devia ser norte, e os olhos ficavam-lhe involuntariamente cravados n'esses limos pobres e lodosos onde tinha visto soverterem-se os mais limpidos crystaes da sua vida.

— Por que hei de ter saudades do mundo? Quando a esperança desapparece, em que havemos de pensar? Na morte, não é verdade? Pois eu tenho horror á morte, meu amigo,

horror immenso, pueril, tudo que quizer chamar-lhe, ai, mas o que eu daria para que alguem me defendesse d'ella, para que lhe tomasse o passo, para que me fizesse viver muito, muito, n'esta dor que me tortura, n'este desespero que me rala. Oh! o mundo é tão bello, não é?... mesmo apesar das sombras, mesmo apesar dos desenganos. Cerra-se a noite, e as estrellas vem logo: quer-se ter saudades do sol, e o luar namora-nos. Demais, que lhe disse eu?... a esperança nunca morre. Tudo se perde, tudo se encontra; tudo se extingue, tudo é eterno. Temos hoje o desalento que prostra, ámanhã o sonho que reanima. O senhor sabe melhor do que eu estas coisas. Soffro, e quero o soffrimento; sei que ha na morte o repouso, e não quero a morte; perfiro os espinhos da terra aos lyrios do céo... estou sacrilega! Será isto tresvario da febre, cegueira do coração, desespero da agonia?... Ai, Pedro, Pedro, que Deus te perdôe o mal que me fizeste, como eu te perdôo agora, Pedro!

E cobrindo o rosto com as mãos, ficou soluçando alguns instantes.

Uma tarde a mãe chamou-me de parte, e disse-me com as lagrimas nos olhos:

—Não lhe parece que serião bons os sacramentos?

—Para quê?

—Eu sei!... para não darmos pasto aos maldizentes, para nos não fazermos censurar. Além d'isso o padre é um santo velho, ha de reanimal-a, ha de ter palavras de benção que nós não sabemos; deixe-o vir, deixe-o vir.

—Em que me posso eu oppôr, minha senhora? Aconselho apenas. Demais, a crença de quem quer que seja, é para mim um sacrario em que não ouso bulir. Deixe, comtudo, ver qual a disposição de sua filha, não nos precipitemos.

Dias depois era ella quem pedia os sacramentos. Estava já no leito, abatida e sem forças para se levantar. A respição tornára-se-lhe alterosa, e as faces haviam-se-lhe encovado profundamente. Tinha no rosto a transparencia da cera, e nos olhos a amortecida claridade das estrellas. Aínda era bella n'aquelle decahimento, n'aquella inanição, n'aquelle estado anemico. Transfigurara-se. O que era terreno e sensual tornára-se espiritual e celeste; olhando-a, pensava a gente em Deus e nos anjos, e cria estar vendo um d'elles. Os cabellos cahiam-lhe soltos sobre os hombros e emolduravam-lhe a fronte; tinha assomos d'essas *madonas* que Raphael entrevia nos extases beatificos da sua alma.

Eu estava lá sentado á cabeceira quando o padre entrou com o Viatico. O bom do homem vinha grave e contristado. Aquella cabeça encanecida, que tantas vezes se inclinára para ouvir a ultima palavra do moribundo, jámais se havia curvado sobre uma agonia tamanha, sobre uma virtude tão pura. As lagrimas que vira borbulhar d'aquelles olhos, eram das que os anjos recolhem nas suas urnas invisiveis, para depois as derramarem aos pés de Deus, recendentes e immaculadas. Quando o velho entrou, Julia pediu-me que a ajudasse a recostar-se nos travesseiros; agradeceu-me com um sorriso, e, pondo as mãos sobre o peito, balbuciou com um suspiro:

—Estou prompta, meu padre.

O velho aproximou-se do leito; todos nós ajoelhámos. O que havia de augusto e de solemne em tal acto nunca mais o encontrei, nunca mais o encontrarei na vida. O padre dizia em latim não sei que psalmos desconsoladores, e os que haviam rodeado a cama tinham as mãos postas e rezavam. Uma coisa sobre tudo me apertava o coração, ai, e por que não o direi?... uma coisa me fez rebentar as lagrimas: foi ver alli de joelhos, com o olhar pasmado, com as

mãosinhas cruzadas quasi sobre a boca, e como que vedando os soluços, as cinco creancinhas que antes vira no jardim, enchendo de rosas o regaço d'aquella santa.

Quando todos sahiram fiquei só com ella. A mãe tinha ido fechar-se no seu quarto para a não affligir de queixumes.

—Estou agora melhor... a religião é um conforto. Não tornou a vir carta de Pedro? Queira Deus que os meus presentimentos não falhem. Repare, não me vê alegre, não lhe pareço mais satisfeita?... Ai! se soubesse o que me adivinha o coração!... Talvez, talvez; nem sempre se é desgraçado!

A minha estada em Carnide não era nem podia ser permanente.

N'essa noite vim a Lisboa, disposto a voltar no dia seguinte para ao pé de Julia, cujo estado se tornava cada vez mais melindroso. A mãe não tinha animo nem consolações para lhe dar; era a primeira a succumbir ao golpe. Tomára eu sobre mim a cruz de enfermeiro, tomára-a voluntario, essa cruz santa que fere as espadoas, mas que tem aromas divinos. Eschylo, o terrivel poeta, quando um brando raio de lyrismo lhe aqueceu a alma titanica, poz na bocca de Gilissa, a ama de Oreste, os mais sentidos versos que eu conheço. «Ninguem sabe o que é ser ama, dizia a pobre mulher chorando por aquelle que trouxera ao peito, e a quem dera o sangue e a vida; ninguem sabe o que são as noites de vigilias, os mil cuidados e os mil sobresaltos constantes. A criancinha chora, tem fome, tem frio, quer o conchego, os beijos que desregelam, a roupinha enxuta. Que se ha de fazer n'aquella edade? Oh! ser ama é ser mãe ao mesmo tempo.» E eu pensava n'isto, quando só, junto de Julia, attentava nos seus menores movimentos, e interrogava com o olhar o relogio, agora para lhe trazer o remedio,

logo a colhér de caldo tepido, e que ella me agradecia com um volver de olhos, ainda mais que com a palavra.

N'essa noite, como já disse, tinha eu vindo a Lisboa. Dormíra mal, e no outro dia pela volta das nove horas estáva de pé e prompto para sahir. Acabava de accender o meu cigarro quando me vieram dizer que estava á porta um sujeito que desejava fallar-me. Mandei-lhe que entrasse. Para que hei de agora buscar effeitos e colorir a narrativa? Esse homem era Pedro.

— É tarde? disse-me elle mal que entrou, apertando-me nos braços

O que então se passava dentro em mim não sei se se descreve; eu pelo menos é que não sei descrevel-o. Um tropel de sentimentos, de commoções diversas, me abalava suffocando-me a voz; parecia sentir na garganta um nó que se me arrochava, e sabe Deus porque o sangue me subiu ao rosto, febril e desordenado. O meu silencio perturbou Pedro. Arredou-se um pouco, e com os braços descahidos e sem ousar erguer a vista até quem poderia condemnal-o, repetiu em voz sumida:

— É tarde?

— Nunca é tarde para o arrependimento.

— Quero vêl-a, meu amigo; acompanha-me, sim? Como hei de apparecer-lhe? Não quiz ter este ultimo remorso. Soube que definhava... por minha culpa, e que a minha presença seria para ella o unico bem possivel. Vim, pobre Julia!... não sabe que ha anjos maus, que ha destinos, que ha abysmos enormes? E Deus que ha de julgar estas coisas... vamos.

Quando chegámos a Carnide disse a Pedro que ficasse em um gabinete proximo ao quarto de Julia. Apparecer-lhe de chofre sabia eu que seria matal-a. Entrei só.

— Que tem, que o estranho? Perguntou-me ella apenas

me cheguei ao leito, e lhe peguei na mão para a beijar; nunca o vi como hoje. Está doente?... diga, bem vê que me afflige.

—Não, minha senhora, não tenho nada... queria, porém dizer-lhe uma coisa, prevenil-a, preparal-a para uma nova...

—Boa?

—Boa nova.

—Ai, meu Deus, que boas novas me restam? Não sabe que Pedro não virá por estes dias, e que a minha vida foge de hora a hora?...

—E se viesse?

—O quê?...

—Se estivesse tão perto. .

—Onde?...

—Que a uma palavra só...

—Eu o podesse abraçar?

—Sim.

—Oh! venha, venha!

A porta abriu-se, e Pedro cahiu soluçando nos braços que ella lhe estendia radiante de felicidade.

Ninguem a conhecêra n'aquella hora. A lividez das faces havia-lhe desapparecido por encanto, um leve rubor lhe purpureava o rosto, e os olhos, até alli cançados e baços, resplandeciam como duas centelhas. Era outra. Apertava ao seio a fronte do marido, e perguntava-lhe com o carinho de quem o tivesse abraçado ainda na vespera:

—Por que tardaste tanto, Pedro!

Elle respondia-lhe com um perdão supplicante e frouxo, que não sei se os anjos ouviram no céo, mas que ella recolheu dentro d'alma.

—Quasi que tinha perdido a esperança, continuou após um momento; sonhára que virias, e duvidava que viesses.

Pedro, Pedro, como tu me fazes bem agora, como eu t'o agradeço!..... Dás-me a vida, dás-m'a; que eu já me sinto capaz de levantar-me, de tornar a vêr o sol comtigo... Porque não olhas para mim?... Eu quero ver-te muito, muito, levar-te aqui bem gravado na memoria... no coração, Pedro.

Aquelle excesso de jubilo prostrára-a; pouco a pouco os olhos foram-se-lhe cerrando, os braços destenderam-se-lhe, e uma especie de syncope a tomou por horas. Parecia adormecida. A respiração, serena e pausada, transpirava-lhe dos labios de envolta com um sorriso.

No outro dia quiz que a ajudassem a vestir. Achava-se boa, inteiramente boa: disse só que as pernas lhe fraqueavam um pouco. Pediu-me a mim e a Pedro que lhe dessemos o braço, e que a levassemos para junto da janella. O céo estava azul, e o sol entrava em jorros pela casa dentro.

—Que bonito que está o dia! nunca pensei tornar a vêl-o. Olha, Pedro, conheces aquella acacia? ainda é a mesma.

Aqui parou, e poz-se a contemplar o marido com uma expressão de amor e de desgosto. Depois continuou:

—Faz dois annos que nos casámos... Como o tempo se passa!... como passa tudo!...Lembra-se?—proseguiu voltando-se para mim: estava alli sentada quando entrou com Pedro... Como a tarde correu, e como outras correram... A fortuna é breve, pintam-na com os pés sobre uma roda, não é verdade? Ai, roda, quem te podesse travar! Desculpem-me se os aborreço; em que hei de eu fallar agora? Não, não, illudimo-nos uma hora, mas não nos podemos illudir sempre. Vê tu, Pedro, julgas que eu possa viver?... Se o podesse!...

E agarrando as mãos do marido, deixou-se estar muito

tempo devorando-o com o olhar, embebida, suspensa, absorta, e só vivendo para se saciar d'aquelle jubilo, d'aquella ventura por que ha tanto suspirava.

A mãe chegou a nutrir esperanças de melhoras: eu nunca. Sabia que aquelles alentos momentaneos mais lhe abreviariam as horas. Aquillo era um emprestimo de vida, forçado e custoso.

Dois dias depois já não pôde deixar o leito; o medico asseverava que o padecer não seria longo. Pedro nem um momento lhe abandonava a cabeceira. Era tardia a paga; seria acaso sincera? Nem uma unica vez da boca de Julia sahira uma palavra, um dito de recriminação: a delicadeza da sua alma até se lhe revelava no soffrimento.

Correram mais tres dias, e o mal caminhava. Este caminhar incessante manifestava-se pela prostração de forças, pelo enfranquecimento gradual, por um amortecer lento e sem agonia. Como as marés, quando enchem, vão manso e manso cobrindo agora as areias das margens, logo a relva que as borda, até chegarem a afogar as orlas porque se espraiam, assim tambem a enfermidade, subindo, ia sem rumor nem esforço, cobrindo e afogando aquella existencia adoravel.

Era um sabbado; Julia tinha acordado mais reanimada e contente. Pediu que a tirassem do leito, para que a deixassem ver o céo. Eu estava lá sentado a um lado d'ella, do outro estava Pedro; e a mãe, n'um banquinho aos seus pés aquecia-lhe as mãos com o bafo, como se fâz a uma creança. Eram tres horas da tarde, a natureza mostrava-se silenciosa, e umas nuvens brancas corriam pelos horisontes fóra.

Como tenho tudo gravado no pensamento! De repente, Julia, como se uma mola a impellisse, endireitou-se na poltrona, e estendendo os braços para o marido:

—Pedro, exclamou como um soluço, — como eu tenho pena em deixar-te!

Depois cahiu, suffocada em lagrimas, e com um sumido estertor que lhe resfolgava da garganta. Amparámos aquelle corpo já sem acordo, devorámos com o olhar aquelle semblante desfeito, tentámos reanimar aquella pomba sem vida. Tudo baldado. Como a luz de uma lampada se extingue, assim aquella existencia se evaporára, soltando o ultimo clarão n'um brado, n'uma effusão lamentosa. Estava morta. Será preciso accrescentar mais a estas palavras?

No outro dia aquelle corpo descia á terra, e o coveiro resmungava por entre os dentes, batendo a gleba com a enxada. Lembrei-me de Ophelia, pobre Julia, e lembrei-me tambem d'aquella tarde em que me apertára a mão, e em que eu fugíra receioso ao calor das suas lagrimas. Por que me viria alli um tal pensamento?

Tres semanas depois procurou-me Pedro.

—Venho despedir-me, meu amigo.

—Porquê, parte?

—Parto.

—Vae então...

—Para Trancoso.

—Ainda essa fatalidade o opprime?

—Ainda, não o duvide. O que eu tenho passado n'estes dias ninguem o sabe, ninguem o suspeita. Estava ao pé d'ella, compungido, triste, com o chôro nos olhos, e n'esse pranto reflectia-se outra imagem que me fazia esquecer tudo, tudo.

—Não o diga.

—Horroriso-o?

—Não sei, espanta-me.

—Ai, meu amigo, quando me ponho a scismar no que fui e no que sou; no que fiz e no que faço, no que era a

minha alma e no que é agora, desconheço-me eu proprio. A fatalidade é uma transfiguração, creia... olhe que já não sou Pedro!

Quando me disse isto apertou-me a mão e meneou a cabeça tristemente.

Branqueavam-lhe n'ella os gêlos que sempre descem quando as noites do espirito se condensam.

HISTORIAS CAMPESINAS

UM CONTO DA EIRA

Eram seis horas da tarde, e o nordeste cantarolava por entre os canaviaes e ulmeiros. O sol descia, e os tordos e não sei mais que infinidade de passaros chalreavam como nunca. Eu tinha ido a uma eira, proxima da casa onde morava, contemplar o espectaculo das arvores e das nuvens. Seis raparigas saltavam e cabriolavam sobre um enorme montão de palha, e junto de uma especie de choça que servia de abrigo aos trabalhadores estavam a conversar quatro saloios, d'estes de cara alvar e bonacheirona, que coçam na cabeça, de monosyllabo a monosyllabo, como para esgaravatar algum pensamento occulto.

Aqui e alli muitos garavanços, ensinhos, forcados, joeiras, emfim, todos os utensilios da debulha.

O Thomaz da Horta tinha n'aquelle momento a palavra. Era um orador que faria inveja ao maior grulha de comicios. Entrando na questão desempachadamente, seguindo a linha do vento sem arribadas, e possuindo o condão pere-

grino de redarguir aos ápartes com a vehemencia de um Graccho suburbano, Thomaz da Horta havia adquirido, por aquellas convisinhanças, o predominio incontestavel da palavra.

—Ora ahi estão vocês dando á lingua, e por fim de tudo não põem o dedo na matadura.

Isto dizia o nosso homem, tomando a mão no dialogo, e cortando a palavra a dois dos companheiros, que andavam por este tempo em debate acalorado.

Thomaz da Horta proseguiu:

—A coisa é esta, e vejam lá se eu esbarro: A Felicidade namoricava ha seis annos o João da Santa; tinham-se mettido de amores na vindima do tio Cabaço—Deus lhe falle na alma.

Aqui desbarretaram-se todos com vontade de expremer uma lagrima.

—Como eu ia dizendo, a Felicidade tinha por esse tempo vinte e quatro annos. Era uma guapa moçoila; mesmo de lavar e durar. O João da Santa tinha só mais dois annos do que ella. Valente como um pau de zambujeiro. Vocês bem n'o conheceram.

—Ah, se o conhecemos!—respondeu em côro a saloiada.

—Succedeu que um magnata veiu alugar a casa da azinhaga, aquella que fica mesmo em frente do olival da rapariga. O Affonso, como bom pae, tinha só olhos para a ver, coitado, vermelha e sadia como esses bagos de cereja. Começou o rapazola a deitar suas olhadellas, a Felicidade a deixar-se tentar, e o pobre do João da Santa a definhar, que era um dó d'alma vêl-o, alli pelos trigaes e pomares, matutando e a fallar comsigo.

Um domingo, recordo-me como se fosse hoje, eu tinha feito meio dia de trabalho, e vinha cá para o sitio, moido

que nem essas espigas. Passo pela porta do Affonso, e então é que era ouvir os gritos e as pragas do velho, e de vez em quando a voz do João... mas que voz, nem eu sei se aquillo era fallar, se arrebentar em soluços. Á tarde veiu o negocio a terreiro. A Felicidade fugíra no sabbado á noite com o tal taful da azinhaga. Boa rez não era elle... nem ella, valha a verdade!

—Até aqui sabiam vocês do caso—proseguiu o Thomaz da Horta, bamboleando-se com a satisfação de quem tem uma grande verdade presa pelo freio da propria lingua; — mas ainda o cirio vae no adro, como o outro que diz. O magnata, passados tres mezes, poz a Felicidade no almargem. A rapariga, mal se viu sem eira nem beira, começou a verrumar lá comsigo, foi-se desbotando, desbotando, até que n'um dia deita-se a fallar no João, no pae, nas raparigas do logar, na vindima do Cabaço, eu sei! estava doidinha de todo. Diabo leve as más cabeças, mais os maus olhares, Deus me perdôe a palavra!

E o narrador levou a mão á aba do chapéo, e deixou-se ficar um momento recolhido e silencioso.

—Agora, continuou elle, quando alguem lhe falla, fica-se muito quêda e pasmada, e ao cabo desata a rir, a rir, e a cantar como n'outro tempo:

Tudo que é triste no mundo
Tomára que fosse meu,
Para ver se tudo junto
Era mais triste do que eu!

—E o João?—acudiu em monte a saloiada.

—Esse, murmurou o Thomaz da Horta, esfregando os olhos em busca de uma lagrima; esse assentou praça de soldado, e foi-se para um presidio de fóra. Deu com elle o

mal da terra, coitado! Tambem o rapaz andava por ahi comido de saudades.

—Se andava! rosnou o côro profundamente.

—Quando sentiu a morte na garganta, pegou na penna, que João não era nenhum labrégo como vocês, e escreveu uma carta ao Affonso.

—Conte-nos isso, tio Thomaz, bradou o concilio, sem se estomagar com a franqueza do parenthesis.

—Ahi vae, continuou elle relatando a historia; o Affonso foi o mesmo que m'a deu a ler; e cá me ficou mettida no bestunto, que nem uma raiz d'arvore velha.

—Venha lá a carta, rebradou a matula, sem poder sopear o démo, que lhe fazia cocegas na curiosidade.

—Tio Affonso, foi dizendo o Thomaz da Horta, com um triste accento de voz, e percorrendo com o indicador da mão direita a palma da outra mão; tio Affonso, a sua Felicidade está no hospital dos doidos. Disseram-m'o em Lisboa. O homem que a enganou pôl-a na rua passados tres mezes. Vá vêl-a e perdôe-lhe. Eu por mim já lhe perdoei tudo. Tenho a morte comigo, e estou que não hei de durar muito. Rese um *padre nosso* pela minha alma, e diga lá aos rapazes que me não queiram mal. Isto são coisas que succedem; que lhes ha de fazer uma pessoa? Deixe-se de amofinações, tio Affonso. Deus que assim o quiz, lá teve as suas razões para isso.

Thomaz da Horta calou-se. O auditorio poz os olhos no chão, e dos olhos ao chão creio que cahiram algumas lagrimas. As raparigas que andavam cabriolando sobre a palha tinham-se a este tempo aproximado do grupo, e escutavam. Eu sentia annuviar-se-me o coração.

Thomaz da Horta proseguiu:

—O Affonso foi a Lisboa; quando entrou no quarto onde estava a Felicidade, viu-a agachada a um canto e a

bolir na parede, assim a modo de quem apanha cachos de uma cepa. De repente alevantou-se, agarrou-se ao velho, e poz-se a cantar com um desgarre que mettia medo:

Tem tantos bagos a vinha
Como estrellas tem o céo;
Deu o mal nos verdes cachos:
A culpa tive-a só eu!

Depois largou o Affonso e foi-se acocorar outra vez no mesmo canto. Um homem que por alli andava, que era guarda d'aquella pobre gente, disse ao velho que a rapariga nunca se quedava, e que todos iam perdendo a esperança da cura.

O Affonso sahiu lagrimejando, tornou cá para o sitio, vendeu as casinhas e a fazenda; e ha seis mezes que está com a irmã para as bandas de Telheiras. Aqui teem vocês como é a historia; e guardem-se das esfolhadas e das vindimas, que é assim que o demonio as tece.

Houve então um rumor de abelhas por aquella assembléa de rusticos; e uma das raparigas, a mais espigada, uma trigueira de olhos vivos, que promettia vir a ser (se é que já não era), o pomo de muitas discordias amorosas, deitou o braço direito sobre o hombro de uma das companheiras, e foi-se resmungando entre os dentes:

—Eu bem conheci a Felicidade; nem todas são da mesma laia!

O tio Thomaz levantou-se, arrimado ao varapau que nunca o desamparava, e quando passou junto d'ella, poz-se-lhe a cantarolar quasi ao ouvido:

Pelo céo vae uma nuvem;
Todos dizem: Bem a vi.
Todos fallam e murmuram,
Ninguem olha para si.

— Isso é commigo, tio Thomaz? volveu-se a trigueirinha, com um gesto de quem fôra mordida pela vespa.

— Comtigo, sim, rapariga! redarguiu o outro passando-lhe a mão callosa pelas faces, um tanto crestadas das soalheiras da empa. Bem sei eu da tua vida, e bem quero sabel-o. Isto é modo meu de cantar, bem n'o conheces. Guarde-te Deus dos maus olhares, que no melhor panno cahe a nodoa, e no melhor fructo debicam os passaros.

E o tio Thomaz foi andando seu caminho, cantando como quem não tem magoas:

Ai la-ri-ló-lé
Bem te vi estar
Á borda do rio
A ensaboar.

A noite ia descendo. As sombras cahiam rapidamente do alto das montanhas, e a claridade melancolica da lua brincava por entre as folhas das oliveiras. Ao longe ouvia-se o rechinar tristonho dos ralos, e de vez em quando o mugido dos bois que volviam lentamente para as suas arribanas. Tudo o mais era quietação e extase.

Será a poesia do campo uma illusão de treslidos? Não o pensava eu então, e queira Deus que o não pense nunca. Quando a derradeira musa fugir do bulicio e das convensões da cidade, virá procurar abrigo, como as fadas, entre as ramagens dos loureiros, e entre os balsedos da encosta. Serão felizes os parvos; mas só ella poderá cantar á noite, com seus irmãos, os rouxinoes.

COUSAS D'ALDEIA

Comecemos esta narrativa por uma confissão sincera — é que a ramagem dos pinheiros não cobre mais innocentes do que os baldaquinos doirados. A carne é fraca, e o tentador não adormece. Além d'isso, se bem pensarmos no caso, quando a serpente babou peçonha na alma candida da nossa primeira mãe, é certo que se enroscou n'uma arvore. Só o cheiro das flôres atordôa muitas vezes as mais austeras consciencias. Juntem a isto o melifluo das vozes e o voluptuoso das brisas, e teem deslombados os proprios anjos ainda que elles sejam de um temperamento mais lymphatico do que os da traducção dos Setenta.

Vamos, porém, á narrativa.

Rosa era uma muchacha de 19 annos, de estatura mediana, cara roliça e vermelha, olhos vivos, cabello castanho, e um sestro namorador tão inveterado que as borboletas campesinas iam abrazar-se ás duzias n'aquella luz perfida e oscillante. Quando eu a conheci andavam-lhe na colla

dois mocetões bizarros: um filho do Damasio e o Luiz da Santa. Como párrafo explicativo devia encabeçar neste ponto a genealogia dos meus heroes; fabrique-a porém o leitor a seu modo, que me poupa a trabalhos sem detrimento do assumpto.

Aconteceu um dia que a Rosa vinha da missa com o filho do Damasio; dizia-se por então que era elle o preferido. A romaria caminhava no mais amoravel comprasimento. O céo estava azul, o ar sereno e embalsamado, as aves palreiras como nunca, e as flores namoravam-se de vallado para vallado.

É fóra de duvida que para aquelles dois corações o mundo exterior era de uma influencia incalculavel; e eu sou dos que crêem, como Victor Cousin, que o mundo exterior é que decide, em regra, do destino dos homens.

La terra molle, lieta e dilettosa,
Simili a se gli abitator produce.

Imagine-se que ao sahirem da asinhaga para a estrada que conduzia ao povoado, os dois deram de chapa com o Luiz da Santa. Rosa enfiou, o filho do Damasio apertou com mais força o varapau ferrado; emquanto que o outro se contentava em sorrir, mas com um riso torcido e amarello que era para dar calafrios.

Alguns dos rapasolas que por alli estavam fizeram monte á espera da trabuzana; felizmente as duas nuvens passaram sem descarga de fagulha, nem bateladas de pedrisco. Rosa continuava a caminhar, mas o braço tremia-lhe aconchegado ao braço predilecto. Nem mais uma palavra soltaram; ao despedirem-se deram as mãos, olharam-se, cada um d'elles sentiu a vista annuviar-se-lhe de agua, e a voz do amante foi a unica a balbuciar:

—Adeus, Rosa; até logo.

Ella pôz os olhos no chão, e foi-se a scismar para casa.

No sitio havia uma adega, cujo nome de guerra provinha do locatario. Chamavam-lhe a adega do Feliciano. Era lá que se congregavam os sarrabaes contemporaneos, e que em meio das abluções e dos chistes resoavam os descantes dos mais afamados improvisadores. A adega symbolisava o outeiro dos bons tempos freiraticos. Um mote que se atirasse era colhido no ar por uma dezena de vates, a guitarra gemia, as vozes esganiçavam-se, a rima acudia prompta, os curiosos acotovellavam-se, os côpos de vinho ferviam, o berreiro enthusiastico da matula coroava aquella scena, digna de um primoroso Renato.

No domingo em que succedeu o encontro, a adega do Feliciano extravasava saloiada. Eram oito horas da noite. Uma causa extraordinaria movia e impacientava aquella gente; a anciedade debuxava-se em todos os rostos; um ruido indecifravel e cavo repercutia-se ao longo do casarão ennegrecido.

Mal que a guitarra do Villafranca soltou os primeiros harpejos, o sussurro foi-se desvanecendo a manso e manso, os echos adormeceram por entre o vigamento, as respirações soffrearam-se, e o silencio da espectativa dominou os mais encabruados tagarellas.

O da guittarra estava a um canto da adega, os saloios em circulo, e no centro, fronteiros um ao outro, appareciam os vultos ameaçadores do Luiz da Santa e do filho do Damasio. Era uma lucta que se preparava.

Não sei se na historia dos trovadores ha facto similhante: dois amantes que se inspiram de amor e de zelos, e que pelejam arremessando cantigas.

O Luiz da Santa começou:

— O mar pediu a Deus peixes
Para dar aos pescadores,
Eu peço a Deus que me tire
Saudades dos meus amores.

Saudades sei que não matam,
Mas ralam a vida inteira;
Olha o sol que te não creste,
Rosa que estás na roseira.

A folha mais verde, verde,
Póde tambem desbotar,
Quanto mais se a folha verde
Não quizer á sombra estar.

A canna do canniçado
Quebra se alguem lhe põe pé,
Eu tambem quebro cantando
Certo olhar de quem me vê.

O Luiz da Santa calou-se. O auditorio estava pendendo d'aquelles versos, entoados com uma voz sonora e vibrante, versos que a tristeza repassava, apesar da apparencia fria do cantador.

A guitarra proseguia nos seus harpejos. Todos os olhos se cravaram no filho do Damasio, e elle, firmando a mão esquerda sobre o balcão da adega, prorompeu d'este modo:

— Eu hei de amar, hei de amar,
Hei de amar bem sei a quem;
Eu hei de amar ao meu gosto,
Nanja ao gosto de ninguem.

Ninguem me põe pé e quebra,
Antes que seja a cantar,
Nem ha sol que á minha rosa
Possa as folhas desbotar.

Que te importa a ti que eu siga
Uma paixão que me arrasta?
Cada qual segue seu rumo;
Para mim é quanto basta.

Morde, morde, minha cobra,
No verde pé d'essa flôr;
Quem seu mau peito descobre
É de si mesmo traidor.

Ás ultimas palavras do filho do Damasio houve um murmurio de aprovação que ciciou em todos os labios. Luiz da Santa quiz retorquir, entoou uma quadra, vacillou no ultimo verso, insistiu, mas a inspiração ia-se-lhe arrefecendo.

Só no fim, apoiando-se a um grosso cajado de marmeleiro, poude sahir-se com estes versos, que eram o derradeiro esforço de uma imaginação agonisante:

O rouxinol quando bebe
Canta logo de prazer,
Sabe Deus n'aquellas aguas
Quantos mais não vão beber!

O insulto era frisante, e a poesia tornava-se inefficaz para rebatel-o. Os circumstantes recuaram suppondo inevitavel o conflicto, emquanto o Villafranca roçava a custo os dedos pela guitarra, como quem tinha pouca vontade de os acompanhar n'essa toada.

O filho do Damasio não cedia, comtudo, ás primeiras. Acima da lucta brutal pairava a gloria poetica. Queria pagar affronta com affronta. Verdade é que antes de encetar a cantiga deu ao corpo uma postura arrogante, mas o verso manava-lhe facil e sereno, como se uma trovoada de cacetes não escurecesse já o horisonte. Encarou o Luiz da Santa,

correu o olhar pelo auditorio, sorriu-se com a consciencia da superioridade, e levantou a voz com desempache:

Vae-te lá, não me enfarrusques,
Disse a caldeira á certan;
O rouxinol nunca bebe
No charco onde vive a ran.

Quanto mais a folha brinca,
Mais póde ao chão vir parar;
Muita gente canta, canta,
Com vontade de chorar.

Ainda não fenecêra o ultimo verso, e já o tumulto lavrava na adega e cá fóra. Cada lapuz tomava bando pela causa. A logica inflexivel dos varapaus trazia em cada arrochada um syllogismo perfeito. Á proporção que as costellas se abollavam, que o reboliço crescia, que as pragas redemoinhavam, por outro lado vinha a razão alvorecendo e allumiando, para depois se assentar no seu throno orvalhado de sangue, que é onde a philosophia costuma quasi sempre assental-a!

No outro dia, de toda aquella baralha desenfreada resurtiu o seguinte: Luiz da Santa tinha a cabeça esmechada, o Damasio tres dentes de menos, o Villa Franca a guitarra partida, e quatro ou cinco labruscos accusavam-se de dôres pelo corpo, as quaes não eram certamente de rheumatismo. Não pára aqui o romance; o melhor capitulo podia ter por epigraphe os dois conhecidos versos de Francisco I. Rosa volteou como uma grimpa, o que era signal de vento novo. Quando o filho do Damasio foi procural-a achou-a tão festival e indifferente que o rapaz ficou banzado de todo.

Desilludido nas suas crenças de amante, de que déra testemunho com dois dentes molares e um canino, o filho

do Damasio partiu, e foi-se pôr a scismar para o alto dos moinhos. Lembrou-lhe o descambar d'alli a baixo, o deixar-se colher por uma vela, emfim, o fazer milhões de disparates, quando viu passar pela azinhaga o seu rival Luiz da Santa.

O coração deu-lhe um salto, mas d'estes saltos reaes, em que se quebram cangas e apeiros. Sentiu-se livre. Desceu do monte a passo cheio, dirigiu-se ao Luiz, agarrou-o, aferrolhou-o ao peito, esteve assim um momento, e ao cabo, pondo as duas robustas mãos sobre os hombros do interlocutor, exclamou com a inflexão de quem se salva:

—Ó Luiz, olha que nós somos amigos. Aquillo foi o démo que nos tentou... e por má peça. Bem m'o dizias tu hontem:

O rouxinol quando bebe
Canta logo de prazer:
Sabe Deus n'aquellas aguas
Quantos mais não vão beber.

—Está dito, rapaz, acudiu o Luiz com gesto prasenteiro; saudades não comem gente, e o que lá vae, lá vae. Hemos de festejar as pazes na adega do Feliciano.

—E que venha toda a malta, e o Villafranca que traga instrumento novo. Queremos cantar ao desafio.

—Como hontem? perguntou o da Santa, com um risinho melancolico.

—Não, Luiz, que as mulheres não valem tres dentes da bocca.

N'essa noite houve festança na adega. O Feliciano andava n'uma dobadoira. Copo cheio, copo vasio, torneira fechada, torneira aberta; agora do tonel, logo da pipa, mais tarde do odre, tudo se provava, tudo se applaudia, e tudo se abysmava n'aquelle sorvedouro sem fundo. As unhas do

Villafranca saltitavam no cordame, e os improvisos resoavam continuos. Rosa desprendêra-se do amante, como é costume de todas as rosas desprenderem-se do tronco.

Um dia o humilde narrador d'esta veridica historia encontrou-a enchendo o cantaro na fonte. Tinham passado dois mezes do occorrido.

—Então, flor, temos ao certo amores novos?

—Que se lhe ha de fazer? Esta agua que corre não é só para encher a minha bilha!

Quando me disse isto poz o cantaro á cabeça, e com um donaire adoravel foi-se, cantarolando, ao longo da azinhaga.

SOB O PARREIRAL

Recordam-se, de certo, os leitores, de um Thomaz da Horta, com quem já lhe fiz tomar conhecimento. O CONTO DA EIRA mostrou de relance a veia garrula do nosso homem; ouvil-o-hemos hoje n'outra parolagem desenfastiada, como as muitas com que elle, de vêso, entretinha a curiosidade dos seus companheiros de trabalho.

Thomaz da Horta prendia-se, por este lado áquelle adoravel Tio Joaquim, tão cheio de poesia nativa em todos os seus contos, e tão bem desenhado pela mão d'esse rapaz de vinte oito annos, que a terra come, mas cuja memoria ha de sobrenadar, porque só as vulgaridades se afundam n'este oceano horrivel do esquecimento.

Tinha, pois, o nosso homem acabado os seus trabalhos da ceifa, e viera sentar-se com os da companha debaixo de um parreiral que se encostava ao muro da fazenda. O sol atufava-se no poente, e um vento fresco e travesso meneava os troncos cantarolando tristemente.

O campo trasbordava aquella melancolia do fim da tarde,

que se não descreve, mas que se côa pela alma como um nectar de feiticeiras. Thomaz da Horta contemplava fixamente o horisonte, onde se balouçavam umas nuvens retinctas como violetas.

— Em que pensa, tio Thomaz, perguntou um da companhia, pousando a mão no hombro do velho.

— Em que hei de eu pensar, rapaz? No que já lá vae, no que tenho visto, que é só n'isto em que parafusa um pobre diabo com sessenta invernos.

— Ora deixe-me lá essa palavra; ainda está rijo e são como um marmelleiro.

— Isso não tira, proseguiu o Thomaz da Horta, dando uns ares á cabeça como pessoa que desconfia; valente era aquelle choupo d'além debaixo, e vae-se, n'um bello inverno partiu que nem vidro. Verdade seja que os annos andam de esguelha com a vida. Está uma pessoa com as raizes carcomidas, como eu as tenho, e sempre lhe cahe do céo uma gotinha d'agua; outras vezes ainda o estio lá vem em casa do Deus te salve, e morre-se á mingoa, que nem por artes do démo. É como aquella Joanninha que anda por ahi em espirito, a penar o mau fado, e que eu conheci quando vocês nem eram gente.

— Ó tio Thomaz, venha a historia da Joanninha, acudiram os da malta apertando-se em derredor do velho.

— É tarde, rapazes. Bem vêem que a lua vem alli por detrás dos cabeços; e cada um de vocês tem mulher em casa, e a estas horas a ceia ao lume.

— Não se falta á obrigação por um bocado de mais ou de menos. Conte-nos o que era essa Joanninha, que as sopas não se nos hão de pegar no tacho.

— Vamos com isso; concluiu o Thomaz da Horta, fincando os cotovellos nos joelhos, e enterrando a cabeça entre as mãos engelhadas e callosas.

Esteve assim um momento como que ligando as idéas, até que a final endireitou-se, poz o olhar no céo, e deixando em seguida pender o corpo para um dos lados, começou com um tom plangente, a que a espaços servia de acompanhamento o chiar lugubre da nora:

— A Joanninha era uma rapariga que morava além na azinhaga, honrada como as que o são, e linda como um palmito. Vae isto para uns bons quarenta annos que succedeu... coisas do tempo... vôa que nem uma palha. A Joanninha era filha de boa gente, e filha unica. Os paes amanhavam-se conforme Deus era servido; tinham as suas terras de pão, um olival que era um gosto vêl-o, e meia duzia de peças guardadas no fundo da arca.

O Thomaz da Horta interrompeu-se n'este ponto, e pozse a escavar no chão com a gadanha, instrumento que lhe servia na ceifa, como segador amestrado.

— Má coisa é o quebranto; foi elle dizendo a meia voz emquanto os companheiros se debruçavam attentos. A pobre da rapariga deu-se a trocar olhares com um rapagão cá do sitio; mas quando mal se precatava sentiu-se presa que nem um cachorrinho pela trella. Livre-se a gente d'uma d'estas! Vae, por exemplo, o tentilhão beber n'uma pocinha d'agua, e de repente cahe-lhe o tombo da rêde, e o pobre do passaro fica seguro. Foi o que aconteceu á Joanninha.

Os paes não levavam a mal os amores; que o Damião era um rapaz de porte e amigo do trabalho. Ainda o sol não luzia por cima d'aquelles altos, e já elle andava a sachar o milho, ou a trafegar fosse em que fosse. Quando cahia a tarde arrumava a enxada e ia para o seu fadario, que era levar não sei que horas a conversar com a Joanninha. Dois namorados mais guapos nunca os houve no sitio. Ella era alta e córada que nem uma rosa de cem folhas; elle,

valente como as armas, e leal como poucos. Quando nos domingos, ao sahir da missa, atravessavam o adro da ermida, ficava-se uma pessoa a rever n'aquelle par... nanja que elles fossem presumidos.

O narrador suspendeu-se de novo; mas d'esta vez a gadanha escarvava mais fundo na terra.

—Andava tudo em guerra por esse paiz fóra, continuou elle; quem tinha pellos na cara era pegar da escopeta e seguir seu caminho. Vocês não apanharam d'isto. Antes assim. Tambem não sei que deva a gente devorar-se porque meia duzia de homens se botaram de má avença. E demais, então, que eramos todos filhos da mesma terra e fallavamos a mesma lingua!... Os politicos teem as suas razões, dizem elles; eu o que sei é que se me envidraçam os olhos, quando me lembro d'aquelle matar de uma banda e outra, como se nós fossemos herejes!

E o Thomaz da Horta esfregou os olhos com as costas da mão, e proseguiu depois com voz mais lenta:

O Damião teve de ir, coitado, n'um batalhão que ahi se arranjou á pressa. A Joanninha chorava, chorava, que era uma dôr d'alma vêl-a. Quando elles partiram, foi pôr-se além, no outeiro dos moinhos, e acenava de lá com um lenço que já tinha mais lagrimas do que fios. Vocês hão de estar fartos de ouvir-me, hein?... resmungou elle por entre os dentes, bamboleando-se um pouco.

—Qual fartos!... acudiram todos, apertando mais o circulo.

—Pois vamos com isso. Tres mezes depois chegou a noticia de que o Damião morrêra na brecha. Varara-o uma bala. Ninguem se atrevia a dizer o caso a Joanninha. Fui eu que lho disse. Ainda a estou a vêr, rapazes; enfiou que me parecia uma estatua; depois subiu-lhe um vermelho á cara, que era mesmo labaredas, e cambaleou a modos de

quem leva uma pedrada em cheio. Eu não sei o que lhe disse; ella é que quando abriu os olhos começou a dizer para comsigo: «Isto agora pouco dura. Quando as amendoeiras tiverem flor já eu não as hei de vêr com estes olhos.»

E adivinhou a rapariga, continuou o Thomaz da Horta; vinham os primeiros rebentos a apontar nas arvores, e estava ella a dar alma a Deus..., eu sei lá!... A alma tinha-a toda em Damião; e morreu a chamal-o, com uns soluços que se lhe arrancavam bem de dentro.

N'isto o luar innundava os campos ceifados, e cahia, como chuva de prata, por entre a folha meuda das oliveiras. O narrador emmudecêra, commovido pelas recordações de Joanninha, e nem um só dos do auditorio ousava boquejar palavra.

— Desde então, concluiu o velho, apparecem ás vezes umas roupas que cegam de brancas, ahi por entre os ramos e silvedos. Eu não me levo em patranhas; mas sempre ouvi dizer que as almas podem tornar a este mundo, a cumprir fadario, emquanto não as chama Deus.

— Ó tio Thomaz, balbuciou um da matula, e já lhe appareceu a alma da Joanninha?

— Já, sim. Uma vez estava eu aqui mesmo, debaixo d'este parreiral, e fazia um luar tão claro como agora. De repente comecei a vêr lá para a banda da estrada uma coisa que se me figurava um lençol de defunto. Veiu subindo, subindo, e eu a termer como varas. Quando estava aqui perto, o vento deixou de assoprar, e o parreiral estallava e rangia. Oh, que o ouvi eu... e depois senti uma coisa fria na testa, e ouvi um gemido que não era de folego vivo.

Quando o Thomaz da Horta acabava de dizer estas palavras, foi-se ouvindo um rumor dolorido; e para além dos campos descortinava-se o que quer que fosse de alvacento, que se movia com pausada andadura.

Todos se levantaram de chofre, e recuaram até o muro. O som crescia e approximava-se, e o luar batia n'um vulto, cujas fórmas se conservavam ainda mal distinctas.

—É a alma da Joanninha! diziam elles, sem poderem desviar os olhos d'aquella apparição que de momento a momento se approximava. Ouviu-se, então, uma voz que partia do mesmo ponto indeciso, e que n'uma toada vulgar cantava com desabafo:

As aguas que vem do monte
Correm direitas ao mar:
Menina, se te não casas,
Não sei onde irás parar.

—Ouviu? tio Thomaz, perguntou o mais afouto do bando, pondo o ouvido para o lado d'onde viera a cantiga.

—Aquella é a voz do Basilio que anda a acarretar trigo para a meda, accrescentou outro esgazeando os olhos meio alentado.

O vulto estava a este tempo já tão perto, que os mais deslumbrados pelo terror poderiam descobrir sem custo os feixes de trigo que se alteavam entre os fueiros do carro.

—Ó tio Thomaz, disse chacoteando o philosophão da companha,—o tal espirito da Joanninha estou em dizer que é historia.

O Thomaz da Horta olhou para elle com um risinho entre os dentes e respondeu passado um momento:

—Sim senhor, rapaz; você é mais doutor que o sobrinho do cura. Ora peça a Deus que lhe ensine a esmondar o escalracho, que talvez precise de tirar d'essa lingua a má raizama que lhe anda n'ella!

O outro embatucou; emquanto que o tio Thomaz seguiu caminho ao longo do parreiral, acordando com a sua voz roufenha os echos adormecidos.

PARA QUE SERVE O AMOR

—Olha como vae secia, a presumida d'uma figa. Aquillo é mesmo um louvar a Deus. Como se a gente não soubesse de que telha cahem os pingos.

—Cala-te lá, rapariga. Nunca has de dar um ponto n'essa bocca!

—Qual ponto nem meio ponto. Pois está aqui uma pessoa com os seus trapinhos honrados, a labutar que nem que fosse moura, e anda por ahi a quebrar-lhe os olhos aquella delambida que não tem onde caia morta.

—Deixa viver quem vive.

—Sim, e d'aquella vida que m'a não dê o démo. Cruzes! Pobre, mas sem matadura.

—Ninguem diga: d'esta agua nãobe berei.

—Pois o quê, ó tia Josefa? Está em dizer que eu seja mulher para aquellas coisas? Onde me viu pégada no sitio?

—Não, isso é verdade; ha onze annos que te conheço, e afóra uns namoricos de poucà monta...

—E á boa parte, que foram elles. Nunca me andei a metter á cara de nenhum casquilho. E, ella por ella, não me troco pela Marianna da azinhaga. Vejam o palminho de cara da presumpçosa, não seja elle para me dar quebranto,

Isto dizia uma rapariga baixa e atarracada, bisbilhotando com a visinha fronteira, pessoa de annos maduros, pelle engelhada, e grenha a cahir em mouchões sobre uma testa de dois dedos.

A victima do dialogo, a Marianna da azinhaga, passára havia pouco pelo meio d'ellas, indifferente, risonha, talvez soberba ao de leve, e cantando como um passarinho.

Teria ella vinte annos, quando muito. As soalheiras da monda não lhe haviam curtido a tez, de uma pallidez suave como a das creoulas. Era fina de corpo, airosa, gentil no andar, um pouco ostentosa de sua pessoa, mas isto de tal modo bem concertado e composto que em vez de se nos afigurar desvanecimento ridiculo, parecia antes elegancia nativa.

A linguareira da porta de rua não fóra exagerada de todo em todo. Marianna, comquanto vestisse o trajo do campo, mostrava n'elle um esmero contrario á simplicidade rural. Quem a visse atravessar os semeados, com a sua saia de lã, curta e farta, deixando vêr o pésinho encastoado n'um sapato irreprehensivel; quem lhe attentasse no bem feito do corpete, sob o qual se desenhavam umas fórmas apetitosas, diria logo que a mocinha da azinhaga ou havia muito de sua casa, ou então algum anjo bento lhe ia pôr á cabeceira do leito o oiro em pó, que ella deixava voar em mais de uma superfluidade.

Eu, que possuo uma lingua sob a qual nunca se aninharam as viboras, devo comtudo respeitar a minha missão de chronista fiel.

Marianna tinha apenas mãe viva, e d'esta não reza a his-

toria que fossem largos os haveres. Lá se amanhava conforme podia. Quando a filha começou a pimpar e a florir que nem uma alcachofa, perguntaram logo as mulherinhas da terra:

—D'onde lhe virá tudo isto?

A tia Josefa, que era uma velha de bofes sem ronha, acudiu á pergunta:

—Ahi estão vocês com o maldito veneno. A rapariga o que tem é que uns farrapinhos lhe luzem. Vejam as grandes fidalguias da Marianna!... Tambem reparam em tudo com maus olhos!

—Não se agonie, tia Josefa; ninguem lhe bole na santinha. Aquillo é mesmo um alfenim, pedaço de tola; olhem não a derretam.

—E o que anda ella a fazer mettida de gorra com o fidalgo? Está servida. Não é com o filho da morgada que ha de metter pé na egreja.

—Tem-te bocca—sahiu-se de outro lado uma zoupeira gordanchuda; se o choupal quizesse contar de dia o que ouve dizer de noite, frescas seriam ellas.

—Ó tia Martinha, então as coisas já chegaram a isso?

—Eu sei! Pois vocês quando vem alli da aceifa, arrastadinhas que nem umas cobras, não dão com a Marianna a cantar, e a ir seu caminho lá para aquellas bandas?

—É verdade, a soberbona. Aquillo ha de ir ouvir os rouxinoes.

—Bons rouxinoes tenho eu ouvido, e dos taes de bico amarello.

—Ainda ha de abaixar a prôa, verão.

—Se abaixa! Fructa em que bicam os passaros, má vae ella.

—E o Honorio sobre as aguas do mar, cuidando que lhe querem muito. Foi deixal-o e esquecel-o.

—Nem que fosse uma ventoinha.

—Pois, diga-se a verdade, o rapaz merecia outra prenda.

—Tu bem lhe fizeste a diligencia, ó Maria; saltou de pancada a tia Josefa com um risinho entre o logar dos dentes.

—E o que tinha? Póde limpar a mão, que se empregou ás direitas.

—Eu sempre quero vêr quando elle tornar da viagem.

—Quando elle tornar...

—Sim, quando elle tornar.

—Ora, a esse tempo temos ahi a Marianna feita a senhora morgadinha.

N'este ponto uma risada estridente gargalaçou de todas as boccas, menos da da tia Josefa, que se poz a derriçar pela estopa da roca, e a morder nos tomentos do fio.

Isto dava-se alguns dias antes da palrice com que eu abri o presente conto.

Para se puxarem os factos muito á luz da verdade, cumpre-me declarar que a Marianna andava de amores com o fidalguinho. Se o choupal fôra theatro de scenas tragicas ou não fôra, isso é negocio de que não se desembuxou a velha do soalheiro.

Ha organisações que tendem naturalmente para cima, e outras para baixo. Temos almas de aguia, e almas de toupeira. Umas vôam, outras mergulham. Cada qual é para o que Deus o destina. A alma de Marianninha voava, voava sobre o colmo das choupanas, e queria pousar na cupula dos grandes palacios, de cuja altura se vêem os homens mais pequenos.

Foi esta a razão por que insensivelmente se esqueceu do Honorio, o seu primeiro amor sincero, para acolher os galanteios do morgadinho, o seu primeiro amor de ambição. Não lhe atiremos com a pedra, coitada. Se formos a apurar as contas por esse mundo, havemos de topar com

estas carnicerias esplendidas, onde os corações se deitam para a balança como qualquer musculo suino.

De começo, o pintalegrete enamorado tivera para com Marianna os requebros de uma paixão dulcissima. Os conceitos poeticos estouravam de mel que nem uns favos. Aquillo era a castidade do amor levada a ponto de rebuçado. Davam tentações de lamber os beiços quando elle se derretia em amantissimos colloquios.

Uma vez, ao cerrar da noite, estavam os dois sentados á beira do rio, sósinhos, com as mãos enlaçadas, e a folhagem das arvores a apertal-os n'uma cumplicidade medonha. A lua rompêra, e a claridade brincava sobre a agua. Havia não sei que germens voluptuosos a fecundar a natureza.

N'essa noite o morgado sentia-se em calentura poetica; as louras musas faziam-lhe cocegas no estro. Passando o braço em torno da cintura de Marianna, e descançando-lhe a cabeça no peito solevantado em ondas, o fidalguinho murmurou docemente:

Olhos com que amor venceu
Corações em justa guerra,
Quem vos vê morre na terra
Por subir ao vosso céo!

—Lindos versos! suspirou Marianna.

—É o teu amor que m'os inspira, acudiu o vate de *extra-muros*.

O verdadeiro auctor da quadra, comido pela terra ha mais de dois seculos, não poz embargos á posse.

A Marianna sorriu-se como uma Lesbia perfumada.

Se o morgadinho subiu realmente ao céo por que suspirava, ou se o deixaram ficar na terra, como acontece a muitas

pessoas de amassadura mais fina, é ponto que não affirmo com segurança. Os chopos eram copados, a lua não se filtrava por entre os ramos, e é possivel que elle adejasse entre os planetas no momento em que o suppunham na escuridão do seu retiro.

Algum tempo depois, Marianna começou a sentir uns certos abalos desconhecidos. Viam-na triste, e a mãe deu com ella a chorar, beijando um crucifixo. As lambareiras do sitio já lhe andavam a cuspir na sombra; e quando ella, a risonha de outros tempos, passava cabisbaixa e melancolica, ouvia-se este rumor de boas linguas:

—D'aquella já não reza a folhinha.

—Podéra. As noitadas no choupal haviam de fazer das suas.

—Da pobre da mãe é que eu tenho pena.

—Pois que abrisse mais os olhos. Nem que fosse cega de todo!... Eu bastantes vezes lhe disse: «Você deixa a Marianna muito á solta.» Sabem o que ella me respondia: «Socega, que não a comem os bichos!»

—Lá se vê agora.

A conversação seguia n'esse tom piedoso, que é sempre o tom em que fallam as virtuosas de conserva; e mais de um echo resoou nos ouvidos d'aquella pobre Marianna, a accender-lhe a vermelhidão nas faces.

N'isto chegou o Honorio da sua viagem á America. Entrou no povoado com a alegria doida de um homem sinceramente feliz. Correu a casa da sua Marianna, com os braços abertos, os olhos esgazeados, e o coração no paraizo.

—Ó Marianna, dizia elle achegando-a ao peito, mata-me agora estas saudades.

Ella nem lhe respondeu com um monosyllabo. Sentia-se apertar por esse homem de bem, que em longas e longas noites de quarto soletrára o seu nome nas estrellas, e acha-

va-se vil, indigna d'essa effusão tão pura, a que nem um beijo atrevido ousava perturbar a candida suavidade.

Honorio despegou-a de si, e medindo-a de alto a baixo com um relancear desconfiado, perguntou-lhe sem azedume:

—Então o que succedeu por cá, Marianna?

Ella só teve voz para soluçar, e para dizer um «perdão» mas tão sumido e tão de dentro, que só lho poderia ouvir o anjo da sua guarda occulto no mais intimo da consciencia.

Quando estas coisas succediam preparava-se o fidalgo para uma digressão de recreio. Tinha ancias de correr o mundo, e o dinheiro emprestava-lhe as azas.

Honorio percebêra tudo; não lhe fôra necessario tirar devassa, nem consultar os synedrios do pelourinho. Foi por isso que, pegando na mão de Marianna, continuou dizendo:

—É fadario; que lhe hemos de fazer nós outros?... Ai, Marianna, Marianna, que t'o não merecia, assim Deus me ajude!

Calou-se um instante, e afinal proseguiu:

—Essa gente ha de rir-se de mim, que o sei; e tudo isto porque te quero muito.

O Honorio demorou-se até á noite. Umas espreitadoras de officio fizeram-se na volta da azinhaga, e ouviram conversar acaloradamente, como quem discutia negocio serio.

—Não sabe, tia Josefa, dizia no outro dia á velha uma das visinhas fronteiras; o Honorio sempre se casa com a Marianna.

—Bem bom rapaz que é elle!

—Assim lhe não faltasse a vergonha.

—Pois não és tu que lh'a vendes; resmungou a tia Josefa, sorvendo uma pitada de esturro.

Uma semana depois celebrou-se o casamento. N'esse dia rabearam as sevandijas até horas mortas. Quando os noi-

vos sahiam da egreja, ouviu-se uma voz que perguntava:

— Quando será o baptisado?

Marianna estremeceu; mas Honorio levantando os olhos, viu que o céo estava azul e sereno como a sua grande alma.

Fizera bem ou mal, o nosso redemptor obscuro? Não serei eu que o decida. Elle estava em paz com Deus, é certo; mas o mais bargante, o mais chibarro, o mais estanhado borrachão d'aquelle sitio chacoteava-o de passagem.

É sina de todos os redemptores, o haver sempre alguem que lhes escreva um rotulo, ou na cruz, ou na testa.

A MEDALHA DE FR. JORGE

N'esse tempo ainda havia conventos.

Depois veiu a civilisação, o progresso, o movimento sublime, e os claustros foram varridos da sua poeira secular, e as vozes lugubres dos frades deixaram de psalmear no côro.

Eu não chóro nem por aquelle pó que o vento levou, nem por aquelles echos que emmudeceram.

Quantas cellas não haveria, porém, que fossem refugio de lagrimas?—quantas folhas de breviario não se ensoparam com o suor da agonia?

A nova geração viu apenas luzir a nedia cachaceira dos bernardos, e atirou-lhe o harpeo como a um baleote productivo. Com esse oleo que se destillou, verdade é que se não avivaram as frouxas lampadas do sanctuario, comtudo besuntaram-se os athletas e desenferrujou-se o eixo ao carro triumphal dos conquistadores.

Mas o que tenho eu com isso?

O meu conto não invade as regiões da politica, nem pretendo formar capitulo em nenhum livro de philosophia de historia.

Não é mais do que uma folha ennegrecida, uma triste pagina d'essas chronicas do passado, que eu vou reproduzir com a fidelidade com que se transmittiria um deposito.

Quem sabe os mysterios de coração que se velaram sob as lousas conventuaes? — A estamenha cobria muitos corpos onde o demonio da tentação fazia cocegas irreverentes; mas sabe Deus em quantos mais não occultava o cilicio, e em quantos não procurava abafar o estremecimento mundano!

Jorge era um pobre rapaz que ousára erguer olhos atrevidos para a filha de um capitão-mór. Isto era audacia só comparavel á do reptil que se atrevesse a namorar o sol.

Tinha vinte dois annos, mas no fundo da alma ainda lhe viçava a juventude dos quinze; a sua existencia era uma primavera que se desabotoava em rosas nas faces e em lyrios no coração.

Não supponham que eu faço de Jorge um bonifrate rosado, d'estes que pedem nicho de quinta, ou panno de leque de charão; digo que era um rapaz que se não deixara lamber pelas chammas da terra, e que, portanto, se conservava fresco, assim na pelle, como no intimo.

O amor começou por umas olhadellas furtivas, subiu a uns sorrisos angelicos, e encarapitou-se finalmente n'aquellas doces contemplações em que dois entes se guindam ao paraiso.

A filha do capitão-mór chamava-se Candida, e o nome não desdizia da alvura da sua alma. Era formosa ou trivial? Não sei dizel-o, nem é necessario que o saiba. As linhas de um perfil não fariam melhor este conto. Amavam-se. Que

temos nós com o ondeado dos cabellos ou com a turgidez dos seios? Deixar isso aos desenhadores de contornos.

Jorge, ao cahir da tarde, costumava ir fallar-lhe á azinhaga, para a qual deitava a quinta do capitão. A menina achegava-se á ramaria da sebe, e através dos canaviaes e musquetas volitavam os suspiros e os juramentos.

Um dia lembraram-se elles de arregaçar um pouco o véo do futuro. Tinham conversado largamente, haviam repetido mil vezes aquellas santas puerilidades que fazem o encanto dos namorados, e a lua prateando as folhas das oliveiras, avisava-os de que era proxima a despedida.

—Quando poderemos nós viver juntos? perguntou a menina com a infantil meiguice dos seus dezenove annos.

—Eu sei, filha!... É preciso termos resignação e confiança. Que me diria teu pae se eu lhe fallasse em seres minha mulher? Deixa vir o dia de ámanhã.

—Ámanhã, ámanhã! murmurou ella passando a mão por entre os ramos do vallado, emquanto Jorge lha segurava e lha cobria de beijos; porque não ha de ser mais cedo?

—Porque eu sou pobre, Candida; porque a filha de um capitão-mór não deve trocar a abundancia pela mediania.

—Diz-te isso o coração, Jorge?

—Não, diz-m'o a razão fria, diz-m'o a realidade a que não podemos fechar os olhos. Tu és uma creança, não conheces o mundo, e ainda bem que assim seja! Espera. O tempo corre tão depressa!... Olha como o sol se apagou, e como a lua já sobe! Não tardará em que o sol venha de novo, como nos ha de vir a felicidade!

—Ai, Jorge, Jorge, dizia ella enxugando um lagrima; oxalá que Deus te ouça.

Decorreram dois annos n'estas alternativas e incertezas. Umas vezes raiava a esperança, e de subito os desenganos

dissipavam-na. Era um fluxo e refluxo n'estas ondas perfidas do destino, ondas que obedecem sempre á secreta influição dos astros.

Jorge pôde finalmente estabelecer-se na vida, não direi com as fartas ensanchas da riqueza, mas tambem não aguentando ao pescoço o trambolho da estupida necessidade. Morrêra-lhe um tio, modesto lavrador da Beira, e os haveres do parente sommados com o grangeio proprio, davam direito a apparelhar-se o connubio. Lembrou-se de que o capitão-mór era de uma nobilissima prosapia, que descendia, sem torcedura nem enxerto, dos mais frondosos ramos da Lusitania, e que não daria de barato o unico pomo do seu outono ao herdeiro de um cultivador de boleta suina. A paixão reanimou-o comtudo.

Preveniu Candida da resolução que adoptára, e dispoz-se a ir no dia seguinte procurar o capitão-mór.

Imaginem a ancia d'estes dois amantes, que em mezes e mezes estirados, haviam feito de tal dia o sonho esplendido do seu futuro.

O capitão-mór recebeu Jorge com a sobranceria do mal creado fidalgo. Quando o viu entrar perguntou-lhe seccamente:

—O que pretende?

—Quizera fallar-lhe em negocio importante; acudiu o rapaz avermelhando até á ponta das orelhas.

—Ha de ser fresco; retorquiu o pimpolho dos encouraçados batalhadores d'outro tempo.

Jorge estremeceu, mal lhe cahiu em cima a brutalidade, como se sobre elle houvesse desabado um penedo.

—Vamos, continuou o capitão, impacientando-se visivelmente; se tem que pedir alguma coisa, é desembuchar sem demora. Não me sobra tempo das occupações para o desperdiçar em cortezias.

Jorge levantou a cabeça, afogueada pelo resentimento mal contido; já não era a timidez que lhe alvorotava o sangue, era o orgulho, era o desespero, era um turbilhão de sentimentos inflammados e energicos.

Dirigiu-se para o capitão-mór, e com voz firme e ademanes altivos, disse fitando-o de chapa:

— Não vim aqui para me dispensar as migalhas da sua mesa, vim para ter o direito de me assentar a ella. Eu sou Jorge de Mello, que deve conhecer de nome, e peço-lhe a mão de sua filha.

O capitão enfiou de chofre; depois mordendo os beiços e recuando como que sem acordo, abriu a porta da sala que dava para um largo pateo, e respondeu ao seu ousado interlocutor:

— Saia depressa. O brasão dos Carvalhosas tem seis bezantes de oiro em campo escarlate. Não quero dar-lhe por timbre qualquer immundo cerdo, repastando-se na bolota.

Jorge cerrou os punhos e deu um salto para o capitão-mór; acudiu-lhe n'aquelle impeto a memoria da sua amada, e os braços cahiram-lhe sem animo. Avançou para a porta, sereno e glacial, sem ver mais do que, com os olhos da sua alma, o semblante esmorecido de Candida.

Eu tenho que condensar a narrativa, porque me falta espaço adequado. Demais, para que servirião as divagações floridas? Digamos cruamente a verdade.

D'aquelle dia em diante o capitão-mór guardou a filha em clausura perfeita. Nem uma só vez a pobre creança veiu gosar de um raio de sol da sua quinta, nem uma só vez a benção do pae interrompeu a sequidão e os maus tratos.

Definhava ella de hora a hora, como uma planta a que fosse minguando a seiva; não havia um peito onde desafogasse as magoas, nem onde deixasse cahir as lagrimas.

Durou isto seis annos; setenta e dois mezes de carcere

expurgatorio. Póde-se resistir tanto tempo? póde-se. As grandes dôres são uma especie de atordoamento. Onde batem tiram a consciencia da vida. Ao despertar do lethargo morre-se.

Uma tarde Candida mandou chamar o pae, e disse-lhe que precisava confessar-se. Estava já no leito d'onde só se levantaria para o tumulo. O capitão-mór ouvio-a, regougando por entre os colmilhos:

—Pois que chamem um frade.

Era em setembro, e o céo estava sem nuvens.

Ás seis horas o confessor entrava pelo solar dos Carvalhosas, e endireitava seu caminho para a clausura de Candida. O frade ia de cabeça baixa, e com as mãos enterradas nas mangas. Dir-se-hia estar ainda na força da vida, se por ventura os cabellos longos lhe não alvejassem a espaços.

Entrou no quarto da enferma, e a porta fechou-se-lhe sobre as costas. O que ella lhe disse em confissão, só elle o ouviu, com a fronte debruçada para a moribunda. Estiveram assim muito tempo, em mysterioso colloquio, em sacratissima effusão, em confidencia ineffavel. O sol que baixava para o lado das montanhas escoava-se pallidamente através dos vidros do quarto. O frade tinha entre as suas mãos as da agonisante, e dizia-lhe ao ouvido não sei que palavras celestiaes.

Os olhos de Candida, já baços e enturvados, cravavam-se fixamente nos olhos fulgidos do confessor. O arfar dos peitos era precipitado e violento, e o sol ia cada vez mais esvaecendo-se por entre os pinheiraes fronteiros.

Ao cabo ouviu-se um beijo interminavel, como o dos que se despedem para sempre; e o frade sahiu do quarto com as mãos cruzadas sobre o peito.

Ao descer da escada murmurava elle com voz tão sumida, que talvez só Deus lha percebesse:

— *Calicem salutaris accipiam, et nomen Domini invocabo.*

Chegou ao convento, seguiu em direitura á cella, e ajoelhou diante de um crucifixo. O rosto livido e contrahido parecia o de um morto a quem houvessem despido o sudario. Esteve assim, resando com fervor, e chorando, chorando que era mesmo um delir-se em lagrimas, até que a aurora veiu purpureando os cerros, e aljofrando as arvores.

Que noite do inferno para aquella alma!

Quando viu luzir a manhã, deitou-se extenuado sobre as taboas rasas do seu leito, tirou do seio uma medalha engastada em oiro, onde por certo estaria o vero lenho da santa cruz, e chegou-a aos beiços, estendendo o olhar para os desvios do oriente.

Dois dias não appareceu no côro. Ao terceiro, o superior notando a ausencia culposa do frade, mandou que o fossem advertir á cella.

—Ai, meu anjo bento da guarda, suspirava o guardião caminhando para o refeitorio, queira Deus que não afrouxe a piedade do nosso irmão fr. Jorge.

Ao entrarem-lhe na cella, viram-no estatelado no leito, e sem o minimo signal de vida. Tinha a mão esquerda cahida sobre um crucifixo, e com a direita apertava ao coração uma pequena medalha.

Dentro d'ella, em vez do lenho sagrado, havia o retrato de uma mulher.

UM POBRE DE ESPIRITO

—Ó tia Eufemia, parece-me que o senhor cura anda assim a modo embezerrado? Que démo terá elle que já passa por nós sem aventar nem uma nem duas? D'antes era um gosto topal-o a gente ahi por esses campos fóra; hoje... eu cá estou em dizer...

—O que é que tu estás em dizer, pedaço d'asno?

—Olhe que não é má palavra.

—Podéra.

—Bem sei que o senhor cura é homem ás direitas, e que apesar de ser ainda um rapagão verde, não tem a gente em que lhe pôr bocca; mas...

—Qual mas, nem meio mas. Tu pensas que uma pessoa como elle póde andar sempre de caninha n'agua a parolar com vocês outros? Bem lhe basta a labutação, que não é pequena.

—Lá isso é verdade, tia Eufemia. Padre assim é que nós nunca tivemos. Andará elle com algumas maleitas no corpo?

—Maleitas tens tu nos miolos.

—E então, que impossivel? Elle anda por ahi de dia e de noite, ao sol e ao relento; e veja que os tempos não correm de feição que preste.

—Isso é verdade. Tambem não se poupa. Ha um mez —lembro-me como se fosse hoje—tinha tomado o seu chá, e recolhia-se ao quarto. N'isto batem á porta, batem mais; uma inferneira de argoladas. «Ha de ser caso de pressa, vae abrir, Eufemia», disse-me logo amanhando-se no capote.

—E o que era, ó tia?

—Nada menos que chamal-o para levar o viatico a um pobre homem que mora alli para as bandas da serra.

—E foi?

—Pois quem o aguentava em casa? Chovia que era mesmo a cantaros. Enfiou as botas, pediu-me o chapéo desabado, e foi, coitadinho, resando, resando, com aquella paz d'alma que é mesmo de um bemaventurado.

—Pois é tambem ha cousa de um mez que eu faço este reparo. Alli andam maleitas, tia Eufemia. Veja lá se faz com que o sr. doutor o visite. Olhe que o homem está pêcco.

—Veremos, veremos.

A sr.ª Eufemia, velha espivitada e aceadaça, era ama do cura, e travára o dialogo acima com o Thomaz d'azinhaga, homem de haveres, palrador de tenda e juiz eleito em duas occasiões solemnes.

O cura do logarejo em que este conto se passa, era rapaz serio, tristonho um pouco, talvez precocemente avelhentado pela meditação e pelas fadigas.

Quando foi para alli, começaram as conversadeiras de soalho a debicar no novo parocho.

—Agora cuidado, raparigas; diziam as abelhas mestras que já haviam feito mel em muitos cortiços: olhem que aquella pinta não engana.

No fim de tudo o cura estabeleceu-se modestamente; vivia na egreja onde ensinava os pequenos, ou, se as tardes eram largas, punha-se a andar pelos trigaes e olivedos, a confortar os trabalhadores, que lhe beijavam a mão respeitosos.

Aquillo era um santo.

D'onde lhe vinham, porém, umas sombras de melancolia, que de espaço a espaço lhe annuviavam o semblante? Nem a sr.ª Eufemia o adivinhava.

O cura havia-a chamado para casa, sob indicação do medico do sitio, por ser ella mulher honrada e discreta, e a sr.ª Eufemia, creando-lhe affeição de boa serva, não se atrevia comtudo a devassar-lhe os segredos.

Que elle era triste, isso é que não tem duvida. Quando sorria, parece que n'aquelle franzir de labios havia uma contracção pungente. Houve até occasiões em que a sr,ª Eufsmia o surpreendeu com o evangelho aberto, a cabeça firmada n'uma das mãos, e os olhos razos d'agua.

A pobre mulher tomou o caso por alevantamento celestial do espirito — mas qualquer veria reflectirem-se n'essas lagrimas as saudosas paizagens do mundo.

Digamol-o de prompto — o cura tinha amado — amado com o fervor e com a innocencia dos poucos annos. Abriu o coração ás enchentes da graça, credulo, enthusiasta, puro; de repente sentiu fugir-lhe o oceano, a onda azul que lhe fecundára o intimo, e que apenas lhe deixava um montão de limos.

Religioso, crente, como todos os que teem a poesia dos sentimentos generosos, entendeu que era preciso firmar um divorcio com o mundo, e recolher-se ao templo rural, á ermidinha do desvio, á parochia solitaria, e viver ahi contemplando a magestade dos campos e das serranias, espalhando a esmola da caridade e do amor, e bemdizendo a Deus, que protege as aves e os lyrios.

Desde aquella noite em que fôra acudir ao homem do casal da serra, a tristeza tinha-lhe tomado um caracter sombrio. Deixára-se de andar conversando com os ceareiros, esquecêra-se dos seus discipulos pequerruchos, e absorto, grave, indifferente, atravessava o povoado, com o breviario debaixo do braço, e a farta capa ondeando solta.

Subia então por qualquer ladeira, sentava-se no pinaculo, e estendia os olhos para muito longe, até onde o céo parece confundir-se com a terra.

O moribundo era pobre, tinha mulher e tres filhos; e o bom pastor sabia que n'aquelle aprisco deserto se acoitavam ovelhas suas.

—O que me diz, doutor? perguntou elle ao cirurgião que tratava do homem por incumbencia sua.

—Digo que está quasi cheia a medída.

—Esperanças, nenhumas?

—Nenhumas. È o coração que o ha de matar.

—Nem todos morrem quando o coração estala.

—Pensa-o?

—Creio-o. Mas... que lhe estava eu dizendo?... d'onde viria aquella gente?... coitados, coitados!

—Pois a mulher devia ter sido formosa. Ainda se conhecem as linhas, suaves, correctas, apesar do abatimento e da penuria.

—Ai, e os filhos tão louros...

—Ahi tem mais cordeiros para o seu rebanho.

E apartaram-se.

O cura ficou a scismar ainda um pedaço; e depois, dirigindo-se lentamente para casa, ia murmurando para comsigo:

—Fatalidade, fatalidade! E eu que te julgava sarado de todo!... Ai, coração, coração, que ainda não és um cadaver.

E com as mãos entrelaçadas e descahidas, os olhos no chão, tragico e desfigurado, o cura ia proseguindo baixinho:

— Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste!

O homem morreu passados quinze dias. N'essa noite o cura recolheu-se mais cedo, não quiz ceiar, por maiores que fossem as instancias da sr.ª Eufemia, metteu-se no quarto, fechou-se bem fechado, e já o sol vinha rompendo quando a boa da ama deu fé que elle descançava um pouco. Até alli esteve mexendo e remexendo em papeis, arrumando fato, fechando malas, como quem se prepara para jornada proxima.

No outro dia estava pallido como cêra, e, por ventura, alguns cabellos lhe alvejavam na fronte.

— Ouve cá, Eufemia, disse elle pousando a mão no hombro da velha, eu vou partir por alguns dias; não tenhas receios. A pobre gente da serra não tarda por ahi em bater-te á porta. Dá-lhe agasalho. Onde hão de elles viver, coitados? Alguma cousa ahi tenho juntado com as tuas econonomias. Ha de chegar para todos.

— Então demora-se? Fazer jornadas tão doente?...

— Talvez até melhore.

— Deus o ouça, Deus o ouça.

Pela volta das nove horas partiu, sem dizer para onde, com muitas lagrimas da sr.ª Eufemia, e da matula dos aldeãos que diziam:

— Então deixa-nos o nosso cura?

— Não, meus rapazes, isto é por pouco.

Seguiu o caminho da serra, chegou á porta do casal, estacou um momento indeciso e trémulo, olhou para o céo, e é de crer que de lá lhe viesse um raio a allumial-o. Bateu com mão firme, mas quando o rosto da viuva assomou a uma das janellas, elle mal podia dominar o tremor que o agitava como a uma folha d'arvore.

—Venho dizer-lhe uma cousa, minha senhora, é que póde recolher-se com os filhos em casa de Eufemia. Ella já o sabe. Isto aqui é um deserto, e demais... o inverno aperta e os pequenitos... sim, é preciso vestil-os e educal-os.

As creanças, rodeando a mãe, pallida e quebrada, entre-sorriam-se ouvindo a nova.

O cura proseguiu com os olhos baixos e uma das mãos sobre o peito:

—Não tem que hesitar; eu vou para fóra algum tempo... a Eufemia é uma boa mulher, caridosa, ha de lhes querer como se fosse mãe. Vão, vão, ella já os espera. Façam-lhe companhia, sejam amigos... Deus quer que nos amemos uns aos outros!

—Mas o sr. cura deixa-nos?... Nós aqui podemos continuar a viver; eu trabalharei no campo, e os pequenos hão de ajudar-me...

—Não, sou eu que não o quero!—E os olhos do padre levantaram-se então, luminosos, ardentes, accesos por essa luz da febre que é ao mesmo tempo irradiação e treva.

Depois, asserenando um pouco, pegou n'uma das mãos da viuva, e com um tom de voz que mal parecia da terra, disse-lhe com um sorriso:

—Faça-me o que lhe peço. Eu já não sou d'este mundo!

Foi um relampago, inopinado, imprevisto, celere, vertiginoso; a viuva fixou-o n'um relance, mediu o abysmo n'um rasgo, e arquejante, livida, exanime, cahiu soluçando:

—Pedro, Pedro!

Elle tomou-a nos braços, reclinou-a n'uma cadeira, viu que a postura a não magoasse, esteve assim, hirto, immovel, petrificado, com a respiração suspensa, com as palpebras inertes. Os filhos choravam gritando:

—Mãe, mãe, que nos morres!

Os olhos da pobre mulher descerraram-se, então, com

esforço, e das pupillas cahiu sobre os filhos uma claridade languida e amoravel.

—Não chorem, disse o cura affagando-os: isto não é nada, não é nada.

Quando viu que o deliquio se desvanecia, pegou n'aquella mão que gelava, e aqueceu-a com um beijo longo e fervente.

Depois sahiu apressado.

Mezes depois dizia-se na aldeia que havia embarcado, e que partíra para missionar.

É de crer que não faltem bonzos tonsurados que babem na sombra d'este pobre homem; mas se o demonio da tentação catrafilasse algum d'elles pelos lombos, talvez não fosse pensar a chaga da culpa com os balsamos de um sertão da Africa!

MAIS UM ANJO CAHIDO

O rapaz tinha vindo da provincia a vêr se o arrumavam em alguma occupação publica. O pae dera-lhe credito sobre algumas casas abastadas, e confiava no bom exito da empresa.

Chamava-se o moço alemtejano Bonifacio Penella, o que não é dizer que tivesse um nome digno das trompas immortaes—mas que estirado em papel competente valia o melhor d'umas centenas de libras.

O rapaz estava na plenitude dos sonhos poeticos e das phantasias bucolicas. Sentia em si o que quer que fosse de um calor intimo, d'um ardor sacro,—e iria jurar que a centelha da inspiração lhe faiscava por vezes, accesa por um couce do Pégaso.

Na sua vida tinha avultado mais de uma imagem tentadora; quando os rouxinoes da sua aldeia cantavam á noite por entre as moitas, elle, de chapéo derrubado e manta aos hombros, lá ia ao reclamo das aves; e quando os rouxinoes

paravam na cantilena, ouviam-se outros gorgeios de amor, suspirados na escuridão que cahia das arvores.

O pae, que era lavrador, dera-lhe uma educação digna de quem se propunha a roer os ossos do orçamento. Suspeitava que o filho era da mesma massa asma de que se fazem os grandes homens, e queria que no solar dos Penellas podesse haver um dia um escudo esquartelado com leão rompente.

O rapaz, entrado em Lisboa, tratou de se apresentar aos magnates a que vinha recommendado.

Alargavam-se-lhe os horisontes com o novo aspecto das cousas; os idylios enroupados em chita nacional vaporisavam-se-lhe na contemplação das formosuras cidadans. Nunca tinha visto a seducção gentil, a seducção de pé pequeno, e lamentava a perda de tantas noites passadas a dedilhar no bandolim dos trovadores, cantando as prendas de uma bella imaginaria, que apenas tinha de verdade o saber eslagartar as vinhas e fazer bom serviço na monda.

Bonifacio Penella era o ebrio dos jantares opiparos; tinha a deleitação dos vinhos generosos.

No seu espirito dançavam os fantasmas da belleza; as musas do arrebatamento febril; e o metro, esguichando intermittente, confiava ao papel os segredos de uma imaginação estonteada.

Ó poesia, ó colmeal das ineffaveis doçuras, quantos ursos te andam a estragar os favos!

Discorriam os tempos; mas as pretensões do moço Penella nem atavam nem desatavam. Tambem as cousas não podiam succeder como se afigurava ao bestunto do velho provinciano. Elle, a cuidar no pescaz e na aivéca, suppunha que só aquillo era officio serio; e não desconfiava nem por sombras que os ministros teem mais que fazer do que despachar qualquer Bonifacio para amanuense de secretaria.

Bem lhes basta o que basta, a estes rebocadores da nau social, constantemente de caldeiras accesas, e promptos para o primeiro sinistro. Nós resonamos na praia, ao murmurio das ondas, e dizemos mal da pilotagem que nos anda a pompear com a frota.

Oh, cegueira da ingratidão, que és tão capaz de atacar um Penella do Alémtejo como qualquer Argos da côrte!

O moço, para espairecer, e no intuito de arejar os cobres paternos, tinha feito valer os creditos, recommendando-se por este facto á consideração da mocidade elegante.

Cortejavam-no com estima, acompanhavam-no de bom grado, applaudiam-no com ruido, e até se saboreavam ouvindo as quadras ou quintilhas que este cavallariço do Pindo se aprasia de recitar na intimidade do convivio.

Um dia estando elle a desbatocar-se em rajadas de sentimentalismo, e a deixar correr a veia que por aquelle tempo lhe andava com uns certos primores de eloquencia, houve uma voz no grupo que observou.

—Ó Penella, você ainda não se arrojou a conquistas? Pois olhe que me está cheirando a espada de dois gumes. Deite-me para trás das costas esse acanhamento de creança; já é tempo de ser homem.

O moço ficou a martelar sobre o conselho, e lá lhe foi parecendo que as candidas musas deviam ser postas ao serviço de qualquer bella dos seus pensamentos.

Andava elle a farejar nas sendas do amor com o focinho em todas as piugadas. Os amigos apontavam-lhe algum rasto melhor, mas a caça era de altanaria, e elle apenas se déra na provincia a matar algum coelho a cajado.

No emtanto proseguiu, com a tenacidade dos animos corajosos.

Já se lhe haviam desvanecido do espirito as pretensões

a cargo publico; deixára de todo as ante-camaras, e refugiára-se nos salões onde a belleza tinha imperio.

O pae sabia do acontecido, por informação dos amigos, e apertava com o filho para que atiçasse o negocio do emprego, ou então que voltasse para casa, á espera de melhor monção.

O rapaz amoucára de todo.

Sabia que na arca de pinho havia muitos dobrões com o peso, e que seis bois lhe andavam na lavra das terras.

Chegou finalmente o dia providencial; de tanta escorva queimada alguma se havia de aproveitar. O Penella mettia na rede a primeira peça, não diremos chofrada de morte, mas pelo menos ferida d'aza.

N'esse dia deu elle banquete aos amigos, e permittiu aos ôdres da inspiração que reçumassem alguns conceitos poeticos.

Estava radiante, ancho, contente de sua pessoa, e com um purpureado nas faces que denotava as calenturas do coração.

—Vamos lá, Penella, dizia um dos commensaes, enxugando o seu copasio de Xerez, você tardou mas arrecadou.

—Aos amores do nosso Bonifacio; bradava um d'outro lado, empinando a taça, como se diz em estylo de dithyrambo; amores nascidos entre as flores de um baile e perfumados como ellas.

—Bravo, que o rapaz tem facundia! Ó Bonifacio, você já encannou a agua da Castalia para o toucador da sua deusa, hein?

—Diga-se a verdade, assim é que eu entendo. A mulher não tem sido nenhuma torre eburnea de ladainha; mas tambem o Penella não almejava outra cousa.

—Vamos, que não é torre desmantelada, apesar dos muitos assedios.

— Desmantelada... essa é fresca. Pódes-te gabar; aquillo é divindade que se não mantém com os pomos das musas; mas emfim, para bons dentes bons fructos.

O Bonifacio embalava-se na onda d'estes applausos, e reforçava as dóses da alimentação para que ninguem esfriasse no vigor paroleiro.

Puxado o caso a bom terreno, a verdade é que o nosso homem entrava no templo de Gnido, dando o braço a uma sacerdotisa milagreira.

Nos primeiros mezes respiravam aquelles amores uma fragrancia de madrigal dos bons tempos. Bonifacio, embora continuasse em commercio com as *filhas da memoria*, expungia-se da culpa descendo ás mundanidades succulentas e aos passeios ostentosamente fidalgos.

Nunca lhe tinham arraiado na alma umas claridades tamanhas! Gostava de que o admirassem, de que o invejassem, de que o motejassem até; porque n'esse rumor de vozes percebia elle o som que fazem os dentes dos que se roem a si proprios.

Um anno depois o rapaz cultivava em todos os campos das musas, tinha cebollo poetico para vender a necessitados; mas o dinheiro, o vil dinheiro, o metal soez e indigno, a escurrilidade nauseante, começava em baixamar d'aguas vivas.

O pae suspendêra os creditos, e os amigos não emprestavam sobre o futuro.

Á falta de oiro o enamorado desfazia-se em versos.

A Rosina d'este Almaviva não se embebia, porém, nas cantatas; e já uma vez por outra se levantára em meio das recitações empoladas.

No dia dos annos d'esta bella materialona, que não chegára a comprehender o que havia de sublime em todo aquelle desentranhar de toantes e consoantes, o pobre do

rapaz tinha apenas comsigo umas escorralhas de maior quantia.

Azedou-se-lhe o animo. A indignação faz poetas.

Lançou mão da penna, floreada tantas vezes em octosyllabos franciscanos, e de um jacto, n'um impeto, como quem bebe um trago, esculpiu n'aquellas laminas de bronze, disfarçadas em papel d'Abelheira, o hymno que tornaria immortal quem quer que fosse, se porventura o não vendessem a peso.

—O seu Apollo está mudado, meu caro Penella, disse a deusa ao acabar de ler a ode.

—Em que, poderei sabel-o?

—Em se dar todo aos cantos da lyra, esquecendo-se de espalhar raios de ouro!

O homem arripiou-se com o dito, mas as musas não lhe segredaram resposta.

Succedido isto, o desenlace era inevitavel e prompto.

Emfim desabou o templo!

Andava elle aturdido e scismatico, doía-lhe entranhadamente o coração, e sonhava com a sua perdida felicidade.

Um dia desabafou n'uma longa epistola, pintando o inferno do seu viver, carregando as tintas romanticas, e fechando o arrasoado com esta quadra, de que outro se chamará dono:

Poderão pedras quebrar?
Quando em duras pedras deram
Lagrimas que não poderam
Comvosco nada acabar.

Horas depois devolviam-lhe a carta com esta receita marginal:

«Meu poeta.—Diz Avenzoar no seu tratado *de excoratione intestinorum*, que a pimpinella, bebida em vinho com

pós de genciana, alho e centaurea, perserva o coração de toda a casta de veneno. Experimente. Creia-me, etc. etc.»

O rapaz leu, e cahiu em si de toda a altura das suas pieguices.

Oito dias depois tornava á pretensão do emprego e em menos de um mez estava despachado, por influencia de um dos homens que querem o bem do paiz.

Elle agora já anda a discutir pelos gremios o modo de matar o *deficit* e de calafetar as fronteiras; e ainda meio chamuscado pelas labaredas da paixão, pretende curar-se de todo ao fumeiro do amor da patria!

FILHO ÉS, PAE SERÁS

Os conquistadores de mundos repousam socegadamente nas covas, mas em seu logar enramam-se de louros os que dão batalha contra os corações feminis.

A civilisação quebrou a espada de Alexandre, amolgou o casco de Cesar, desplumou as aguias do primeiro imperio, e sobre o throno d'estes heroes anachronicos levantou Alma-viva o typo da graça e da sensibilidade amatoria.

Antes assim.

Sitiar um coração em vez de sitiar uma praça, é já reconhecer a lei do progresso. As capitulações, n'este caso, fazem-se em meio de hymnos e folgares, e é quasi sempre o vencido que se engrinalda com as rosas colhidas nos jardins do amor.

A verdade é que os lobos vagueam em derredor dos apriscos, e nem sempre as ovelhas se furtam á má vontade d'estes inimigos. A tentação é originariamente diabolica. Deus livre a todos de que ella venha, até na fórma de ser-

pente, assoviar requebros e protestos aos nossos ouvidos incautos; havemos de sentir o pé resvalar sobre os limos terrenos, e quando abrirmos a bocca para mendígar o auxilio do anjo custodio, engasgar-nos-hemos com a maçan peccadora.

Isto são fraquezas da especie.

Vamos agora ao conto.

Angelo pertencia á guarda dos conquistadores amorosos. Nem mais nem menos. Tinha trinta annos, que é a edade dos fogos fatuos, e um exterior, não direi de figurino de taboleta, mas de homem que se não deita ao almargem. Havia na sua alma um germen de affecto, prompto a desenvolver-se ao mais tepido raio. Contava os mezes pelos triumphos, e nas suas memorias ineditas os nomes das victimas enfiavam-se em rosario peregrino.

Apesar de tudo, Angelo era um bom rapaz. Tinha esse fraco, de que nem escapam os philosophos; e elle, que detestava cordialmente as philosophias, baloiçava-se n'um mar de prata, sacudindo as azas como um cysne contente.

Era uma organisação especial e sympathica. Vaidoso até o delirio; sublime até o sacrificio. Seria capaz de arrastar a mulher á beira do abysmo, e depois, ao ver-lhe uma lagrima, dar-lhe-hia as azas do seu amor para que ella se fosse abrigar no céo.

Assim fossem todos.

Um dia começou elle a sentir não sei que rebates affectuosos; e o espirito andava-se-lhe norteando por uns olhos pretos, pretos como dois azeviches. A dona de taes olhos chamava-se Joanna, e, com certeza, os luzeiros d'aquella fronte allumiavam a pallidez de uma face adoravel, e parecia vestirem de brilho um corpo gentil, flexivel, quebradiço como os arbustos.

Foi na primavera que se trocaram os primeiros olhares,

e em breve os primeiros sorrisos. O sorriso da mulher é a escada de seda deitada ao longo do muro. Angelo subiu.

Oh, a primavera é uma conspiração armada de flores e de balsamos, é o traidor que esconde o punhal sob o manto de veludo, é a vibora que se agacha por entre as murteiras floridas. Recebe-a a gente, bebe-lhe o aroma a peito descoberto, a pulmão cheio, e quando pensa ter-se alimentado com um sopro de vida, sente a enfermidade nas veias. Se o mez de abril fallasse, dir-me-hia quantos peitos come já a terra, mortos pela embriaguez dos seus perfumes. E comtudo, eu quizera reclinar ainda a cabeça entre os aljofares do campo, e esquecer-me d'estas nuvens do outono que se approxima!

Angelo amava. Accrescentemos sem rodeios: Angelo era amado.

Amar e ser amado, eis as duas expressões da felicidade na terra.

Era ao cahir da tarde, tarde serena, voluptuosa como costumam ser as d'esta estação encantadora. Os passaros noivavam por entre as folhas, e as folhas conversavam com o vento. Ouvia-se apenas aquelle rumor indecifravel que sae de todos os desvios e balsedos, e que póde ser tanto uma saudade do dia que foge, como um chamar pela noite que cresce.

A natureza estremecia.

Lo bel pianeta che ad amar conforta

para me servir de um bello verso do Dante, espreguiçava-se sobre os cabeços dos montes, fazendo recortar no azul claro do céo o verde negro das arvores.

A casa de Joanna levantava-se no fim de um campo de trigo. Entre o campo e a casa mediava um claro ajardinado,

e a uma das bandas um carramanchel forrado pela hera, que bracejava robusta.

Quem tivesse passado horas antes pelo pé d'aquelle ninho de pombas, teria visto duas creanças louras, correndo e brincando á roda dos alfobres.

Joanna era cazada. Digamos o que é mais ainda: Joanna era mãe. Algumas vezes Deus permitte (se é Deus que o permitte), que o vento enrugue a face dos lagos. É pena. As pobres das aguas estavam tão quietas, tão limpidas, tão docemente reflectindo a claridade da aurora, que não sabe a gente porque lhes hão revolver o lodo do fundo.

Angelo tinha reparado desde principio naquelle grupo de seraphins, que pareciam alli postos para defender o Eden: mas a paixão impellia-o, estouvada e louca.

O amor de Joanna era já em si um delicto, confessemol-o; não chegára, porém, a ser uma infamia.

Á noite, quando os filhos ao aconchegarem-se no leito lhe pediam a benção, ella ouvia alguma coisa lá dentro a dizer-lhe que não eram os seus labios que podiam abençoar dois anjos, e beijava-os sofrega, para ver se aquelles beijos lhe podiam trazer o esquecimento e o socego.

Não lh'o traziam.

Emquanto os filhos adormeciam sorrindo, ella velava chorando.

A noite em que eu fallei ha pouco ia correndo mansa. As horas succediam-se, e com ellas augmentava o silencio. Unicamente se ouvia soar o canto do ralo, e o murmurio lugubre das fontes.

Subito viram-se alvejar umas roupas, e em seguida desenhar-se um corpo de mulher que se dirigia para o caramanchel. As nuvens subtis toldavam n'aquelle momento a lua, como um véo de gaze póde cobrir o rosto de uma noiva.

—Angelo! ouviu-se então balbuciar uma voz.

—Sou eu, Joanninha!

As roupas brancas desappareceram no escuro do folhedo, mas de repente a lua desaffrontando-se das sombras, veiu apressada coar-se atravez da hera, e illuminar as duas creaturas, que, de mãos dadas, se contemplavam em extase.

—Ó Angelo, dizia ella com um tremor de voz que mal podia conter-se, tu não sabes o que eu soffro. Deixa-me, vae-te, que posso eu fazer-te?...

—Pódes amar-me.

—E não te amo eu? E ainda é pouco arriscar-me á vergonha para vir aqui, a estas horas, e dizer-te: Angelo, Angelo!

—Não é pouco. Eu é que tive a loucura de imaginar, ao ver-te, que este jardim seria o meu paraiso.

—A tua deshonra, dize antes; a tua e a minha.

—Deus perdôa aos que se amam, Joanna.

—Mas nunca aos que o offendem, Angelo.

—E é offender a Deus dar o coração e a vida a quem nos é tudo, querida da minha alma?

—Oh, cala-te, cala-te!—E ergueu a mão para tapar-lhe os labios.

Elle agarrou n'essa mão, candida como o alabastro, e apertou-a ao peito com um beijo.

—Deixa-me fallar, Joanna; tinha tanto que dizer, tanto que te confessar, e... não sei, não ha palavras, não as sei eu, para te contar os meus sonhos, para te dizer como te amo.

—Se m'o tens dito mil vezes!...

—Sim, mas não te disse tudo, tudo o que penso, tudo o que desejo. Somos creanças, somos. O que é a vida sem o amor? o que é o amor sem a felicidade? Ó Joanna, tu

que ainda olhas para o mundo, é queme não vês a mim sempre!

—Vejo, vejo, interrompeu ella passando a mão pela testa e afastando os cabellos que lhe cahiam em ondas; e é por isso que soffro. Olha, ha momentos, ha horas, esta tarde ainda, estava eu aqui, a scismar, a lembrar-me não sei de que cousas, a ver-te, e a sentir os olhos arrasados d'agua. Quiz rezar, pedir forças para me vencer, e a oração não me chegava aos labios. Aquellas palavras que me ensinára minha mãe, aquellas supplicas que eu ensino a meus filhos, não as sabia dizer, não podia. É que o nome da Virgem seria uma profanação na bocca da peccadora.

—Peccadora! Em que és tu peccadora?

—Em te escutar, Angelo.

—Louca!

—Sou-o agora. Ouve: de repente cahiram-me n'estes braços, apertaram-se contra este peito duas creanças, os meus filhos, e perguntaram-me, coitadinhos: «Porque choras tu, mãe?» Eu respondia-lhes afagando-os: «Porque pensava em vocês... filhos...» e mentia!

—Ó Joanna, como essas tuas palavras me consolam.

—Não; é preciso que me deixes, que me esqueças. Hoje ainda poderá haver perdão para mim... vae-te, sou eu que t'o peço.

—Nunca, nunca!

E Angelo, desvairado, cingiu-a com um braço e achegou-a ao peito.

—Angelo, disse ella n'um grito—deixa-me.

E levantando-se com a respiração alterosa, com o fremito no seio, com o rosto livido, arredou de si o mancebo, que, de mãos postas, parecia embebido n'aquella formosura.

—Dei-te o meu amor; não te posso dar mais do que uma saudade. É indispensavel que fujas; ámanhã, hoje

mesmo. A ausencia far-te-ha esquecer de mim... talvez sejas feliz... pedirei a Deus que o sejas. Tudo o mais é impossivel.

—É um conselho que me dás, Joanna? perguntou elle deixando cahir os braços.

—De amiga.

—Seria bom escrevel-o para uso da mocidade!—Continuou com um sorriso.

—Escarnece-me, proseguiu ella enxugando os olhos. Depois estendendo-lhe a mão:

—Quando encontrares alguem, digno do teu amor e do teu nome, quando os filhos te pegarem na mão para que os abençôes, ó Angelo, quererias tu...?

—Não, é certo, Joanna; acudiu elle beijando-lhe ao de leve os dedos: seria perder-te para sempre.

Foi um momento só, rapido, fugitivo, o que se seguiu a estas palavras. O que n'esse momento passou por aquellas duas almas não sei eu dizel-o; mas é de crêr que fosse o piedoso olhar de Deus, a laval-as de toda a macula.

A historia d'estes amores, até certo ponto condemnaveis, termina com a presente entrevista.

Angelo partiu na manhã do outro dia, e Joanna ao levantar-se do leito, achou que a luz do céo era mais clara, e o beijo dos filhos mais doce,

O conto, ensonsamente moral, ha de nausear a certos paladares esquentados.

Não tenho nada com isso.

Eu não ando aqui para missionar os gentios, porém muito menos para immolar aos seus deuses.

Concedam que esta gota d'agua chilra se perca no oceano espumante.

UMA LEITURA AO SOL-POSTO

Ha dias li por acaso n'um livro o seguinte conceito de madame de Sartory:

«Amamos para que nos amem. Quando se perde a esperança, o amor foge. Se amar é esperar, quem amará desenganado?»

Apesar das palavras serem de bocca feminina, o que lhes dá auctoridade, estou em dizer que me parecem absurdas. O amor não se alimenta de esperança; vive por si, e tem tudo em si. Não carece das illusões que o douram, dos sonhos que enlevam, dos futuros que se devaneiam; floresce a despeito de todos os montes de estorvos; radia apesar de todas as cinzas de indifferença.

É chamma e vestal ao mesmo tempo.

Conserva-se no intimo d'alma, seja qual fôr a escuridão que o cerque.

Amar é sentir a plenitude do goso immaterial e angelico; ser amado é entrever no horisonte um sorriso de voluptuosidade.

O amor é adoração. Para que o culto permaneça, são necessarios os beneficios dos idolos?

Lembra-me agora a pagina de uma vida, ignorada como muitas vidas sem mancha.

Paulo, era assim que elle se chamava, tinha pouco mais ou menos vinte annos. Triste de condição, e um tanto desconfiado dos homens e das cousas, gostava de se internar nos campos e de vaguear ao pôr do sol por entre os freixos e oliveiras. Era uma especie de fauno transviado, fantasiando amores com a melancolica poesia das rolas.

Esta convivencia com a natureza vibrara-lhe a corda das sensações estranhas. Sentia elle dentro em si a vaga harmonia das aspirações, e o sangue refluia-lhe ao peito em murmurios confusos.

Paulo, na primavera da vida, começava a estremecer ao proximo desabrochar das rosas.

Havia uma creança, realmente creança ainda, com quem elle vivia, quasi em intimidade familiar. A intimidade embaraça o amor. Se acontece que uns olhos, que se fitaram em nós por muito tempo inoffensivos, tomam de repente a influição dos astros, ha um inexplicavel medo a atar-nos as mãos e a cerrar-nos os labios. Temos receio de que nos tomem a confidencia como brinquedo, e que nos soltem uma gargalhada em troca da explosão.

Pois o que succede muitas vezes, é que vivemos annos e annos ao lado de uma mulher formosa, tentadora, divina, e o germen da paixão dorme-nos repousadamente; um dia, ou porque o sol é mais vivo ou porque o ambiente é mais perfumado, esse olhar fere-nos, abraza-nos, mata-nos. Taes olhos fuzilaram sempre, mas n'um momento dado acertaram no alvo.

Isto são trivialidades em psycologia experimental.

E foi isto o que succedeu a Paulo.

A creança da vespera transformou-se-lhe uma tarde em mulher, com toda a enchente das seducções esplendidas. A mão que elle até alli apertára como se fosse a de uma irmã, queimava-lhe a sua mão trémula. Quiz fallar como d'antes, e não achava, não lhe acudiam palavras. É natural que ella adivinhasse tudo, porque tambem lhe subiu ao rosto um colorido de pudor, que a pouco e pouco foi esmorecendo até se confundir com a pallidez das faces.

Estava-se no mez de maio, mez das flores e dos cantos, da fecundação da terra e das almas. Paulo, sentado a uma janella, olhava para o sol, que descia para detraz dos montes fronteiros.

O pôr do sol chove saudades. Saudades de quê, e de quem? Talvez do mundo d'onde viemos, talvez de alguem que ainda não encontrámos. O que eu sei é que ao entardecer, os valles e as collinas parece entrarem n'um mystico recolhimento, e o coração do homem fluctua n'uma atmosphera sagrada.

Paulo contemplava o sol, e os olhos alongavam-se-lhe tristes.

—Está lindissima a tarde, não é verdade, Paulo?

—Oh, se está linda!

—E para passeiar por esses campos fóra, que ha de ser um gosto ouvir os pardaes e as toutinegras.

—Vamos.

Paulo levantou-se, deu o braço ao seu anjo, e desceram ambos pela escada de pedra que terminava junto de um lago.

Andaram, andaram, a principio calados, docemente embebidos n'aquella poesia do cerrar do dia, e um pouco enleiados n'uma timidez pueril.

—Sentamo-nos agora? Perguntou ella desprendendo o braço, e dirigindo-se para um banco a que dava sombra a copa de uma nogueira.

—Este é o sitio querido dos rouxinoes, — disse Paulo sentando-se ao seu lado.

—Oh, feliz vida a das aves, que voam e que cantam; proseguiu ella com um meio suspiro.

—Assim o podessem os corações!

Houve um silencio de momentos. Paulo tirou em seguida um livro, e poz-se a folheal-o vagarosamente. No cimo da pagina lia-se: *O inferno.*

Ella inclinou a cabeça curiosa, e ao ler o titulo exclamou com um sobresalto indizivel:

—É horroroso!

—É admiravel.

—O inferno?

—O céo. Aqui dentro está o céo. Pensa que possa haver inferno quando o amor nos não desampara de todo?

—Eu sei!

—Fui indiscreto, perdôe-me. É que me estavam a lembrar tantas cousas d'este livro... tantas... uma, uma só, o hymno mais bello que se tem escripto, que se tem cantado no mundo.

—Diz-mo?

—É perigoso.

—Perigoso em quê? Tem medo que Satanaz venha tentar-me?

—Tenho. Ao pôr do sol creio que os anjos maus precedem a noite.

—Sonhos de poeta.

—Realidades, talvez.

—Embora. Emquanto é dia quero-lhe ouvir esse cantico. Hymno de amor na lingua dos deuses deve ser surprehendente.

—Perdeu na melodia, porque o traduzi para a lingua dos homens.

—Oh, tanto melhor! acudiu ella com um pequeno gesto de alegria infantil.

Paulo começou então a recitar-lhe o episodio de *Francisca de Remini*, ora devorando-a com o olhar, ora baixando as palpebras e engolphando-se n'uma tempestade de affectos.

O sol descia cada vez mais, e a nogueira dava uma sombra mais negra.

Quando a peccadora conta aos dois passeantes do *Inferno* o modo por que resvallou na culpa, a voz de Paulo tremia sensivelmente, e o peito d'aquella mulher a quem elle queria mais do que á propria vida, dilatava-se em ondas.

Paulo dizia:

Nós liamos um dia, distrahidos,
De Lancelote a historia apaixonada,
Eramos sós, mas puros nos sentidos.

Mais de uma vez sentimos enleiada
Á vista, e murcha a côr da fronte accesa;
Mai foi n'um ponto a culpa suscitada.

Quando lemos que a pallida belleza
A um beijo se rendeu do ancioso amante,
Esta alma que á minh'alma andará preza,

Deu-me na bocca um beijo delirante.
Fôra o livro traidor: n'aquelle dia
Não tornámos a ler siquer um instante!

Ao recitar o ultimo verso os olhos de Paulo ergueram-se e encontraram os d'ella suavemente marejados de pranto. Pegou-lhe na mão, fixou-a com a tenacidade dos irresolutos, esteve assim contemplando-a, e a approximar insensi-

velmente a cabeça d'aquell'outra, que um amortecido clarão ainda illuminava traiçoeiro.

Foi n'um momento rapido, indescriptivel — os labios de Paulo imprimiram-se n'outros labios, e um beijo resoou, o primeiro, o ultimo, doce, ardente, com toda a ebriedade que deveria ter o que melodiosamente acordou os echos do paraiso.

— Paulo! disse ella n'um grito, levantando-se, e correndo a mão pela testa, como que para desvanecer um sonho.

— Se eu te amo, vida da minha alma! Acudiu o pobre enamorado, pondo as mãos supplicantes, e encaminhando-se para ella.

— Cale-se, Paulo. Não é na solidão, e a estas horas, que se fazem revelações de amor.

— Offendi-a?

— Muito.

— Tem razão, tem razão. Foi uma imprudencia... foi... vejo agora... mas ha de perdoar-me, não é verdade que ha de perdoar-me? Bem me dizia a consciencia que era meu dever o silencio. Não pude, O coração fala, e os labios não podem conter-se. Sou um infame, sou; talvez seja um desgraçado. Elles confundem-se!

Estas cousas dizia-as precipitadas, desconnexas, seccas, e com os olhos pregados na terra.

Depois, machinalmente, deu o braço áquella visão encantadora que lhe repellira a primeira ousadia de amor, e foi com ella atravessando pelos trilhos do campo, aclarados já pelos raios silenciosos da lua.

N'essa noite, Paulo, sósinho no seu quarto, dizia terminantemente para comsigo:

— É preciso que este amor emmudeça. Amar e calar, seja. A providencia ha de ter razão: soffre e modera-te.

Quando dizia estas palavras, mal sabia que se levantava

á moral sublime de Epicteto. Mas quem pensa em philosophos quando as entranhas se despedaçam?

Um anno depois essa mulher casava.

Passados dois mezes partia para longe da patria.

Fazia bem: achava ninho a seu prazer, e descançava entre folhas de rosas. Devia porventura amar, porque era amada? O amor não se concede por esmola; um beijo não se dá por piedade.

Que tinha ella que vêr com os affectos de Paulo? — Vendo-o sombrio, não se sentia criminosa.

Nem elle a julgava.

No dia em que embarcou, Paulo acompanhou-os a bordo. Ia composto no gesto, sereno, e apenas a vermelhidão que lhe transparecia no rosto denunciava as ardencias da febre.

Os dois estavam risonhos.

Tinham o seu mundo á parte.

O navio seguiu; ao approximar-se da foz, Paulo despediu-se para os deixar. Quando ella lhe apertou a mão, notou que essa mão escaldava.

O noivo tinha-se apartado.

—O que tem, Paulo?

—Desejos de que Deus a faça venturosa.

—Mas está tão pallido... Jesus... olhe que me afflige...

—Bemdigo ao céo, que ainda lhe mereço tanto.

—Adeus, Paulo; interrompeu ella, vendo que uma lagrima começava a annuviar as pupillas d'aquelle tonto.

Elle percebeu tudo n'um relance; e com a voz mansa e por entre um amargurado sorriso, respondeu-lhe inclinando-se:

—Bemaventurados os que choram!

—Quem o disse? tornou ella, querendo com a vivacidade do tom alegrar um pouco as sombras do quadro.

—Um martyr! murmurou Paulo.

—Oh! antes um louco, — redarguiu o anjo com desenfado.

—Um louco, — proseguiu o misero cobrindo-a com a triste luz dos seus olhos— assim é, havia de ser um louco!

E apertando-lhe mais a mão, accrescentou em segredo:

—Pois se elle amou, e muito!

ROMANCE DE UMA VISCONDESSA

I

A viscondessa de... nascêra n'uma aldeola a pequena distancia de Monforte. Seu pae era um lavrador de trato grosso e de caracter mais grosso ainda. No tempo a que se refere o primeiro capitulo d'esta narrativa, a viscondessa chamava-se simplesmente Valentina dos Santos.

Quando tinha dezoito annos dava sota e az a todas as formosuras campesinas; ninguem possuia trança mais negra, olhos mais vivos, faces mais rosadas, sorriso mais tentador, seio mais turgido, pé mais pequeno, fórmas mais bucolicas, no sentido poetico da palavra.

Os rapazes do sitio buscavam meio para travar amores com aquella Daphne sertaneja; mas a menina esquivava-se com um bom gosto ingenito aos comprimentos de taes galanteadores em bruto.

O pae tinha por vezes pensado em casal-a com um visinho de ao pé da porta, o sr. Thimoteo Cabrellas, homem de bem ás direitas, e possuidor de algumas geiras de terra,

*

de duas juntas de bois, e de uma casa no povoado. Tratou-se d'isso n'uma noite de inverno em que a familia seroava ao redor da lareira, mas a filha protestou contra o plano, desalinhou os cabellos em signal de angustia, arrepellou-se suavemente, e deixou correr algumas lagrimas sobre as faces afogueadas, não direi tanto pelo desespero, como pela chamma do sôbro. Foi necessario que a mãe acalmasse a contenda com esta observação ponderosissima:

—Deixemo-nos de casamentos; a rapariga ainda está verde para o trafego domestico.

II

Havia no logar uma familia abastada com que a da nossa heroina convivia na mais amigavel intimidade. Compunha-se de mãe, filha e um filho (morgado), rapaz de vinte e dois annos, que andava a estudos na universidade.

As lambareiras circumvisinhas, quando a nossa Valentina começou a empennar e a florescer, começaram tambem com os seus boatos e ditinhos a respeito do bacharel e da pequena. Contavam-se historias ás duzias.

Diziam que quando o morgado estava em Coimbra, era um nunca cessar de visitas ao correio levando e trazendo cartas; que em tempo de ferias Valentina andava de parecer mais galhofeiro e satisfeito; e que lá por certas noites em que o luar não era dos mais esplendidos, houvera quem os tivesse visto conversando muito a seu sabor, affirmavam uns que debaixo de uma aroeira, outros de uma azinheira, —valha a verdade.

Falta aqui o propheta Daniel para destrinçar esta meada.

Um anno depois, Estevão de Araujo, doutor formado

em direito pela universidade de Coimbra, vivia tranquillamente no solar de Monforte, cuidando na arrecadação das suas rendas e pitanças. Os amores com Valentina estavam por este tempo declarados. Que dimensões tinham elles assumido era ponto que ninguem podia adivinhar; o que se sabia porém ao certo, era que Estevão de Araujo passava as noites em casa do seu visinho, e que pelas dez ou onze horas começavam as cabeceadelas do pae e da mãe até pararem n'um somno solto e beatifico.

III

Um anno depois Estevão veiu a Lisboa para tratar de negocios que exigiam a sua presença. A despedida dos amantes é provavel que fosse como a de todos os que se bemquerem, desde Andromaca até a mais humilde respigadeira montesina. Correu um anno e o doutor não voltava; o semblante de Valentina ia-se toldando com umas raras nuvens de desconfiança; á força de malogros deixára finalmente de ir ao correio, convencida de que os ares da côrte haviam sublevado no coração do ingrato as ondas de outra paixão tempestuosa.

Estevão tinha um tio velho e opulento, homem que arranjára peculio em transacções menos licitas, mas que por isso, ou apesar d'isso estava guindado ás eminencias da grandeza com o titulo de visconde e dois leões rompentes no brasão d'armas.

O visconde costumava visitar a irmã, de annos a annos; succedeu lembrar-se de ir a Monforte no tempo em que o sobrinho andava por cá desmastreado e em completo vendaval de sentimentalismo. A despeito dos sessenta e tres

annos, o nosso homem não desafivelára a armadura, renunciando ás luctas do amor; no cantinho mais recondito do seu coração sexagenario havia um cupidinho travesso, agachado commodamente.

Valentina era bella, em toda a magnitude do vocabulo, mais bella ainda com a pallidez na face e com o olhar quebrado e languido. Havia n'ella a mystica doçura das virgens de Correggio, d'aquelle genio que expirou retratando a filha, «que fez anjo antes de fazer orphã.»

Quem poderia sopear os impetos, as tentações diabolicas do nosso visconde? O velho andava dando mostras de quem se sentia avassalado ao imperio d'aquelles olhos, e Valentina recebêra mais de uma vez as pareas da vassalagem.

Uma noite poz-se ella a ruminar, de si para comsigo, este variadissimo soliloquio:

—«O visconde está devéras apaixonado, não posso ter a menor duvida. Se eu lhe désse ouvidos!... se nos casassemos... ficaria sendo viscondessa... viscondessa de... oh! meu Deus, isto é impossivel! (*A meia voz*) E Estevão?... Ha um anno que não me escreve, que se não lembra de me dizer que ainda vive, que ainda me ama!... A cidade ha de tel-o feito esquecer da aldeia. (*Commovida*) E eu adorava-o muito, muito. Foi uma loucura acreditar nos seus juramentos, sacrificar-me toda a elle, expor-me á voz do mundo, arriscar o nome e a tranquillidade. (*Depois de uma pausa breve*) E aquellas cartas?... dez cartas em que eu lhe avivava a historia dos nossos primeiros dias, das nossas primeiras confidencias... Embora, é provavel que as esquecesse. (*Resoluta*) Não, isto não póde continuar; a vida do campo aborrece-me, estes homens enfastiam-me, esta monotomia mata-me. Quero vêr a cidade; oh! a cidade ha de ser magnifica, com os seus theatros magestosos, com os seus folguedos continuos, com as suas galas, com os seus

bailes, com as suas carruagens soberbas e deslumbrantes. E eu cercada de admiradores, senhora e rainha dos corações; eu, a viscondessa de... (*adocicando a voz)* a excellentissima viscondessa de... »

E aqui batia as mãos como uma creança louca de felicidade.

N'essa noite sonhou ella com todas as maravilhas que um espirito arrebatado póde phantasiar; via-se como as fadas dos contos orientaes, tendo por tapete as flores mais raras e por docel as mais formosas turquezas. O zunido que em algumas occasiões lhe redemoinhava importuno em volta da cabeceira, convertera-se-lhe em melodia celeste, em epithalamio festivo. No outro dia, mal o sol lhe veiu bater na vidraça do quarto, levantou-se, viu-se ao espelho, sorriu-se para as montanhas que se elevavam em frente da janella; e os que passavam para o trabalho, admirados de a verem madrugar como nunca, ouviram-na acompanhar com os trilos da sua graciosa voz o canto dos passaros que brincavam por entre a ramaria dos pinheiros.

IV

Quatro mezes depois, Valentina dos Santos partia para Lisboa, feita viscondessa. As cousas tinham succedido simples e naturalmente,

«*Comme la nuit se fait, lors que le jour s'en va.*»

O visconde invocára o nume tutelar das grandes emprezas, vestira-se de animo intrepido, e n'um dia em que Valentina ficára a sós com elle, deitando milho aos torcazes, arremetteu com a mais acurada e peremptoria declaração de amor. Ella meneou a cabeça, piscou os olhos ho-

nestamente, balbuciou não sei que palavras confusas, deixou subir ao rosto aquella vermelhidão que fica tão bem em faces innocentes, e acabou remettendo o processo para a instancia paterna.

Quando o visconde fallou sobre o assumpto com o honrado lavrador de Monforte, o homem desbarretou-se n'um excesso de satisfação voluptuosa, e respondeu desempachadamente ao futuro genro:

—Isso é negocio ajustado, sr. visconde. Lá em verdade a pequena não foi creada para tamanhas prosapias, mas em fim, por a minha parte não é a duvida. O sr. visconde bem ha de ter alvidrado o que faz, e... desculpe-me a palavra, mais sabe o tolo no seu, que o avisado no alheio.

Concluidas as nupcias, os conjuges vieram para a capital. A impressão que esta mudança causou no espirito da viscondessa é facil de imaginar; os campos, as serranias, as montanhas saudosas, os folguedos da aldeia, tudo se lhe varreu da memoria, tudo se lhe evaporou no bulicio e no fausto. Era então que conhecia o mundo; o coração batia-lhe com alvoroço, o sangue escaldava-a, os labios entreabriam-se-lhe como que para aspirar um perfume desconhecido, um novo aroma de felicidade.

De mais, que mal lhe fazia esse homem de cabellos grisalhos a quem chamava marido? Esquecia-se d'elle para se engolfar toda no seu extasi; deixava-o apenas embalar-lhe, como escravo, a sua camilha bordada. Quando começou a frequentar os theatros e os bailes, a phantasia alindou-lhe ainda mais o quadro; rasgavam-se-lhe os horisontes, e os astros assomavam-lhe na immensidade da abobada.

Oh, quem lhe fallaria no socego do lar e nas alegrias da sua aldeia, quando ella, affrontada da valsa se encostava ao braço do seu par elegante, e atravessava as salas, deixando cahir as ultimas folhas da sua camelia!

V

Estevão, ao saber do casamento do tio, e da sua chegada a Lisboa, poz-se a parafusar com insistencia no que devia ou não devia fazer de futuro. Levou uma noite de insomnia. Havia uma tempestade n'aquelle cerebro, um redemoinho de pensamentos escuros. O fumo das paixões condensado e agglomerado cerrava-lhe a noite no interior do craneo.

Eu tenho que fazer um esboço do caracter d'este douctor, como se fazem as notas para illustração do texto; sem isso poderia haver algum esmerilhador de maus figados que me deslombasse o heroe com duas bombardadas casuisticas.

Estevão de Araujo nascêra com seus instinctos de perversidade. Não sei se esta proposição leva costella hobbesiana, o que sei é que o menino Estevão já aos sete annos era em casa e na rua uma especie de açoute de Deus.

O rapazio de Monforte aguentava com a paciencia dos martyres a sanha do morgadinho rebellão; ao minimo signal de contenda, a pedra certeira voava da mão do fidalgo á testada dos solarengos.

Até os onze annos teve elle um freio a todas as demasias: o pae, homem secco e austero, mimoseava-o facilmente com uma vergasta de marmeleiro, logo que as victimas lhe lamuriavam á porta. Quando morreu ficou o morgadinho dando largas ás suas inclinações nativas.

A mãe era como quasi todas as mães, d'estas que levantam o braço para castigar, mas que o abaixam n'uma benção.

Quando tinha dezeseis annos Estevão foi estudar para Coimbra.

A convivencia coloriu-lhe as maneiras, afidalgou-lhe o porte, suavisou-lhe o tracto, mas no fundo pairavam os maus instinctos e as tendencias ignobeis.

Era a frontaria de um edificio velho, caiada, rebocada e brunida; se alguem raspasse com a ponta da unha aquella formosura apparente, lá daria com a argamassa tosca e com a taipa ennegrecida.

Aos vinte annos familiarisou-se com Valentina, e d'aqui resultou persuadir-se que a amava. Isto do amor é a cousa mais envencilhada do mundo; uns espiritualisam-o, sanctificam-o, divinisam-o; outros chamam-lhe, como Voltaire, *des simagrèes de sigisbé*, ou, quando muito, *un caprice de quelques jours*.

Eu creio que o amor de Estevão era este capricho, nem mais nem menos.

Amou e quiz; do querer veiu a seducção, da seducção a posse, da posse o enfado. Partiu para Lisboa, e a imagem de Valentina foi-lhe ficando pelo caminho aos pedaços; quando metteu pé na côrte, o amor fugira-lhe do coração, onde nem sequer já se via a sombra das suas azas.

Entrou na sociedade e viveu; o destino d'estes homens é o dos grandes oceanos: o movimento, a inconstancia, a assolação e o ruido.

Quando viu chegar Valentina, feita viscondessa, chamou á memoria todo o seu passado, coordenou todas as idéas, colligiu todos os factos, arrumou, dispoz, allumiou esse mundo que lhe tinha desabado nas trevas, e em frente levantou-lhe esta interrogação assombrosa: «Que hei de fazer?»

Gastou a noite sem encontrar resposta plausivel. De manhã surdiu da cama, passeou de um para outro quarto, olhou em roda com a sofreguidão da hyena, até que o accommetteu a modorra. Subito endireitou-se, sacudiu os cabellos, como se sacode uma juba, correu para um contador que

lhe estava fronteiro, abriu as gavetas, mexeu, procurou, revolveu os papeis, e acabou dando um grito de prazer ao encontrar um pequeno masso de cartas.

—Bem, muito bem; dizia elle rodopiando como um possesso: a salvação está aqui!

VI

No outro dia estava a viscondessa saboreando-se regaladamente nas ultimas paginas do *Mauprat*, quando um criado veiu entregar-lhe uma carta. Bastou abril-a para lhe incendiar o rosto um rubor vivissimo; á proporção que a ia lendo, os labios descoravam-se-lhe e tremiam. Ao acabar pôl-a sobre o toucador, encostou-se á mão, e com os olhos meio cerrados parecia concentrada n'uma idéa fixa e exclusiva.

A carta dizia o que se segue:

«Valentina, fizeste bem em te casar; o campo ia-te matando com a insipidez, e mesmo as eclogas estão ha muito em desuso. A poesia da vida é agora outra, as lyras vão-se afinando por diversa toada. Meu tio era o homem de que tu precisavas, um homem de haveres que te abrisse as portas de ouro d'este jardim, e que te désse a colher os seus pomos. Louvado Deus, que se não esqueceu de ti! O meu fim, escrevendo-te, não é comtudo felicitar-te; aproveito o ensejo, e trato do que nos importa. Tenho em meu poder dez cartas tuas; recordas-te? São dez reliquias do meu amor antigo, reliquias que eu guardo a sete chaves no sacrario das minhas preciosidades. Taes cartas não podem ser inuteis.

«O jogo arruinou-me, empobreceu-me quasi; para viver preciso de vender o que me resta, sinto-me atascar n'este lodaçal de miserias quotidianas. Queres-me comprar as tuas

cartas? Valem muito para qualquer dos dois; pol-as-hei em subido preço. Se não te convier o negocio, vendel-as-hei a teu marido.

Tenciono ir esta noite comprimental-os; dar-me-has então a resposta.

Teu fiel captivo
ESTEVÃO.

N'esse dia a viscondessa jantou pouco, pretextando uma leve dôr de cabeça.

Passava-se isto em novembro de 1850.

Quando o relogio da sala batia nove horas, um criado corria o reposteiro:

—O sr. Estevão de Araujo!

VII

Ao mais perspicaz e fino observador escapariam, nos preludios d'aquella conversação, umas leves dissonancias, que a espaços destoavam da harmonia apparente. O visconde era só quem alli estava de coração aberto como um livro; os outros dois cobriam com raro cendal de amabilidades a sua vergonha ou a sua villeza.

N'um momento em que o velho se ausentou da sala, Estevão perguntou á sua victima:

—O que me responde?

Ella pregou os olhos no chão, tornando-se ainda mais livida.

—Bem vejo que te admiras; isso são restos de simplidade aldeã. Não ha proposta mais razoavel do que a minha; é uma pergunta que se entende. Quando um homem como eu perde o pé e escorrega para o despenhadeiro, tem obrigação moral de se agarrar ao primeiro arbusto que encontra. É no fim de tudo um caso de consciencia. Tu és o

meu esteio, o meu amparo; tens de me evitar a quéda ou precipitas-te comigo. Fazes-te pallida, respiras ainda a poesia celestial das brenhas; és uma especie de divindade mythologica transviada em pleno seculo dezenove. É mau, minha querida. Então não me respondes?

— Estevão, balbuciou ella estendendo-lhe as mãos; tu fazes-me desgraçada!...

— Queres dizer...

— Que ainda te amo!

— Oh, sim, o amor é uma phantasia de poetas e de romancistas, um pretexto para divagações sentimentaes, uma palavra usada desde Salomão até Parny. Costumam pintal-o como as pombas, de azas puras e candidas, arrulhando nos corações e nas flores. Não me é desconhecido. Quando desapparece a quadra dos enganos, a pomba vôa para outras regiões e os pobres caçadores ficam sem polvora nem caça. Vamos, o que decides, Valentina?

Um fio de lagrimas corria pelas faces da viscondessa, o peito batia-lhe descompassado e convulso, tremiam-lhe os labios, a hesitação illaqueava-a. Repellir aquelle demonio da tentação era perder-se de todo, abraçal-o era atirar-se a um abysmo cujo fundo ella não podia sondar. Houve um instante em que se lembrou com saudades da sua terra, e do tempo que via da sua janella o pôr do sol dos dias de maio. Foi uma lembrança rapida, perdeu-se n'um vortice de aspirações deliciosas.

— Sou tua..., murmurou ella entre soluços, lançando-se nos braços de Estevão, com o gesto desesperado de quem se despenha n'um sorvedouro — sou tua!

Elle sorriu-se, puxou-a a si meigamente, correu-lhe a mão pelos cabellos, deu-lhe um, dez, cem beijos de vibora, e poz-se a dizer-lhe com a placidez que é só congenere dos grandes malvados ou dos grandes innocentes:

—Agora é que nós descobrimos o *el dorado*, minha Valentina; deixa-te de receios pueris. A vida é um golé; tratemos de o adoçar o mais possivel. Para que haviamos de cerrar os olhos a todas as alegrias que nos esperam? Tu és uma creança, tens muito que sentir e muito que gosar. O visconde é um homem cançado, não te poderia acompanhar na carreira, não poderia subir comtigo a essas alturas floridas, d'onde se descobrem os panoramas risonhos. Eu tenho vigor, e amo-te; cingir-te-hei com os meus braços, e levar-te-hei por esses mundos fóra, por esses paraisos da imaginação!

N'este momento ouviu-se a voz do visconde. A porta abriu-se, e o velho appareceu com o rosto aprasivel e satisfeito.

—O chá está na mesa.

Levantaram-se.

VIII

As idas de Estevão a casa do visconde tornavam-se cada vez mais frequentes. O velho não suspeitava a minima deslealdade da parte do sobrinho, nem se atrevia a manchar com uma simples desconfiança a alvura do seu thalamo. Os criados é que iam fazendo reparo na assiduidade do doutor, e n'uns modos imperiosos só compativeis em dono de casa.

A viscondessa deixára de ir ao theatro, dizia que os bailes tinham o que quer que fosse de fastiento, e achava um certo bem-estar na conversação a sós com o sobrinho. A despeito de todas as instancias, as cartas fataes conservavam-se em poder de Estevão. Ás vezes allegava elle um esquecimento imprevisto, n'outros dias justificava-se com

uma sahida á pressa, e assim ia detendo, como o naufrago, a sua jangada providencial, a sua boia de salvação. O jogo era a sua embriaguez constante, a sua voluptuosidade suprema. As joias da viscondessa tinham abandonado os cofres domesticos para se transformarem em moeda authentica.

N'uma noite de azar, Estevão perdeu dois contos de réis; palavra de jogador, tinha que pagal-os em vinte e quatro horas. Quando fallou n'isso a Valentina, a pobre mulher estremeceu como quem presentia o desenlace do drama. Não lhe restava um unico adereço, pedir a seu marido tão avultada somma era, se não impossivel, pelo menos imprudente; negal-a a Estevão era perigoso.

Disse-lhe tudo, com os olhos rasos de agua, e com os soluços a espedaçarem-lhe a voz na garganta. Elle mordeu os beiços e sahiu. Seccara-se-lhe o veio de agua; era tolice continuar na contemplação das margens.

—Meu Deus, meu Deus, exclamou ella vendo-o partir, e deixando-se cahir sobre uma cadeira,— que mal te fiz eu para me castigares d'este modo?...

Quando levantou a cabeça deu, por acaso, de chapa com o retrato do visconde, que parecia fital-a com uma severidade melancholica. A desgraçada escondeu o rosto entre as mãos, mas através d'ellas passava sempre o olhar do velho, severo, e a illuminar-lhe a consciencia.

Estevão chegou á casa, sentou-se a escrever uma carta cujo theor devia de ser trivialissimo e corrente, a regular pela serenidade imperturbavel da physionomia do doutor.

Acabou, fechou-a, accendeu o charuto na véla a que derreteu o lacre, sacou tres bochechadas de fumo, que se divertiu a expellir em torcicolos caprichosos, sobrescriptou a missiva, e bateu na campainha cantarolando ao mesmo tempo a *bell'alma innamorata*.

O creado acudiu de prompto.

—José, aqui tens esta carta para meu tio; nota que é negocio de gravidade. Confio-a de ti como de homem provado. Ha de pedir-te um masso de cartas, toma-o; o recibo de entrega são dois contos de réis. Percebes que a missão é honrosa?... Dou-te poderes para tudo... com tanto que me apresentes o dinheiro em boa e devida fórma.

O criado pegou do masso e da epistola, e sahiu com o aprumo de quem ia antevendo que era caso de metter lança em Africa.

Estevão principiou a arrumar o fato n'um grande sacco de viagem.

—Está jogada a ultima carta; disse elle lá comsigo, mettendo a chave no cadeado: não serei eu que hei de perder na partida!

IX

Dois dias depois, Estevão de Araujo embarcava no paquete de Southampton, levando aninhadas no bolso perto de quinhentas libras esterlinas. Sacára sobre a honra do tio, e o pagamento fôra á vista. Quando o paquete ia deixando a terra pela pôpa, quando mal se descobria a ultima casinha branca por entre os nevoeiros da barra, afigurou-se-lhe que uma voz desconhecida lhe havia murmurado ao ouvido uma palavra secca e terrivel. Voltou-se, estava sósinho no tombadilho; apenas as gaivotas passavam lá em cima, gemendo lugubremente.

Horas depois lia-se o seguinte no noticiario de todos os periodicos da capital:

«Desgraça.=Hontem o sr. visconde de... suicidou-se com um tiro de pistola. Ignora-se o motivo d'este acto des-

esperado. Pessoas que temos por bem informadas asseguram-nos, porém, que esta resolução foi adoptada por causa de um ruinoso jogo de fundos. Lamentamos sinceramente tão desgraçado successo, e damos os nossos pesames á inconsolavel sr.ª viscondessa de...»

A leitura das cartas produzira no visconde aquelle abalo subito que faz com que se derrubem as idéas mais firmes e os planos mais assentes. Nunca pensára na possibilidade de apontar uma pistola ao ouvido; quando se sentiu cahir no esterquilinio em que se revolvem os leprosos da honra, comprehendeu que deitar o dedo a um gatilho equivalia a correr o fecho a uma porta.

Precisava sahir do mundo; aquelle era o caminho rasoavel. Estas cousas revelaram-se-lhe ao espirito serenas e frias; encarou-as com a fixidez de quem não hesita no proposito. Não era o visconde uma consciencia austera, havia mesmo no seu passado alguns refegos que, bem esquadrinhados, poderiam dar a lume dois ou tres veios de lôdo; a idolatria pela mulher guindára-lhe o coração ao paraizo dos escolhidos, á doce bem-aventurança dos que se crêem amados. Tanto que um masso de cartas lhe veiu escalavrar os muros da sua Jericó matrimonial, reputou-se despresivel e abjecto. Para quem se havia de voltar? a que braço se encostaria? quem lhe havia de soffrer os achaques da decrepidez? quem lhe rodaria a poltrona até o fogão, nas noites tristes do inverno?

Estava êrmo; a solidão metteu-lhe medo.

Quando ao estrondo do tiro entraram no quarto do visconde, acharam-no estatelado e sem vida.

Sobre a mesa havia uma carta para a viscondessa; em vez de se preparar, como Catão, refrescando o espirito com o dialogo sobre a immortalidade, o pobre homem deixára cahir n'uma nitida folha de papel o sangue e as lagrimas

do coração lanceado. Era um marido como poucos, o visconde, Deus lhe falle n'alma!

Valentina recolheu-se ao seu quarto, rasgou o sobrescripto com a mão um pouco trêmula, e começou a lêr:

«Minha querida.—Recebi ha dias uma carta de Estevão, em que elle me formulava a revelação de um segredo importante, sob condição de eu lhe enviar dois contos de réis. Achei amarga a proposta, mas acceitei-a.

«Recebi então um masso de cartas que se referiam ao tempo em que a filha de um humilde lavrador de Monforte se deixára engodar pelas manhas de um miseravel. Não te vou exprobar; o culpado fui eu que, em vez de buscar descanço para esta cabeça branca e extenuada, quiz ainda accendel-a com os fogachos de uma paixão serodia. Amei-te, Valentina; é por isso que não posso continuar a viver; é por isso que morro perdoando-te. Devias ter-me deixado lêr no teu coração, devias purificar-te pela franqueza; solapaste o mal julgando que o debelavas. Foi um engano. Não fôra elle o primeiro! Os jornaes incumbir-se-hão de me fazer o necrologio, e é provavel que attribuam o facto a algum desar de fortuna. As cartas foram queimadas. Vive em socego.

Teu amigo

HENRIQUE.»

A viscondessa ficou encerrada no seu quarto, e alguem de melhor ouvido suppoz que a sentira soluçar. Quando sahiu da reclusão vinha pallida e com as palpebras levemente arroxadas.

Quinze dias depois tudo era agitação no palacio.

—Para onde é a partida? perguntou um visinho curioso como todos os visinhos, ao cavallariço que enfreava uma soberba parelha de hannoverianos.

—Para Monforte. A sr.ª viscondessa, desde que lhe morreu o marido, não póde viver n'esta casa.

X

Valentina contava por este tempo vinte e seis annos. Ao chegar á terra onde passára, não diremos a melhor, mas a mais innocente quadra da sua vida, achou tudo alterado e differente. Não eram os mesmos sitios da sua meninice e dos seus primeiros amores. Teve pena. Os paes haviam-lhe morrido sem que ella o soubesse; a familia de Estevão partira de Monforte, e só o sr. Thimoteo Cabrellas se conservava no mesmo pé de vida, embora accrescentado na fama com a investidura de juiz eleito e cobrador de decimas. Era um potentado aldeão, que arrastava a cauda dos seus titulos pelo meio dos invejosos e praguentos.

Passada uma semana, Valentina estava de partida. A antiga côr de saude e de contentamento dourava-lhe a pelle finissima, os olhos haviam trocado o escuro das olheiras por uma orla azul, tenue e graciosa. Remoçára com o passeio á patria; fizera-lhe bem o arejo campestre. Boa cousa são os ares da provincia!

Liquidados os negocios caseiros, fez-se de vela para França, visitou a Italia, a Inglaterra, viajou pela Allemanha, tomou banhos em Wiesbaden, entrou nas sociedades guapas da alta aristocracia, privou com o mundo elegante, conseguiu realçar pela formosura e pela garridice, deitou o coração, como batel, aos mares encapellados do romantismo, e recebeu em mais de uma naveta preciosa o incenso dos adoradores.

No fim de dois annos de vida santamente applicada ao

grangeio das distracções e dos prazeres, colheu nas auras o beijo da despedida, e tornou para Portugal, com a tenção irrevogavel de sacudir das sandalias o pó das mundanidades travêssas, antes de pizar este abençoado torrão, nateiro de burguezes e de patriotas.

E assim o fez a viscondessa.

Quando se lhe pergunta porque quiz morrer para o mundo, sendo bella, rica, e ainda em todo o vigor da mocidade e das paixões, baixa os olhos com um gesto de paciencia seraphica, e responde melifluamente:

—Oh, o mundo, é um caminho pavoroso; não damos um passo sem nos arriscarmos a pisar uma saudade. É preciso erguermo-nos, antes que nos leve a corrente... Ai, e eu tenho soffrido muito!

Será sincera a contricção da viscondessa? Talvez. Arrependidas não faltam. Entre a Magdalena dos livros santos e as heroinas dos actuaes romances opilativos, julgo que haverá um recanto para o perfil da nossa compatriota.

A ULTIMA ROSA

Na vida succedem por vezes casos que teem todo o phantastico dos sonhos. O que apenas julgavamos uma larva da imaginação, apparece-nos como realidade perfeita: a sombra faz-se homem. Quem viu jámais os limites do possivel ou do impossivel? — quem sabe onde termina o mundo da materia e onde começa o dos espiritos? — O natural é o extraordinario, o verdadeiro é o inverosimil. O que sabemos nós do céo ou da terra, do passado ou do futuro? O homem que pensa não é mais do que uma interrogação em frente do abysmo.

Ora entre os mysterios da creação, o amor é impenetravel. Anjo que nos acompanha do berço ao tumulo, roça com uma das azas no puro céo do extasi e da beatude, e com a outra acaricia o lodo das torpezas e das seducções infames. É monstruoso.

Imagine-se um monte com a raiz segura ao limo da terra, e em cuja corôa radie a sarça esplendida do sacrificio!

Estas considerasões vieram a proposito da narrativa que

se segue; não é ella mais do que um episodio d'esta grandissima epopêa que se chama a sociedade contemporanea. Eu não sei tambem ao certo, se na antiga haveria essa fartura de madrigaes que distillam mel por todos os poros; as virtudes gregas ê de crêr que uma vez por outra crestassem as rosas da sua grinalda, e a mais de uma divindade escorregou o pé nas ingremes ladeiras do Olympo.

Vamos comtudo á narrativa.

Supponha o leitor estar vendo Paulo e Virginia, cheios de amor, de candura, e na adolescencia da vida. Assim eram elles, os dois heroes d'este meu conto. Tinham-se conhecido desde pequenos, e haviam crescido juntos, como dois arbustos amigos.

Chamemos-lhe Paulo e Virginia. Era lindo vêl-os ao cahir da tarde, sentados juntos, com os olhos alongados pelo horisonte, e com as respirações confundidas. Quando aquelles dois olhares se encontravam, a pelle das faces avermelhava-se a subitas.

Talvez se amassem, apesar dos seus poucos annos, e da sua innocencia de cherubins. O amor existe em germen dentro de todos os corações; desabrochar mais tarde ou mais cedo é questão de um raio de sol.

Virginia tinha essa formosura celestial e mimosa que é mais do céo que da terra. Se a observassem, linha por linha, se lhe amiudassem as feições, se lhe cotejassem as fórmas com as das estatuas irrepreensiveis, negar-lhe-hiam entrada no sanctuario das bellezas. Mas no seu olhar havia o quebramento suave da melancolia, misturado a um fulgor indizivel: contemplal-a em cheio era estar vendo duas estrellas saudosas.

Parecia um anjo, onde através das alegrias bemditas, transsudasse a nostalgia do paraiso.

Treze annos, na mulher, é a idade dos candidos estre-

mecimentos, dos sonhos indefinidos, dos sobresaltos sem motivo. A primavera está-se convertendo em estio, e as intimas fibras agitam-se e resoam, como ao entrar de maio, o calor faz estalejar as arvores.

Virginia conservava, todavia, as doces puerilidades da infancia. Ás vezes, sentada a uma varanda que dizia para os campos larguissimos, Virginia collocava a mão em cima do hombro do seu companheiro, e perguntava-lhe debruçando o rostinho angelico:

—Para que estavas tu olhando, Paulo?

—Para aquellas nuvens que alli vão correndo, olha, tão brancas como o teu véo de cambraia.

—E é para as vêr que te esqueces de me fallar?...

—Tens ciumes?

—Ciumes? De que hei de ter ciumes, Paulo? Tu bem sabes como nós crescemos juntos, e é assim que havemos de viver. Estás quasi um homem, vê... tenho que levantar tanto o braço para me encostar ao teu hombro!... D'aqui a poucos dias has de começar na tua vida... não te rias, mau! Teu pae está velho... pensas que não fallo serio? É preciso que o ajudes, que te levantes cedo para o trabalho, que te faças homem. Não vês como eu deixei de brincar e correr? Depois... depois...

E n'este ponto a encantadora Virginia tirava a mão do hombro do seu companheiro, descahia as palpebras aveludadas, e punha-se a dobrar e desdobrar com as pontas dos dedos o seu avental guarnecido.

—Depois—proseguia Paulo, segurando-lhe as mãos, e achegando tanto as faces, que uma folha de rosa não caberia entre ellas—depois iremos viver para o casal d'azinhaga; e assentados debaixo d'aquella nogueira que meu pae plantou quando eu nasci, passaremos os dias, sorrindo e amando, como dois namorados.

Corriam assim os tempos n'esta serenidade bucolica digna das eras em que os mesmos tigres lambiam os pés a Lyêo; Paulo tornára-se um rapagão gentil, e Virginia crescêra em extremos de belleza. Os dialogos tinham perdido um pouco do seu inoffensivo adubo de ecloga, e deitavam-se a topetar com as regiões calidas do lyrismo. Verdade seja que as musas castas nunca tiveram que rebuçar a cabeça; nem é para molestar ouvidos o sussurro de um beijo que de momento a momento se renova, e que se alonga tanto e tanto, que parece não terminará nunca.

Se tal sussurro faz purpurejar as musas, então, mais de uma vez se incendiaram ellas como o lacre!

Paulo tinha chegado aos dezenove annos; o pae, cançado e moido pelas labutações continuas, forrava-se ás digressões pelas herdades afastadas, e já ia abdicando no filho os encargos do menêo. Diz o ditado que o olho do amo engorda, e deve de ser assim; que a fazenda do lavrador desandára a minguar e a desmedrar-se dês que elle se pozera n'aquelle remanso caseiro a que os annos o obrigavam.

Paulo exercia a pleno as funcções de logar-tenente. Mais aguçoso e bem avisado não havia outro por aquelles sitios. Movia-o, além do apego ás cousas de familia, o desejo de se recommendar como homem.

—Então, Paulo; perguntava-lhe Virginia, quando elle chegava do campo esbraseado pelo sol, mas com a felicidade no olhar: teu pae está contente?

—Como nunca esteve, minha boa Virginia. Vae bordando o teu vestido de casamento, que depois de elle feito não o comerá a traça!

E dizendo isto apanhava a primeira flôr do campo e punha-a, com o requebro de um galan, nas tranças negras da sua amada.

Succedeu que uma demanda em que desde longos an-

nos andava emmaranhada a casa do lavrador, exigiu que Paulo tivesse de deixar a provincia para seguir de perto o andamento da causa. Era negocio em que lhe ia o melhor dos haveres, e que portanto não era justo ser deitado á mercê, como qualquer nonada.

O bom do provinciano armou-se com a resignação dos martyres, deixou sangrar o coração quando o apartamento lho cravejou de settas, e enxugando as derradeiras lagrimas ao vêr sumir-se entre os loureiros a casinha branca de Virginia, picou de esporas o seu cavallo possante, e metteu a trote pela estrada.

Dias depois punha a mão na contenda, e procurava alargar e destrincar os nós cegos de todo aquelle processo inextrincavel. A justiça é ronceira, digamol-o em nome da sua prudencia. Dês que lhe cobriram os olhos, tentêa escrupulosamente as veredas. Por mais que Paulo se afadigasse, o processo continuava na sua andadura de chorrião de aldeola.

Ai, que saudades não tinha o pobre do namorado, quando da sua janella, ao cerrar da noite, estendia a vista por essas ruas tristonhas, e nem se lhe deparava uma folha de arvore, e mais que a folha, não via luzir dois olhos feiticeiros, que eram as estrellas da sua vida!

Seis mezes voaram, e o pae a mandar-lhe dizer que era preciso não arredar mão do leme. Sabia o velho dos amores de Paulo, e a bem os levava; mas primeiro estava a fazenda, que era o suor dos seus avós, e o pão dos seus filhos.

Um dia, mal precatado estava o nosso rapaz, quando o coração lhe deu um baque de ruim agouro. Vá lá a gente crêr em presagios; mas tambem não póde negal-os a pés juntos. Paulo ficou macambusio e a parafusar comsigo mesmo. A idéa que o salteou de repente foi a de Virginia.

—Peccador que eu sou; dizia elle passando a mão pela testa: que me atrevo a desconfiar de ti, minha noiva!

E os olhos arrasavam-se-lhe de agua, e o coração apertava-se-lhe, apertava-se-lhe, que era um morrer de angustias.

A duvida tem a crueldade dos tigres; deixa respirar um momento, afasta-se com uma voluptuosidade cruel, espreita a victima, e quando ella começa a entreabrir os olhos, arremeça-se de golpe, aperta-a e crava-lhe as puas. Querer desentranhar as garras é dilacerar-se mais ainda.

Paulo achava-se n'uma d'estas conjuncções dolorosas.

Uma madrugada saltou do leito, como se os lençoes o tivessem cuspido para o sobrado. Mandou apparelhar o cavallo, fez contas com o hospedeiro, e deitou-se a caminho da provincia.

Quando lá chegou, depois de uma jornada longa e trabalhosa, foi n'uma noite, e por signal que já batiam as nove horas.

Era pelos fins de maio, e o céo estava estrellado como o manto de uma princeza.

Paulo descavalgou ao portal da casa, fez retinir a aldrava e subiu com a precipitação de um louco. Não sei se já o aguardavam, o que sei é que a familia, ao abraçal-o, não denunciou de leve o espanto que lhe causaria aquella chegada imprevista.

É verdade que todos choravam, e muito. O pae, tropego e arrastado, tomou Paulo de banda, e disse-lhe com um aperto de mão significativo:

—Animo, rapaz, é botar o coração ao largo, e Deus que te encaminhe melhor.

A duvida, aquelle tigre quo lhe fizera negaças traiçoeiras, cahira sobre elle com a ferocidade requintada. Paulo sentiu como que a pata de uma fera arrastando-se-lhe dentro do peito.

—Morreu, não é verdade, meu pae? Balbuciou elle encostando-se á hombreira.

—Para ti, Paulo. Cousas d'este mundo, que dá muita volta. Vae tu socegar, filho, e ámanhã te contaremos tudo. A estas horas estão elles foliando nas bôdas, emquanto que tu, meu rapaz... ahi varado e triste, Paulo, que não sei que diga d'aquella... Deus me perdôe a palavra!

Paulo já não ouviu as ultimas palavras do velho; dirigiu-se para a porta, solemne e pallido como um defuncto.

N'essa noite celebravam-se, de feito, os esponsaes de Virginia. Como succederam as cousas? Isso é pergunta a que eu responderei n'outro capitulo.

Paulo encaminhou-se para a casa da sua antiga namorada, e viu a distancia o fulgor das luzes, e percebeu o rumor de instrumentos. Encostou-se a uma arvore, e esteve assim ganhando animo. As janellas abertas deixavam-no observar tudo; viu passar Virginia encostada ao braço de um homem, e viu-a inclinar a cabeça como para escutar um segredo, ou talvez para receber um beijo.

A noite ia alta; e as estrellas brilhavam serenamente.

Paulo continuou a andar, acercou-se da casa, o abysmo chamava-o, não podia resistir-lhe.

A dôr tem uma quantidade de seducção horrivel.

A porta estava aberta, a franqueza provinciana mal saberia recusar os fartes do noivado a quantos moravam no sitio. Paulo entrou, conheceram-o os rapazes, e pozeram-se a cochichar baixinho. Nem os via, nem os ouvia; estava absorto n'uma figura delicada, formosa, que se desenhava além, no fundo da sala.

A festa durou, as danças prolongaram-se, a manhã repintava as nuvens de uma claridade suave, Virginia, pelo braço do noivo, dirigiu-se então para a porta onde estava Paulo. Elle retrahiu-se, e com os olhos cravados no chão,

só pôde vêr a orla de um vestido branco, e só distiguiu estas palavras:

—Amo-te muito, Virginia.

Afoutou-se a erguer a vista: os noivos passavam em frente. Virginia tirou do peito uma rosa branca, chegou-a aos labios, e deu-a ao companheiro com um sorriso malicioso. N'isto entraram para uma saleta proxima, e as portas cerraram-se.

Paulo sahiu vagaroso e caminhou pelos campos fóra. O sol dourava os balsedos, e o orvalho embalava-se na folhagem. Era uma esplendida alvorada de maio.

Parou um momento, fixou de novo a casa de Virginia, e com um sorriso triste e amargo, murmurou para comsigo:

—Hão de ser felizes... hão de ser felizes... Aquella flor não esteve para murchar á sombra... Assim devia ser... Não admira... Este é o tempo em que se apanham as rosas!

BENS DE SACHRISTÃO...

A sr.ª Eufemia da Purificação era uma mulher quarentona, frescassa, de hombros largos, e com algum recheio no fundo da arca.

Para dourar as sombras da sua viuvez deitava as vistas por este mundo, e não lhe parecia mal que olhos atrevidos descessem a contemplar os seus encantos serodios. Apesar d'isto, o germen da honestidade conservava-se intacto na sua alma, sem que os chuveiros da ternura lh'o apodrecessem ou engoiassem.

Era uma verdadeira matrona, presa unicamente á terra pelos limos da fragilidade sem macula. Gostava de convencer-se de que ainda era altar em cuja frente poderiam celebrar os sacerdotes do amor; mas dispensava os officios de solemne pontifical, e contentava-se com as primeiras fumaradas de incenso.

Aos vinte e dois annos havia casado com um sachristão da parochia, homem agenciàdor e de bom tacto, furavidas

incansavel, amante do proximo, e soccorredor a tantos por cento dos necessitados do bairro.

Quando a morte veiu ceifar este modelo dos sachristães e dos esposos, a sr.ª Eufemia orvalhou a lapide do consorte com as lagrimas do enternecimento saudoso, e deu-se depois ao amanho dos seus bens com a intrepidez da mulher forte.

Se ella não havia de possuir estas qualidades christãs, casada o melhor de dezenove annos com um homem que tinha a seu cargo a pia lustral e o gavetão dos paramentos!

Era opinião da visinhança que a fazenda da viuva montaria, quando menos, a tres contos de réis em metal sonante, afóra as casas em que morava, e alguns penhores que lhe estavam na copa á espera do resgate improvavel.

O certo é que a sr.ª Eufemia da Purificação vivia como quem não pensa no dia de ámanhã, que em todos os Nataes lhe gorgolejava um perú na janella, e que nunca lhe foram á porta com dois castiçaes de prata, sem que ella tivesse meia libra prompta, salvos os competentes descontos da praxe.

Era isto, mais umas flores outoniças que viçavam ainda no semblante da viuva, que tornavam os seus olhares não inteiramente presumpçosos, no entender de varios conquistadores do sitio.

Note-se ainda uma cousa: a sua vida conjugal, passada com um homem de lôba, fizera com que no seu espirito se engastassem uns principios de sabedoria eterna. Presava as maximas, os ditos conceituosos, os anexins illustrativos. Nas mais apertadas conjuncturas disparava sempre um pensamento moral. Seria capaz de entender La Bruyére se por ventura tivesse chegado a passar do *Methodo facillimo*.

Isto depõe em abono da sr.ª Eufemia: voava até onde podia. Se lhe não tivessem cortado as azas, era mulher para

se alistar no regimento das Coulanges ou das Violantes do Céo, e fazer guarda de honra na porta principal do templo da arte.

—*Falla pouco e bem, ter-te-hão por alguem*—costumava ella dizer para abonar a valia dos seus apophtegemas.

Como já declarámos, comtudo, esta fibra sentenciosa da sr.ª Eufemia não causava embaraço ao desenvolvimento de outras fibras. Volvia-se ella para o mundo com a boa sombra de uma alma sensivel, e é de crer que tivesse algum anexim rabifurcado para explicar este procedimento, um tanto avesso á sua austeridade de proverbios.

Janellas fronteiras morava um rapaz bem apposto e de olhos ramudos, que estava de continuo a disparar settas contra o peito da nossa viuvinha. A mulher lá se foi aguentando no pé da decencia, limitando a paixão a simples comprimentos, e a uns sorrisos espraiados, em que a alma estava a bailar como uma perola em mar de rosas.

Dizia para comsigo a sr.ª Eufemia, quando tomava a ultima gota de chá, e se recolhia aos seus aposentos:

—Nada, isto vae andando de foz em fóra. O rapaz parece estar pelo beiço, e antes que cases olha o que fazes.

Em seguida embainhava-se pelos seus lençoes viuvos, pedia ao travesseiro alguns conselhos sensatos, e adormecia com a paz na consciencia, um gato maltez aos pés, e a lamparina a bruxulear no canto do quarto.

Correram mezes, o tiroteio das olhaduras chegára a tomar um caracter de escaramuça formal.

Quem andava de coração lavado era a sr.ª Eufemia, que despercebidamente se deixára catrafilar pelo demonio da sensibilidade.

Os seus quarenta e dois annos engrinaldavam-se com todas as verduras dos quinze; o amor tocava-lhe a rebate no peito, e ao tempo que o sangue lhe refluia com violen-

cia, a imagem esgrouviada do sachristão ia-se esvaecendo por entre os densos fumos do esquecimento.

O rapaz visinho assestára peça no parapeito, e chegava-lhe o bota-fogo como um desalmado. Faziam-lhe negaças os suppostos haveres da sr.ª Eufemia; e, para eu me abrir com o leitor, elle andava precisado de uma escorasinha, para não desabar como pardieiro alluido.

Um dia armou-se de alento, e, como bom general, vendo que o cerco á praça se dilatava e que as munições escaceavam no paiol, decidiu-se a escalar as muralhas, e, ou a tombar do cimo das ameias, ou a arvorar o seu pendão glorioso, fazendo estourar de inveja os pretendentes convisinhos.

Subiu a casa da viuva do sachristão, e bateu intrepidamente á porta. Esperava-o ella, creio eu, de mão no ferrolho, que logo á primeira badalada se abriu a cancella, e um riso auspicioso, d'estes que se engatilham previamente, acolheu a visita do galanteador.

—Está tomada Troya—disse comsigo o nosso homem. Mal sabia elle que com a referencia historica pertencia-lhe rigorosamente o papel de besta de pau.

—Esperava-o, visinho—disse a sr.ª Eufemia, repetenando-se n'uma cadeira de braços.

—A mim... tamanha honra...—Acudiu o moço, correndo a vista pela sala, e deixando vogar o coração sobre as alfaias luxuosas.

—Sim, não se admire. Amores são obras e não boas palavras. Demais, isto de olhares ia já dando no gôto aos visinhos. O que tem de se fazer, faça-se.

—É exactamente o que eu penso.

—O nome de uma pessoa perde-se por dá cá aquella palha. Por um ponto perdeu o diabo o mundo—concluiu ella com um geito de soberana doutorice.

N'essa mesma tarde assentaram-se as bases para o casamento, e o rapaz ao despedir-se concedeu aos seus labios a extrema felicidade de pousarem na dextra avantajada da noiva.

Corramos agora um véo sobre o ninho d'estes dois pombos; deixemos o amor adejar em torno d'elles, affagando-os com as suas azas. A primeira lua, a de mel, a dos favos saborosos foi lograda na paz do Senhor, e com uns assomos de beatitude seraphica. Mas, ó inconstancia das cousas terrenas! não tardou muito que o esposo começasse a dar mostras de impacientado; refilava ás observações sensatas da sr.ª Eufemia, e, mettendo os braços até os sovacos no cofre das economias caseiras, ia arejando as pratas do sachristão, e queimando em lampadas estranhas os oleos da sachristania.

Dizia então a sr.ª Eufemia, enxugando uma lagrima que lhe apontava de vez em vez:

Cousas d'este mundo; não ha bem que sempre dure... mas como lá se diz, nem mal que se não acabe!

Se não fosse a valvula dos adagios arrebentava de tristeza.

Um dia chegou-lhe aos ouvidos a noticia de que o esposo andava mettido de amores com uma rapariguinha comparsa de theatro, e cantora, á falta d'ellas. Ahi é que não pôde conter-se a sr.ª Eufemia da Purificação. Que lhe tirassem os cruzados da arca, muito embora; mas que lhe roubassem o seu quinhão de affectos, isso é que lhe machadava no bestunto.

—E logo uma mulher de theatro!—resmoneava ella, passeando de um para outro quatro;—nada, nada. Quem se faz mel as moscas o comem. Eu te direi, meu senhor marido de uma figa, se me has de fazer o ninho atrás da orelha. Queres-me experimentar o animo? pois com villão, villão e meio!

Quando ella saboreava ainda o churume d'este ultimo conceito, apparecia á porta o peccador mal maridado, assobiando o estribilho de umas coplas.

Vêr saltar a sr.ª Eufemia da Purificação, foi vêr saltar um gato a quem pizassem a cauda.

—Então cuidas que te não sei da vida? arremetteu ella contra o perdido. Esteve o meu honrado homem, Deus lhe falle n'alma, poupando e forrando alguns vintens, que os tirou á bocca, para tu os botares pela janella fóra?

—Que bicho te mordeu, mulher? redarguiu o conjuge meio chasqueador e meio azedo.

—Que bicho? Deita-me perolas a porcos, gasta o que é meu com essas delambidas de theatro. Bem diz o ditado. «Quem foi sempre é.»

—E ha outro,—continuou elle batendo no hombro da abespinhada esposa, que diz: «Bens de sachristão...»

E, dando uma pirueta, foi-se retirando a assobiar o estribilho das coplas.

NA SOMBRA

Ha um axioma que adquiriu prosapias de boa sentença, e que não passa de uma banalidade como muitas. Ouve-se amiude dizer: «só não ha remedio para a morte»; e eu sei que não ha remedio nem curandice para estrangular certas viboras que se alapardam no coração da gente.

Por mim não fallo, que ando cá na mourama da vida, com os espiritos meio arrefecidos, e com a propria viscera sentimental tornada quasi incompetente para as salmouras affectuosas.

O que ahi vae abaixo é uma historia que me cahiu no ouvido, estando eu sob a rama de um chorão melancolico, vendo o sol esconder-se por detrás das collinas. Se a imaginação do narrador enfolhou algum tanto o capitulo, é o que eu não posso affiançar sob minha responsabilidade; assevero, porém, que ha verdade na essencia, como tambem não falta nos accidentes.

Os protogonistas podem chamar-se como aprouver aos

leitores; o ponto está em saber-se que ella é formesa, que tem olhos tão lucidos como as estrellas, e uma bocca tão fresca como as rosas da madrugada. Poderiamos dar-lhe o nome de uma flor, se porventura houvesse no campo uma só que ousasse rever-se na sua imagem. Parecia ainda um anjo; tinha toda a alegria da innocencia, e toda a innocencia dos poucos annos. Quando os labios se lhe espraiavam n'um sorriso, julgavamos vêr o céo tornar-se mais azulado.

Elle era moço, crente, bom, e dentro d'alma pullulavam-lhe os germens dos sublimes affectos. N'uma sociedade menos corrompida teria sido um dos primeiros; segregado dos traficantes pela isenção do caracter, era reputado um dos ultimos.

Apesar d'isso estava bem com o mundo, porque estava bem comsigo mesmo. Gostava mais de scismar do que de apodar; não pertencia ao numero dos rinchões da moralidade, nem affixára taboleta de patriotismo.

Cria no grande amor e no grande Deus. Conheciam-se havia muito, sobejas vezes se olharam fixamente; um dia a tentação julgou que se lhe iam enferrujando as settas, e arremeçou uma d'ellas, como que dizendo: «bata em quem bater.»

São cousas que succedem.

Atira-se com um tição ao monte sem perguntar se ha lá polvora; arroja-se uma pedra ao alto sem reparar no luzir dos vidros.

O destino faz o que entende.

N'este caso a frecha endemoninhada foi bater em cheio no coração do pobre rapaz; quiz tiral-a ao primeiro impeto, mas lembrou-se que poderia morrer, á similhança de Epaminondas.

Fez mal, em summa. Nem para tudo é util a historia.

Começou a contemplar o doce enlevo dos seus sentidos, e a estremecer ao rumor das suas palavras. Causava-lhe medo aquelle affecto, cahido com o improviso do raio.

Temia ser fulminado.

Um dia perguntou a si proprio:

—Haverá para este amor uma esperança?

Quando se despediu, á noite, da tentadora, sentiu que ella lhe apertava a mão como nunca lha apertára.

Oh, o primeiro dia em que nos sentimos amados é o primeiro dia de felicidade. Depois vem outros, mais ricos de fructos, mais abundantes em racimos, e em que matamos a sêde dos desejos nos gomos sasonados; mas nada póde comparar-se ao doce, ao effusivo contentamento que nos inspira uma alvorada na primavera.

Abel, (chamemos-lhe Abel) começou a sentir n'alma esse romper d'aurora, para a qual não ha sombras. O mundo transformára-se-lhe no eden primitivo, mas eden sem as cavilações da serpente, sem as negaças de nenhum pomo.

O amor perfeito é o amor que nada deseja, e o que tem tudo em si, e que além de si nada presume. A adoração é o seu goso, e esse goso não lhe entibia o ardor, não lhe provoca o tedio. Ha n'elle uma passividade serena só comparavel á que devem ter os eleitos: innunda-se na beatitude do extase.

O pôr do sol é perigoso.

Se por ventura existe um animal humano que queira atravessar o mundo com a impremeavel austeridade de S. Jeronymo, tranque-se a doze ferrolhos quando os pardaes se aninham entre os folhedos, parecendo imitar com os seus chilros o marulhar de uma cascata.

Se abre o postigo á curiosidade que seja, entram-lhe os ladrões em casa.

Uma tarde Abel estava sósinho, encostado á janella, e

espairecendo a vista por cima de umas olaias que se douravam com os ultimos raios. Isto era em casa da mulher, da pomba, do crystal onde elle encerrava todo o seu espirito, como dentro de uma medalha se póde guardar uma reliquia saudosa.

Estava triste, com a mão firmada no peitoril da varanda, e com o pensamento arrobado. Cria-se perto do céo, porque debuxava o futuro com as côres esplendidas da phantasia. N'isto sentiu que lhe tocavam no hombro, e uma voz de serafim que lhe perguntava:

—Em que pensa?

Bem conhecia elle aquella voz argentina; voltou-se, e respondeu com um sorriso:

—No amor.

—E essa idéa entristece-o?

—È que eu perguntava a Deus se ha amores que tambem possam ser loucura.

Ella deixou cahir a mão sobre a do scismador, e os olhos de ambos encontraram-se, para em seguida se baixarem confusos.

O sol ia desbotando cada vez mais, e gorgeio das aves misturava-se ao perfume das rosas.

Quando despertaram do enleio, tinham as mãos unidas, e as boccas tão proximas, tão proximas, que o vento mal poderia passar entre ellas.

—O que lhe disse Deus? Perguntou a deusa afastando os cabellos que lhe haviam descido em anneis, e lhe ensombravam a fronte.

—Que os anjos são bons, e que os podemos amar sem peccado!

A noite cerrára-se de todo, mas do alto do céo as estrellas illuminavam, sorrindo, os esponsaes d'aquellas duas almas.

O tempo vôa ligeiro!... E demais, como não ha de elle voar, se o amor lhe empresta as azas!...

Um dia o pobre do enfeitiçado notou que o serafim dava mostras de melancolia. Que coisas poderiam ter acontecido no paraiso?

—Tristezas de amor. Dizia elle lá comsigo vendo-a com o rosto firmado na mão, e com os olhos quasi rasos de lagrimas.

Sentava-se então ao pé d'ella, acariciava-lhe as tranças bastas e finas, e beijava-lhe a ponta afilada dos dedos, como se aquella mão fosse a de uma santa.

Estas scenas de um platonismo dessorado, se desfilassem na galeria dos amores mundanos receberiam o baptismo da gargalhada geral. Fôra o mesmo que se no refeitorio dos Trimalciões emborrachados apparecesse um beliz de faces de pecego, bebendo orchata aos sorvinhos.

O acaso, por mais que tentemos fugir-lhe, consegue ás vezes desmastrear-nos. Queremos contestar-lhe a evidencia, e ella fura-nos as pupilas. Colombo é seu filho legitimo, e Newton não poderá negar-lhe a paternidade.

O nosso heroe filiou-se, mau grado seu, n'este rebanho de homens illustres. O caso succedeu em uma noite de outono, passando elle sob a janella da sua amada. Queria matar saudades, contemplando aquellas vidraças onde o luar se espelhava, e namorar os sitios onde colhêra as rosas da felicidade. Foi-se encostar ao tronco de uma acacia fronteira, e deixou-se ahi estar, ora embebido em recordações, ora suspenso em devaneios.

De repente um vulto de homem coseu-se com a parede, a janella abriu-se, duas vozes soaram, e Abel pôde ver o seu anjo, debruçado, e como que estendendo as azas para affagar um rival.

Estava na sombra, contève a respiração, e ouviu:

—É ámanhã? perguntava ella com uma inflexão de suprema angustia.

—Ámanhã, sim, não chores, eu hei de voltar breve. Corre tão depressa o tempo, não é verdade?

—Corre, quando estou comtigo; mas sem te vêr...

E Abel, na sombra, viu que ella levava o lenço aos olhos. O colloquio durou instantes; mas para os que teem um ninho de viboras a morder-lhe no intimo, taes instantes contam-se por eternidades.

Quando a janella se fechou, quando o vulto de homem desappareceu, Abel julgou-se enraizado á terra, como o tronco da acacia. Esteve assim por momentos, assombrado e immovel; depois, a pouco e pouco, a razão volveu-lhe, e pôde caminhar ao longo dos campos, sem reparar em que a noite ia alta.

No outro dia estava pallido, e o coração dormia-lhe no peito como um cadaver no tumulo.

Sahiu, e dirigiu-se a visitar a mulher cujas tristezas dissipára tantas vezes, pensando que o seu amor as despertava. Quando lhe apertou a mão, viu que ella tinha as palpebras roxeadas.

O céo condizia com o estado d'aquelles espiritos: estava cinzento e funebre.

—Nunca a vi como hoje, minha senhora—disse elle com um tom de cortezia, que a intimidade do tracto lhe dispensára.

—É o céo que tem a culpa. Nada ha peior do que um dia carregado de nuvens.

—Engana-se. Ha peior ainda. É o coração de uma mulher, negro como estas nuvens, e que se finge candido como a neve.

Ella estremeceu, e retirou-se sem murmurar palavra.

Desde então nunca mais se viram, nunca; mas se al-

guem passasse de noite por debaixo das janellas d'essa mulher, bella como os anjos e cruel como os tigres, veria um homem sob as ramas da acacia fronteira, com os olhos cravados n'uma vidraça onde apenas brincam, ás vezes, os raios pallidos da lua.

CARIDADE ABENÇOADA

O Thomaz da Horta sentára-se debaixo de uma oliveira, com a fouce aos pés, e o cigarro ao canto da bocca. Onde elle estacionava, ahi é que era o paradeiro da malta.

N'aquelle dia o bom do velho estava com seus ares aborridos, e deitava umas olhaduras pensativas e longas para o casal que se descortinava no remate dos campos.

Seriam talvez canceiras da ceifa, e desconforto dos annos; ou porventura alguma historia que lhe andava no espirito relembrando tempos melhores.

A calma apertava, mas os rapazolas não pensavam em sestear deitando a cabeça em cima de qualquer pedra. Bons auspicios lhes vinham de que o Thomaz desabafava. E quando elle se punha a contar as cousas antigas, as cousas da aldeia, era tão agradavel fincar os cotovellos sobre os joelhos, aconchegar o rosto nas mãos, e ir ouvindo aquellas simples narrativas, que faziam esquecer as horas e as magoas!...

O contador, já nosso familiar por mais de um capitulo, poderia dizer de suas historias o que a Sévigné dizia de suas cartas—*Je laisse trotter ma plume la bride sur le cou.* —O Thomaz da Horta contava tambem com o desfastio de uma lingua sem papas, mas com toda a chaneza de bofes sem empolas.

—Vossês vêem aquella casita, lá no fundo da courella do Leonardo? Começou elle a rosmear, bamboleando-se gravemente.

—A do sr. reitor, pois não é essa? Acudiram todos, fazendo circulo ao velho.

—Casita, disse eu, boa casa e farta, com trigo a basto, e mais azeite nos tanques que vocês teem agua nos potes.

—Mas que é tudo dos pobres;—saltou do lado um rapazelho, como que tomando a mão na pintura.

—Ó Hilario, parece que te mordeu o bicho. Pois quem te diz que não é dos pobres? E pobres a fizeram, e de pobres é que ella vem assim com as suas adegas e celleiros, que é um regalo entrar n'elles.

—Ó tio Thomaz, pois o sr. reitor não herdou aquillo da fidalga, valha o que nos tem comtado?

—Puxem, puxem. O que vossês querem é madracear como uns raposos; e eu que vá dando á taramella, em que me esfalfe.

—O caso não é de matar, bonda de desculpas. Então, tio Thomaz, olhe que a sesta está por pouco, e aquelles pães estão a chámar por nós, não tarda.

—Vamos com isso—obtemperou o velho, picando um resto de charuto, e apertando-o com a navalha n'um bocado de folha de milho.

—A casa que ahi vêem era da fidalga—boa senhora de lei—mesmo a caridade em pessoa. Inda me lembro d'ella, já velhinha e secca, deixando cahir esmolas por es-

sas portas, como um abrunheiro deixa cahir abrunhos! Por esse tempo o sr. reitor não era o que vocês vêem agora. Muita resa, muito latim, muita penitencia para o costado dos pobres diabos; como se não bastassem as derrégas no inverno, e tanto alqueivar e podar para que uma pessoa seja filho de Deus.

—Pois olhe que mudou a pelle, tio Thomaz!...

—Se mudou! Aquillo não havia topal-o com cinco réis entre os dedos. Lá o breviario nunca o deixava, isso é verdade; mas eu tenho cá para mim, que antes uma côdea de centeio, dada com boa alma, que um quarteirão de benzeduras.

N'este ponto o velho ia-se empégando na herezia; mas nem lá estavam os monsenhores da curia, nem a voz de um farroupilha, de um trabalhador humilde poderia chegar até Roma, embora podesse chegar ao céo.

—A fidalga—continuou elle, com um certo geito de quem se desengasgára de um osso—não olhava com bons olhos para este modo de vida. Gostava de pôr mais pão na sacola e menos camandulas na cinta. Por isso a gente, quando ella passava, tirava o barrete como se fosse o viatico, e ao sr. reitor, seja dito, só se lhe viamos a cruz ao peito.

O Thomaz da Horta parou um instante, começou a accender o cigarro pausadamente, e depois de duas baforadas que envolveram o grupo n'uma nuvem de fumo, continuou:

—Um dia appareceu ahi no sitio uma pobre mulher com dois filhinhos, pequenos que os cobria uma joeira. Vinha de longe, de muito longe, nem eu sei d'onde vinha; mas mirrada como um bago chôcho, e triste que nem dia de dezembro. As creanças mal tinham força para chorar; tanta fome lhes andava n'aquelles corpinhos. Foram á egreja, á

ermida; isto era ao cahir da tarde; e o sr. reitor preparava-se para as trindades que era devoção muito sua. Entraram, foram-se arrastando até ao pè do altar, e depois ajoelharam quasi que sem accordo, e pozeram-se a rezar baixinho, que parecia a gente estar ouvindo as azas de um passaro bulindo com as folhas d'esta oliveira. O sr. reitor chegou; mas quando começava a benzer-se, deu com os olhos n'aquelle painel de lastima, e ficou assim como um homem assombrado do raio.

—Então conhecia elle a mulher d'algures? —Acudiu um com malicia.

—Cal'-te, peste damninha—replicou o velho de chofre, derrubando as sobranccelhas—conhecia-a d'alli, mas boa pancada lhe vieram dar os anjos. Nem a ladainha começou ao menos. Achegou-se ao pé da mulher, poz-se a cofiar os pequerruchos; e já n'essa noite elles dormiram debaixo de tecto, fartinhos com a sua taleigada de sopas.

A mãe não resistiu muito tempo. Deram com ella as terças, e lá se foi descançar de tantas labutações, e de tanto caminhar sobre estes cardos do mundo.

O sr. reitor andava então que nem ama secca. Pequenita ao collo, pequenita pela mão, que eram duas cachopas lindas como os amores, as que Deus lhe tinha mandado, só elle sabe d'onde e para quê.

A fidalga teve noticia do caso, e a mim me disse n'uma tarde em que eu lhe andava a esgraminhar as ruas da quinta: «Ó Thomaz, parece que o nosso reitor metteu-se de boa avença com os pobres?

Eu desbarretei-me, e ella então, pondo-me a mão no hombro, aquella mão tão fina, que se lhe contavam as veias, continuou a dizer-me, como se eu fosse da sua egualha:

—Agora é que elle ha de saber o que valem tarefas de

bom pastor. É pegar nos cordeirinhos ás costas, e leval-os de coração alegre, em quanto lhes não chegam as forças. Antes assim; que só com os jejuns da quaresma não havia de causar grandes contentamentos no céo.

—Pois a fidalga disse-lhe isso, tio Thomaz?—Tornou de novo o Hilario, não podendo vencer a tentação badaleira.

—Disse, disse; e foi dizendo o mais que sabia de muito ler nos livros e nos homens—que a fidalga era uma senhora lettrada—nanja que tivesse basofias!

A egreja, como vossês sabem, mal dá para uma pessoa viver com largueza. Demais as colheitas eram magras, e o reitor parece que se amanhava a custo. Pois olhem que desde então é que principiou a mostrar aquelle rosto de paz, e a tratar a gente que nem filhos. Tambem elle não enxergava o que era ser pae, emquanto não teve ao pescoço aquellas duas mocinhas, que se dependuravam ás vezes no velho como dois cachos n'uma videira.

O Thomaz da Horta suspendeu a narrativa, e depois de tomar folego largo e pausado, proseguiu com voz mais roufenha:

—A fidalga estava já velha. É que setenta verões são para queimar as ervas. Eu por mim que o diga, que já estou resequido que nem pragana de trigo. As afilhadas do reitor andavam-lhe já lá por casa; e a boa da senhora entretinha-se horas e horas vendo-as correr e brincar. Ao anoitecer quando um de nós ia acompanhal-as, dava-lhes a mão a beijar como avósinha santa, e pagava-lhes o beijo com muita esmola de caridade.

Que moças guapas se fizeram as pequenitas! A fidalga metteu-as n'um collegio em Lisboa, e todas as semanas lá ia com o reitor, e em todas as primaveras cá as trazia para o sitio, Isto ha de haver trinta annos. Ainda vossês por ahi

andavam armando aos passaros, e roubando lampos das figueiras.

Um dia a fidalga morreu... sésta que havemos de ter todos. Não tinha parentes nem adherentes, a mais que as duas pequenotas, por esse tempo quasi mulheres feitas, e mulheres sadias e de boas carnes, muito para darem quebranto a essas delambidas d'agora. Como lhes tinha criado amor — que bem no mereciam! — deixou-lhes todos os haveres, que eram cabedaes valentes; menos a casa lá de baixo, que ficou ao reitor, e os moinhos do alto que os legou em dote á Martinha, sua afilhada de baptismo.

Aqui o Thomaz da Horta levantou-se, e deitando a fouce ao hombro continuou:

— Vossês ainda não viram duas mulheraças, com sua criadagem basta, que de vez em quando ahi vem; e que passeiam com o sr. reitor, por esses campos fóra, risonhas como se ainda fossem creanças?

— Pois não temos! E elle que se baba em mostral-as, apesar de não serem nenhumas verduras.

— Adivinharam já quem ellas são?...

— Quer vêr que são as duas pequenitas que elle recolheu ás trindades?...

— São, sim, rapazes. E ahi teem vossês porque eu dizia que de pobres veiu aquella casa, e que pobres a fizeram. Vamos lá, seu Hilario, então ainda está em se azedar comigo?

— Ó tio Thomaz, perdôe-me a palavra, mas o démo me leve se eu lhe quero mal do tamanho d'isto!...

E assentando o indicador da mão direita sobre o da esquerda, em guiza de cruz, o Hilario mostrava apenas um nadinha de dedo.

O Thomaz sorriu-se, e adiantando-se á matula, poz-se a caminhar, dizendo:

—Sabem vossês qual é a estrada do céo? É ahi por essas leiras abaixo, apanhando o trigo que Deus nos manda, e repartindo-o com os pobres.

O velho ia na frente, e os companheiros seguiam-no; mas parecia que o raio mais puro do sol brincava nos seus cabellos brancos, traçando o vago esplendor d'uma aureola.

EMFIM!...

Este conto serve de remate ao que se intitula — NA SOMBRA —, de que já fui tambem narrador. Ninguem se admire do que então leu, nem do que vae agora ser lido. Cousas d'este mundo, que tem mais tojo por montes do que dhalias por alegretes.

Esforça-se a gente muitas vezes para luctar contra umas seducções malditas, e quando faz fincapé, desaba. Quer ter mão n'algum ramo, e as varas seccas partem-se. O proprio anjo da nossa guarda estende as azas para nos proteger, e as azas desplumam-se-lhe.

Quando se dão d'estes casos, chegamos a acreditar em potestades adversas. Ha amores qne são para muitos a embriaguez-vicio. Leva-se o copo aos beiços, antevendo-se a quéda ridicula. Não importa. O filtro tem para nós uma quantidade de fascinação irresistivel. A cegueira embrutece-nos. Ergue-se o calix entre ambas as mãos como para um sacrificio adoravel, e cahe-se depois aos pés do altar, aturdido, ebrio, e com o inferno no peito.

Deixemos, comtudo, estes commentos psycologicos, e tratemos de expôr mais um d'esses dolorosos capitulos da vida humana, cuja primeira phrase é o murmurio de um sonho e a ultima o rugido de um desengano.

Abel (como o leitor deve recordar-se), tinha visto a mulher que elle julgava sua, deixar cahir um juramento e uma lagrima sobre a cabeça de outro homem. Estava na sombra, e contemplava aquella irradiação de luz, luz fatal, sinistra, que lhe entrava em raios pelas pupillas deslumbradas. Chegado a esse ponto, entendeu que era necessario amordaçar o coração, para que elle não resfolgasse ao menos.

O coração obedeceu-lhe alguns dias. O pobre scismador julgou que o musculo lhe adormecêra, mas aquelle silencio era a prostração apenas. Não havia a tranquillidade do somno, havia o entorpecimento do deliquio. Findado elle, o doente ergueu-se de um pulo. Todas as fezes concentradas e recalcadas no fundo, solevantaram-se com explosão medonha.

O amor reaccendia-se.

Era o caso de lhe resvalar o pé, sem que tivesse onde suster-se; quiz alentar-se com as idéas de consciencia e de tudo o mais que serve para monologo interminavel na bocca de uns bem-aventurados lanzudos, e a consciencia não lhe soube travar as paixões nem refrear-lhe os impetos.

Havia tres mezes que o encanto da sua vida, a mulher dos seus pensamentos não lhe dourava o mundo com o lampejo de um olhar. Fugíra d'ella, para pedir ao esquecimento o que os desenganados só querem: a paz. E o esquecimento não veiu, e elle, atirado na onda, volveu a desparzir flores n'esse regaço, onde outras se haviam esfolhado, e outras que ella humedecêra de pranto.

No dia em que se fallaram, passado o desenlace a que nos referimos, ella conservava ainda na face a pallidez que

vem das saudades. Estava assim bella, com os olhos amortecidos, os labios descórados, e um quebramento de corpo que dava a lembrar não sei que voluptuosidade etherea.

Quando Abel lhe estendeu a mão, córou; mas n'aquelle rubor instantaneo parecia haver o que quer que fosse do arrependimento.

—Não o via ha tanto tempo—suspirou ella com um requebro de voz que se coava n'alma como um fio de oleo. Depois, passada uma breve pausa, continuou:

—Sente-se aqui, falle comigo, olhe essas nuvens que para alli correm. Se todas podessem fugir como ellas!

E n'isto cravava os seus olhos languidos em Abel, e a mão, inda escondida entre as d'elle, estremecia como uma folha de rosa.

—Diga-me o que tem feito, em que tem pensado?

—Em que a felicidade n'este mundo só poderia ser o esquecimento.

—Dos males que exagerámos?

—Não, dos bens que julgámos possuir.

—Abel, o seu coração engana-se; proseguiu ella, com um tom de confidencia ingenua, com uma suavidade enternecedora—não pense em tal, não queira vêr sempre a noite quando se póde alegrar com os alvores do dia. Juro-lhe que se illude. Ha fragilidades, sim... caprichos, eu sei... cousas que nem se explicam, mas que todos comprehendem. Não me queira mal, não me fuja... não, veja que lh'o não mereço.

E n'isto os dois tinham-se approximado; e os olhares confundiam-se, e as respirações mesclavam-se, e as mãos enlaçadas apertavam-se, apertavam-se com uma sofreguidão indizivel.

—É certo, é certo?—perguntou elle com a anciedade de um homem febril, a quem ao perto mostrassem uma sêde d'agua.

—Sim, nunca foi o que julga, nunca o ha de ser. Quem lhe affirmou que a minha alma era uma penna, para assim voar a todos os sôpros? Ouça-me, Abel, o amor tambem ás vezes vacilla. Foi por isso que o imaginaram creança. Diga-me, é quando elle se quer amparar que lhe recusa a mão!

—Cala-te, cala-te—exclamou elle vencido por aquellas branduras de fada;—tu amas-me, sim, que eu bem te vejo, que eu bem o quero vêr n'esses olhos e n'essa voz!

A tarde ia caindo, o sol morria por detrás de umas arvores, e os passaros cantavam com desatino aninhando-se entre folhedos. Oh, mas lá fóra, apesar do azul do céo, do perfume das flores, e do gorgeio das aves, não podéra haver mais poesia do que em volta d'essas duas creaturas, cujo ambiente se impregnára com a fragrancia mystica de um beijo.

Estiveram assim algum tempo calados, e como que no arrobamento do extase. Ella foi a primeira que desprendendo uma das mãos, veiu pousal-a no hombro d'esse rapaz, d'esse credulo, em cujo espirito borboleteavam todos os seraphins do empyreo, com os castos lyrios na fronte, e um sorriso de beatitude nos labios.

—Inda está triste?

—Não filha; tenho o assombro de quem se ia afundar, e que de repente se vê salvo. Foram estes dedos delicados, atravez de cuja pelle finissima eu vejo correr o sangue, que me detiveram á borda do meu abysmo.

E acariciava-lhe os dedos, com a infantil meiguice que Deus só concede ás mães e aos namorados.

Ella estava radiante, a pallidez colloria-se-lhe, os labios desabotoavam-se-lhe orvalhados, e o seio dilatava-se mais amplo n'um respirar alteroso.

—Amas-me, não é verdade?

— Se te hei de amar, anjo da minha alma! Esqueço tudo, creio em ti, juro-o!

— Juras? — perguntava ella com uma timidez de pomba.

— Ai, filha, se eu t'o juro!

E rasgando a folha branca de um livro que estava sobre a jardineira, Abel escreveu estes versos:

Adoro-te! Em minh'alma
O antigo amor rebenta;
Depois d'ardua tormenta
Mais reflorido é o val.
Adoro-te! Ai, bem sabes
Que a rocha agreste e negra,
Se n'ella o mar se quebra
Reluz como um crystal!

— Ahi tens a minha confissão — ajuntou elle — guarda-a e lembra-te.

Em seguida, cingindo-a n'um amplexo carinhoso, beijou-a á flor dos labios, tremendo de adoração, como se beijasse as reliquias de um santo.

Eu quero crêr na pureza de certas mulheres como creio na limpidez de certos lagos; ha semblantes onde a alma não reflecte uma sombra, como á superficie d'agua não transparecem as areias do fundo. Mas haverá lago sem a podridão d'uma planta? Haverá uma mulher sem uma nebulosidade n'alma? Deus me perdôe e mais o anjo da minha guarda, se porventura eu blasphemo!

O certo é que alguns dias depois, Abel, ao entrar em casa da sua feiticeira, em vez de estar com ella em colloquio, recebia o seguinte bilhete:

«Meu amigo. — Não sei se as paixões estão sujeitas, como as marés, á secreta influição dos astros; o que posso

asseverar-lhe é que tambem tem fluxos e refluxos. Que havemos nós de fazer? Curvar a cabeça, e confessar o pouco que somos. Adeus, não torne a procurar-me, é necessario cortar estes festões de rosas que nos enlaçavam ainda hontem. Não queira saber por quê; nem eu mesma poderia dizer-lho. Passam-se cousas no coração humano que hão de ser eternamente um mysterio.»

A carta dizia isto. Eu tenho a generosidade de raspar a assignatura para que não haja fogo de vergonha que vá inflammar alguma face.

Abel acabou de ler, e pareceu-lhe que pelos olhos lhe haviam corrido um objecto estranho. Eram os figados do peixe miraculoso a descoalharem-lhe as nevoas. Nem um só nervo lhe estremeceu, nem sentiu a tumidez em nenhuma veia. Cahira-lhe sobre o coração um monte de gelo que o arrefecia e insensibilisava.

N'essa mesma tarde respondeu elle o que segue:

«Minha senhora.—Houve um grande talento, que, não podendo offerecer a sua mulher nem perolas nem diamantes para um toucado, desenhava primores, e dava-lhos para papelotes. Nem princezas chegaram nunca ás suas tranças joias de tão subido preço. Eu imagino, minha senhora, que os seus cabellos castanhos tem de entretecer-se em breve com as flores da laranjeira; se os versos que lhe fiz um dia não valem tanto como os quadrinhos do desenhador, podem comtudo servir-lhe de papelotes na vespera do seu noivado. Tem só uma coisa boa, elles; é que os escrevi, com o meu espirito embebido nas estrellas.

ABEL.

Este nome conserva-se. Não pede o decoro que o tapemos, como uma impureza abominavel.

O capitulo de taes amores é assim que remata.

Ella dorme as noites com o socego dos innocentes, e nenhum somno mau lhe perturba a quietação da alma. É feliz, ou, pelo menos, crê-se.

De Abel ninguem sabe ao certo. Dizem uns que pensa em desabafar n'um poema, e n'esse caso é ponto de fé que lhe grelaram os miolos; outros affirmam que jurou bandeiras na hoste dos salvadores da patria, e então prova-se que comprehendeu o seculo.

QUATRO ALMAS RIJAS

O sr. Esperidião de Mattos era a prosa feita homem. Digo isto em absoluto porque creio tanto nas milesimas encarnações da prosa como os indios nas do deus Brahma.

Nascêra elle n'uma villeta do Minho, viera para o Porto descalço, e fôra para o Brasil de soccos. Resumia-se n'isto todo o passado conhecido do sr. Esperidião.

Trinta e dois annos depois de haver sido aliciado como colono, voltou para o ninho paterno, implumado e farfalhudo como um gallo (salva a respectiva crista).

Enjoado até o tedio da afadigosa labutação mercantil, labutação que lhe gastára a maior parte da vida, mas que lhe dera em estorno algumas dezenas de contos de réis, o nosso homem comprára uma linda vivenda em Bellas, e fôra para lá refocilar com uma criada, preta e velha, digamol-o em abono das virtudes domesticas do sr. Esperidião.

Quanto a idade estou que, bem deitadas as contas, devia de orçar pelos seus cincoenta; mas os pomos das faces

de um rubicundo tirante a maçã bemposta, a faceira em refegos luxuriantes, o sorriso alvar que de continuo se lhe esparralhava no semblante, tudo isto lhe dava um certo quê de meninice engraçada, e até mesmo apetitosa.

Disse que o sr. Esperidião de Mattos era a prosa feita homem, e creio que não fui exagerado. O chatinar constante obcecara-lhe todos os instinctos generosos. Viver era especular; o proveito, em qualquer das suas manifestações, era para elle o idolo supremo. Esta philosophia tinha multiplicadas variantes, mas todas vinham a disparar no principio estabelecido. Ora eu não o censuro por isto. Se nós começarmos a descascar, com a impiedade dos materialistas, quanto por ahi tem justissimos foros de poesia e de espiritualismo, chegamos incontestavelmente á pavorosa conclusão do sr. Mattos, isto é, que o homem vive de pão e confortos, e não de imaginações ou de idealidades. A ôlha caseira affigurar-se-nos-ha valendo mais que os versos de Lamartine, uma cabidela succolenta parecer-nos-ha exceder todos os cartões de Raphael, e as camisolas de flanella farão o desespero do 4.º acto do *Propheta*.

O sr. Esperidião via as cousas d'este modo, não a uma luz clara e brilhante, mas como era compativel com a vista curta de um minhoto epicurista. Havia, porém, um facto que contrastava abertamente com a indole do nosso homem; era a tendencia para o amor. O sr. Mattos amava até á ferocidade. Havia n'isto, por força, defeito de organisação; mas, fosse qual fosse a causa, o certo é que as raparigas de Bellas nunca tinham visto em sua vida galanteador mais strenuo, e, seja dito á boa parte, mais ridiculo.

Quando o nosso Lovelace sahia, pela fresca da tarde, a fazer o seu passeio hygienico, as formosuras campesinas aguentavam o fogo vivissimo d'aquelle baluarte amoroso. A maior parte ria-se do sestro concupiscente do sr. Esperi-

dião, mas algumas havia que tiravam d'alli substancia para edificar muitos castellos de vento, e para planear o que poderia ser para ellas a existencia, se acaso o provinciano puxasse a terreno menos escabroso as suas inclinações eroticas. Os sonhos dourados do matrimonio desabrochavam, então, n'aquelles espiritos innocentes,

Entre todas as que affagavam esta idéa luminosa, a menina Gertrudes mostrava-se sobre modo preoccupada. Gertrudes tinha dezenove annos, e era filha de um fazendeiro do sitio. Podia dizer-se baixa e um pouco rechonchuda de fórmas; mas ninguem viu ainda dois olhos mais impressivos, faces de uma côr de rosa mais transparente, e, sobre tudo, bocca mais tentadora.

Se eu tivesse a musa deslavadamente assucarada do cantor da *Marilia de Dirceu* é crivel que dissesse a este proposito:

Ah soccorre, amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os astros, vôa,
Traze-me as tinctas do céo!

Mas as tinctas do céo não se desfazem bem na minha palheta, e eu tenho de me remediar com as que se encontram por este mundo de prosa e de *clubs* photographicos.

O que digo, em resumo, é que Gertrudes pensára em explorar as inclinações amorosas do sr. Esperidão, e em tirar d'ellas o maximo proveito. Pela sua parte o provinciano olhava-a com melhores olhos do que a qualquer das outras raparigas, e isto já era para ella de uma vantagem decidida. Em que differiam as tenções dos dois namorados? —no ponto mais importante. O amor de Esperidião era sensual, e o de Gertrudes especulativo; aquelle amava para possuir, e esta para engrandecer-se. De origem damnada

provinham ambos egualmente; mas o caso é que apesar d'isso, as cousas foram seguindo pelo mais bem posto de todos os caminhos.

Corria o tempo, o amor dos dois estava formalmente declarado, o magote das pretendentes retirava-se em boa ordem, deixando o campo livre á menina Gertrudinhas. É verdade que, na retirada, alguns tiros haviam sido desfechados sobre ella; mas o fogo era de guerrilhas; nem um batêra no alvo. E não bateria, digo eu, porque as lambarices e os aleives que o despeito ensinára áquelle côro de maldizentes eram immerecidos e injustos.

Isto não é fazer-me campeão da namorada do sr. Mattos; nem elle nem ella m'o agradeciam.

Eu digo as cousas como se me affiguram, ou como as sei de sciencia certa. Lá porque sublimava o romance derrancar uma virtude ou beatificar um escandalo, não serei eu que hei de commetter similhante desacato. O dilema de *Hamlet* è, para todas as cousas, a minha norma imprescriptivel. Ser ou não ser, luz ou tréva, anjo ou demonio, lyrio ou cogumelo, Alexandre ou Cartouche. Quando estas *torres eburneas* de honestidade me apparecem por encanto, entendo que devo espargir-lhe em roda algumas flores, em vez de as escalavrar com uma pedra. Outros pensarão melhor do que eu; cada qual tem a sua philosophia independente.

Este arrasoado faria muito melhor conservando-se na massa encephalica, com varios outros de egual jaez que por lá me andam amontoados; mas ás vezes uma pessoa começa a escrever na melhor fé que ha no mundo, absorve-se pouco a pouco, o *eu* que se pilha fóra do *eu* deita-se a cabriolar por céos e terra, perde-se o tempo e o azeite, e quando o misero escriptor julga ter mettido uma lança em Africa, deu apenas com os focinhos n'um sedeiro. D'estas é

que não se livra nem o mais pintado, quer seja Sancho ou Martinho, a não ser que minta o *quandoque bonus*... em que toda a gente por ahi falla, sem nunca ter visto Horacio nem d'esguelha.

Tres mezes depois do que fica narrado n'esta veridica historia, por signal que era em dia de S. João de Capistrano, aos 23 de outubro de 1857, os nubentes Esperidião de Mattos e Gertrudes Corrêa contrahiam o santo sacramento do matrimonio.

Tanto um como outro estavam radiantes de felicidade. N'essa tarde houve banquete opiparo, convidados arrodo, e murmurações por dá cá aquella palha. A festa espaçou-se até á noite, seguiu-se a dança, o chá, os bolos, as fatias torradas, os copinhos d'orchata, as semsaborias a meia voz, as tolices em voz alta, e as considerações gravemente immoraes feitas por varias tias velhas, e primas da mesma edade, a proposito dos noivos que coxixavam a um canto da sala.

Quando era meia noite as visitas começaram a debandar.

Silencio! Não perturbemos o amor que adeja em torno da vivenda do sr. Esperidião. O thalamo dos noivos libra-se nas ondulações do éther, e no vapor suavissimo das magnolias; illumina-o o clarão ideal da bemaventurança, e resoa-lhe a musica das espheras. Os anjos, quando passam, afrouxam o vôo rapido, e suspiram; as estrellas scintillam mais vivas, e banham de luz mysteriosa as discretas vidraças do templo. Do thalamo ao paraiso só dista um passo; é ahi que crescem as rosas do prazer, e que o extase embalsama as auras voluptuosas!

Se o leitor não comprehendeu coisa alguma de todo este palavriado, dir-lhe-hei que não sabe o que é poesia do estylo; mas eu é que não me ponho agora a explicar-lhe em prosa de juiz eleito o que, sem vaidade, me sahiu na me-

lopéa dos deuses. Depois, se não houver quem de vez em quando tome o trabalho de enchouriçar a linguagem patria, estamos cahidos na fluencia do padre nosso; e eu detesto a fluencia, comprehende o leitor? Escrever que todos entendam é a cousa mais semsaborona d'este mundo. É preciso nobilitar o palavrão hydropico e rebarbativo, o palavrão dos sermões de canastra e dos dithyrambos de Curvo Semedo; é preciso dar-lhe carta de conselho, fazel-o moço fidalgo, socio da academia, critico, sobretudo, e arrazar pelo calcez quanto cheira a naturalidade e a senso-commum. Só assim poderemos passar da cepa torta; de outro modo duvido. *Dixi.*

Seguiam-se os mezes, o sr. Esperidião parecia não caber em si de contente, Gertrudes deixára o modesto vestido de chita para se engalanar de seda. Quando aos domingos sahia a passeiar com o marido, era para ver a sobranceria com que olhava para as suas antigas companheiras. Coitada! era tambem o seu unico defeito. Se lhe tirassem este chumaçosinho de vaidade, ficava a mais guapa de todas as creaturas. Os primeiros tempos de noivado deslisaram como um mar de rosas. O provinciano passava os dias na mais insulsa das bemaventuranças; um momento affagava a mulher, depois vinha um dito picante, logo uma terna parvoiçada, e por cumulo de tudo isto a innocente distracção de um *burro em pé*, jogado até ás onze horas.

Apesar do que fica exposto, o sr. Mattos não tinha podido esconjurar inteiramente o demonio carnal que se lhe mettêra na alma. Esposo dedicado e exemplarissimo, peccava sómente por olhar o mundo mais do que devia, e por se não ter forrado contra todas as settas que andam por ahi a montes crivando a humanidade.

Um dia começou a galantear uma visinha fronteira. Gertrudes percebeu a traição, e disfarçou o resentimento. A

cousa ia, porém, tomando corpo, e era impossivel que, mais cedo ou mais tarde, não desabasse em tormenta. Assim foi. Uma tarde em que o sr. Esperidião tinha tocado a meta do escandalo, gesticulando e patorneando para defronte, Gertrudes approximou-se, pé ante pé, da janella a que elle estava, observou tudo um momento, até que, batendo-lhe no hombro, encarou-o fixamente, dizendo-lhe com um tom de voz que trescalava a indignação e o despreso:

—O sr. é um miseravel!

Esperidião córou até á raiz dos cabellos, enfiou, engasgou-se em tres monosyllabos, até ficar immovel e petrificado. Nunca tinha concebido aquelle quinto acto de tragedia. Gertrudinhas estava sublime de desespero, como se diria em bom estylo: desencadeou sobre o peccador uma saraivada de imprecações e de epithetos, tirou-lhe a pelle ás mãos ambas, como Apollo a Marsyas, apostrophou-o com a energica vehemencia da mulher moça e formosa, que se vê malbaratada por um boroeiro d'aquella estofa.

Eu deixo á consideração dos leitores as scenas ora joviaes ora tetricas d'este drama conjugal. Esperidião, arrancado subitamente ao seu espasmo momentaneo, começou tambem a fazer côro e a vociferar na oitava alta. Andava o diabo solto n'aquella casa onde inda ha pouco revoava o anjo da paz e dos contentamentos. «*Fortuna vitrea*», como diziam os latinos, — ó felicidade inconstante, como tu te espedaças ao mais simples toque, como te empana o mais pequeno bafo!

D'este dia em diante começou a desharmonia, a polemica intermittente, o dito sacudido, a má vontade, os maus olhares, a tortura e as lagrimas. Quando se chega a isto não ha regeneração possivel. O arrependimento póde tudo, menos destruir a memoria do passado, com todas as suas ignominias. Além d'isso, arrepender-se-hia o sr. Espiridião?

poderia Gertrudinhhs affagar esta unica esperança? Affagal-a?... para que? de que lhe servia o amor d'esse homem? que affecto lhe consagrava ella para pensar, para esperar similhante arrependimento? A esperança é o sonho da felicidade. E seria ella feliz ao pé do marido, ainda que o céo chovesse sobre os dois o bem-estar e os confortos? Não, nunca.

O casamento fôra-lhe alvitre da ambição, e nada mais.

Queria entrar no mundo, no grande mundo da assembléa, do passeio publico, dos *coupés* do Gomes, das Malvinas, do Chiado, dos sorvetes e do Price. O sr. Esperidião appareceu n'este comenos, offereceu-lhe o que ella apenas devaneava; que tinha o mais? que importava a edade? Estes maridos são como as letras de cambio: acceitam-se nas conjuncturas apertadas. O ponto é alcançar o que se quer; o fim é chegar onde se deseja.

Vive-se em Bellas mondando o escalracho; planeia-se ir a Lisboa, de seda, penteado á *Maria Pia*, ouvir a opera a S. Carlos. Vamos ao facto; suscitam-se as difficuldades. De repente apparece um minhoto abastado; toma-se e parte-se. É a maxima do czar Pedro: — *Viaja-se conforme se póde. Quando não ha cavallos tartaros, alugam-se jumentos.*

Eu digo isto cruamente, porque o assumpto não é muito para adubos, e mesmo porque, no fim de contas, a verdade é esta e só esta. Quebrado o affecto apparente que unia aquellas duas creaturas, era impossivel soldal-o. Alli não havia amuos nem arrufos; alli havia a saciedade e o tedio. Os palliativos eram inefficazes; carecia-se de um remedio energico. O expediente era de intuição para ambos, e tanto de intuição que o catrafilaram logo.

Resumindo: n'um bello dia Esperidião disse a Gertrudinhas:

— Minha senhora, vejo que me torno de mais n'esta

casa. Não é preciso recordar o porque, nem o porque não; são cousas que passaram, e que para nada vem agora. Cada um de nós é livre, e o mundo grande para vivermos á vontade. Espero que não se ha de oppôr a esta idéa;... parece-me a unica rasoavel.

—Oh, muito rasoavel—respondeu ella com um sorriso fingidamente triste;—a mais rasoavel de todas!

Momentos depois despediam-se para sempre, sem uma lagrima, sem uma nuvem no semblante, e com um aperto de mão tão cordeal como os do dia do noivado.

Até aqui não me parece que haja cousa digna de reparo, e sem querer legislar ácerca do desquite, estou que os nossos heroes procederam como é, se não licito, pelo menos excessivamente commodo. Viajantes perdidos n'este deserto immenso da vida, encontraram-se por acaso, olharam-se, sorriram, passaram a noite na mesma tenda, e ao romper da alvorada ergueram-se e despediram-se com um bom aperto de mão. Cada um tomou seu rumo diverso, continuaram na peregrinação affadigada, e é, portanto, natural que tivessem novos encontros. Deixal-os. Não é o sr. Esperidião de Mattos nem a sr.ª D. Gertrudes Corrêa que hão de perverter com o seu exemplo este bom povo portuguez.

Durante dois annos perderam-se de vista os divorciados: ninguem sabia dizer que vento mau os levára, nem para onde. Isto fazia dar volta ao miolo de muita gente; e mais de um devoto esbagulhador de mysterios particulares procurava o fio á meada, com uma pertinacia digna dos applausos de mestre Polycarpo, barbeiro de Bellas, e, em caso de aperto, sangrador e dentista.

Um dia começou a correr que o nosso Esperidião vivia maritalmente com a sr.ª Margarida Pereira, a celebre visinha que dera causa ao rompimento, e que não tardaria em que

viessem para o sitio, com grande detrimento dos bons costumes e sã moral da visinhança.

Assim foi. *Vox populi, vox Dei*, como diz o proverbio. Oito dias depois a villa de Bellas cobria o rosto como Agamemnon, para não vêr similhante escandalo. Pouco a pouco a indignação dos honestos foi tomando o seu curso regular, até se converter n'uma certa bemquerença ao sr. Mattos, bemquerença evangelica de que participava Margarida. Os freguezes do chá ás quintas-feiras já procuravam cohonestar os factos da melhor maneira possivel. e d'aqui procedia o veneno que muitas linguas serpentinas babavam na reputação de Gertrudinhas.

—Pois sim,—dizia uma tarde mestre Polycarpo, surrando os queixos ensanguentados de um paciente,—não sou eu que ponho por ella as mãos no fogo. Lá sem quê, nem porque, não era o sr. Esperidião que a deixava... olha quem!... e grandes foram os motivos, que elle não é homem de se turvar de repente.

—Diz bem, mestre; a gente ás vezes pécca por este diabo da lingua. Aqui estou eu que fui dos que mais o censuraram, e que no fim de tudo tambem hoje me inclino á sua parte. Ninguem deve julgar pelas apparencias... irra, mestre Polycarpo.

A navalha do carrasco tinha dado no beiço do moralista talvez um lanho de dois dedos.

—Não foi nada, não foi nada,—acudiu o Calcraft de nova especie, assentando o fio ao serrote;—isto é da barba que é rija.

Emquanto estes acontecimentos succediam, Gertrudinhas vivia tranquillamente em Lisboa, respirando contentamento e felicidade. Livre, moça, rica, dominando pelo prestigio da belleza, fizera do mundo um Eden, e atravessara-o radiante caminhando sobre alfombras de flores. Ás vezes

punha-se a olhar para o passado, e sorria machinalmente do que lhe vinha á imaginação; era um tropel de reminiscencias, de phantasmas, de pensamentos ora sombrios ora luminosos, que se acotovellavam, que redopiavam, que se sumiam e reappareciam de continuo, mas onde avultava sempre com saudade a lembrança do lar e da meninice, e com enfado, a do sr. Esperidião.

Mal sabia ella que n'esses momentos estava o nosso homem baloiçando-se n'um mar de prata, contente e bem assombrado, como o cysne que se baloiça nas aguas transparentes de um lago.

Gertrudes contava por este tempo vinte cinco annos. As suas fórmas, d'antes gordanchudamente burguezas, tinham adelgaçado e adquirido uma certa flexibilidade melindrosa. Parecia então mais alta, o que é dizer, mais esbelta. Isto junto á formosura peregrina do rosto, que ainda se conservava em toda a sua florescencia, fazia com que mais de um galanteador a requestasse, e mais de uma tentação a seduzisse.

Resvalar-lhe-hia o pé? Cahiria no abysmo? Não aventuremos suspeitas. Approximam-se os tempos, como se diz em algaravia prophetica; vejam os que teem olhos, e ouçam os que teem ouvidos.

Entre todos os admiradores de Gertrudinhas, Anthero de Sousa era o que parecia levar melhor partido. Moço, attractivo e intelligente, tinha além d'isso os grossos reditos de quatro herdades no Alemtejo. Ora não é preciso mais para qualquer se pôr em pé de conquista, e com umas certas probabilidades de triumpho: a não ser que acometta alguma pomba de Ozeas, a quem falte o coração pela raiz.

Gertrudes tinha, é verdade, resistido por alguns annos ás blandicias e ás feiticerias do mundo; mas tambem uma pessoa não é feita de penedos para se aguentar fria e in-

abalavel. Vem um dia em que as ondas dão mais rijas, e lá se vae tudo por mares em fóra. As Marcos nunca passaram, com certeza, da imaginação dos dramaturgos.

O caso é, que alguns mezes depois Anthero de Sousa estabelecia-se em casa de Gertrudinhas.

Deixae correr os tempos e os successos, deitae cinco annos sobre o que fica narrado, esperae que o inverno passe, que a primavera assome, que as flores respirem, que o campo nos chame de longe com o seu concerto de aves e de brisas, e vinde comigo até Bellas. O passeio é delicioso; demais, os *char-à-bancs* são de uma commodidade olymipica. Apeae-vos, e divagae commigo.

Estes sitios são encantadores, não é verdade? Aquella casa é a do sr. Esperidião de Mattos; que posição tão pittoresca!... Além, mora Gertrudinhas!...

—Como?!

—Como disse, Gertrudinhas.

Ambos vivem na mais completa independencia, e, ouso mesmo dizel-o, na mais amigavel familiaridade. Esperidião passeia com Anthero, e Gertrudes com Margarida. A visinhança comprimenta-os, e mestre Polycarpo faz-lhes grandes barretadas. Uma indisivel aureola de bem estar parece resplender n'aquellas frontes, que passam erguidas sobre este mundo com um certo geito de orgulho e de suprema felicidade.

Se ha quem duvide, indague e convença-se. Eu dei com este romance n'uma tarde de maio em que fui ao campo, estando a contemplar a magestade serena das arvores e das montanhas.

UM IDYLLIO MATRIMONIAL

Luiza de Andrade casou, ha nove annos, com um merceeiro abastado, que fez peculio com certas traficancias mercantis.

Chama-se João Fernandes.

Ás vezes toma, intrusamente, o appellido de Andrade, porque isso dá um certo ar de nobreza ás pessoas de respeito e de haveres, como elle costuma observar. A despeito de tudo, o merceeiro é conhecido apenas no seu mundo de assucar e de arroz da terra, pela formula nua e crua de João Fernandes.

Nomen si ritè recordor, Jan-Fernandes erat!

O mesmo que o novato sandeu do *palito-metrico.*

Luiza de Andrade vivia pobremente com o pae, capitão das antigas milicias, a quem as luctas de uma liberdade fratercida haviam feito decahir, como a todos os seus companheiros. Nobre de convicções politicas, quando viu su-

mir-se a idéa por que havia pelejado, aposentou a espada, estremou-se dos seus adversarios, e preparou-se para morrer. Se lhe diziam que requeresse, que pedisse algum emprego, abria o peitilho da camisa, mostrava uma grande cicatriz que lhe sulcava o peito, e respondia singelamente:

—Não posso. Esta cicatriz é muito funda para que eu lhe salte por cima.

O homem assimilhava-se um pouco ao soldado do padre Antonio Vieira: queria morrer e vingar-se. De quem? —Parvo! Não se lembrava que o mundo ri sempre d'esses pobres diabos, que ainda teem alguns restos de vergonha, para não se deixarem ir á tona das suas enxurradas politicas!

Luiza tinha um primo; chamava-se Fernando. Eram ambos da mesma edade: vinte e dois annos, pouco mais ou menos. O rapaz estava no estabelecimento de João Fernandes; tinha meio grau de guarda-livros.

Isto de primos é uma cousa diabolica; é a tentação no parentesco. Como podiam elles escapar-lhe? Como deixariam de amar-se, se todos os dias se viam, se ella o esperava á janella, se elle lhe lia até á meia noite as *Memorias de um medico*, e se no fim de todos os mezes lhe trazia um par de luvas, um cabeção bordado, ou o seu frasquinho de *agua de Moumpelas?*

O amor começava a deitar labaredas; e o pae cujas aspirações pela felicidade da filha não paravam no *Deve* e *Haver* do livro *mestre*, andava tratando o rapaz com uma certa sequidão que denunciava má vontade.

Gregos e troyanos apparelhavam-se para a lucta. N'um domingo de manhã romperam-se as hostilidades.

—Sr. Fernando, resolvi não o conservar por mais tempo em minha casa. Desagradam-me as suas ternuras com minha filha, e é preciso que acabem.

O velho dizia isto arripiando as barbas longas e hirsutas como as de um verdadeiro sebastianistas.

Fernando encolheu-se, balbuciou tres monosyllabos, engasgou-se no quarto, fixou a prima, e só respondeu melifluamente:

—Eu quero dizer-lhe uma cousa, tio. Quando me ouvir, é provavel que reconsidere. Dá licença?...

Como se vê, Fernando era ainda da velha educação dos galeões da India, quer dizer, do tempo em que os paes, e até os tios em segundo grau, mandavam os filhos e sobrinhos pela barra fóra ao menor signal de irreverencia.

—Póde fallar—exclamou impacientemente o velho, passeando de um para outro lado.

—Eu, quando comecei a olhar a prima foi sempre com bom sentido. Tencionava pedil-a...

—Puff!—gritou o legitimista batendo com o pé no sobrado—pois vossê, com a bagatella de doze vintens diarios pensava já emc asar? Vossê, seu creançola. que eu agasalhei em minha casa como a serpente ingrata, queria moder-me, envenenar as mais queridas esperanças da minha vida?

O rapaz estava estupido. Aquella arenga petrificava-o. Demais, elle sabia bem que o tal agasalho sahia-lhe da algibeira; e que os doze vintens chanceados eram absorvidos até á ultima mealha, pelo protector dos seus dias.

—Saia d'aqui—proseguiu o orador descabellado, ardendo em chammas de ira e de enthusiasmo parlamentar, —saia d'aqui, e não pense em manchar o lustre do meu nome com a sordidez da sua profissão ridicula. Luiza não poderia nunca descer até vossê, porque acima de todas as fragilidades do coração ha a memoria do que fomos... e do que seremos, talvez!

O assombro crescia de ponto.

Aqui, um chuveiro de improperios vociferados pelo velho, duas rosnaduras sumidas do pobre Fernando e algumas lagrimas da prima, que desmaiava a proposito, porcurando cuidadosamente uma cadeira, para não cahir redonda no chão.

Duas horas depois, o rapaz lia os annuncios do *Diario de Noticias*, á cata de quem tivesse um quarto na baixa para alugar, e que désse cama e comida por preço modico; o tio esfregava, pela decima quinta vez, uma nodoa recalcitrante que lhe alastrava a gola da casaca domingueira; e a Helena de toda aquella escaramuça incruenta cozia n'um vestido que lhe haviam encommendado, deitando de vez em quando o rabo d'olho para um volume do *José Balsamo*.

David Téniers substituira Rembrandt; o quadro negro e pavoroso convertêra-se em trivialissima scena de costumes.

João Fernandes já por este tempo andava no encalço da menina Luizinha. Tinha-a visto um dia com o caixeiro, fallara-lhe, e por certos signaes que o merceiro lhe encontrava devia de ser muito apta para o meneio domestico.

O bom do homem era viuvo de fresco; mas, o jugo do matrimonio não o havia molestado. Scismava em outras nupcias.

Por vezes, andando a passeiar com o compadre bacalhoeiro, homem de *boa ralé*, como elle dizia no seu estylo pintoresco, tinha tratado largamente das vantagens do casamento. O bacalhoeiro applaudia-o, e sem ser dos mais desassombrados conjuges, aguilhoava-lhe de continuo o animo.

—Tens razão, José Pedro, dizia então o nosso merceeiro affagando a cara rebarbativa, illuminada por intimos contentamentos — tens razão. Quando uma pessoa tem de

seu alguma cousa, não dá pégada em casar-se. O estado tem desasocegos para as cabeças leves dos badamecos d'agora; mas se ella pésa de madura, tudo corre a bom sabor e contento.

Ora, apenas soube dos desconcertos que havia entre Fernando e a familia, assaltaram-no logo os seus projectos matrimoniaes. Não que elle tivesse sobreestado em similhante cousa por temer a competencia do caixeiro; mas porque todas aquellas idéas lhe andavam, por assim dizer, fermentando no coração, occultas e latentes.

Calou-se, mandou chamar o compadre, deu-lhe o braço e ambos sahiram sinistramente da loja.

Lá o que elles disseram não sei eu; o que se soube, porém, foi que, no outro dia, sahia o merceeiro de sua casa, e dirigia-se gravemente para a rua das Atafonas, onde morava a menina Luiza.

Á noite veiu para a loja. Quando se fechava a porta, chamou Fernando, e disse-lhe com o mais ponderoso entono d'este mundo:

—Fernando, pedi hoje tua prima. Foi uma idéa que tive. A rapariga não me parece avêssa. Havemos de casar brevemente. Tu vens para minha casa. Olha lá uma cousa; eu sei que vossês tiveram seus namoricos, e que foi de tudo isso que se seguiu a tua sahida de casa; mas eu sou homem de bofes lavados! D'aqui a um mez havemos de casar. O pae e ella ficaram muito contentes. E tu?

Se um abrir de bocca, capaz de engulir a lua, é signal de contentamento, então Fernando estava em agua de rosas.

Escancarou os olhos, fitou-os no merceeiro com um ar de incredulidade alvar, poz-se a roer na ponta de um lapis, e sahiu, por fim, do marasmo com a mais semsaborona de todas as interjeições possiveis:

—Ah!

—Nada de pasmos—dizia o merceeiro com a bondade paternal que lhe era propria, batendo no hombro do rapaz.—Tu estavas ainda verde para o casamento. Dos homens de sizo e de prudencia é que se fazem os bons maridos. Rapazes, esses livres e á rédea solta. E o melhor é para elles, porque lá diz o adagio: «Boi solto lambe-se todo.»

Houve mais de uma hora de discurso. Fernando percorreu a escala chromatica e diatonica das interjeições; passou depois para os adjectivos, acabou nos adverbios, andou, retrogradou, suou, gaguejou, e por fim, quando o patrão lhe deu as boas noites, sahiu, e foi caminhando para o albergue a scismar em toda aquella baralha, que lhe passava e repassava pelos olhos como uma visão de Macphearson.

A noite, porém, traz bom conselho; e n'aquella noite o nosso Fernando transfigurou-se. Acordou inteiramente outro. Tambem a cousa não era nova. Eu já li de certo homem cujos cabellos louros embranqueceram n'uma noite de agonia; porque é que o priminho de Luiza não teria direito de acordar alegre, loução e espirituoso, como quem arrancara das costas a tunica do centauro?

—Casa-te, casa-te, Luiza—dizia elle sorrindo sardonicamente, acabando de fazer o laço da sua gravata farfalhuda. —Julguei finar-me de tristeza, e sinto-me desaffrontado como nunca. Amor! E porque o seria um olhar a furto, um aperto de mão, um beijo, ou a leitura de meia duzia de paginas da *Condessa de Charny?* Oh, como ella ha de ficar pasmada ao saber que viveremos juntos! Sentirá prazer ou contrariedade? *To be—or not to be?—that is the question.*

O dilema de Hamlet escapou-lhe dos labios com um sorriso cada vez mais galhofeiro.

Devo dizer, para verosimilhança da historia, que o ra-

paz tinha aprendido o seu pedaço de inglez, e que, entre os papeis de embrulho, tinha dado com aquella folha do soliloquio. Decorára-a como o corvo do sapateiro e repetia-a como elle. Tres folhas mais que topasse, e tinhamos homem para as lettras.

Um mez depois, João Fernandes e Luiza viviam com o priminho n'uma verdadeira harmonia beatifica.

Os lambareiros roiam na pelle do commerciante; mas elle não dava ouvidos ás más linguas. Pelo contrario:

—Fernando, vae com Luiza ao theatro; Fernando, vae com a menina ao passeio; Fernando, acolchêta esse vestido a tua prima; Fernando, prega-lhe esse alfinete no toucado.

E o rapaz obedecia diligente aos mandados do merceeiro, emquanto que a prima lhe agradecia com um sorriso ou com algum ditinho assucarado.

Corriam os tempos, apertavam-se os laços de concordia, Fernando alargava-se pelo mundo, tomava novos geitos de vida, jogava libras ás mãos cheias, jantava no Matta, vestia do Keil, e calçava do Stelppflug. O merceeiro foçava na loja desde a alva até ao vespero, e Luizinha gastava o dia em frioleiras, ou em fazer brincar sobre os joelhos a sua pequena Guilhermina, ou Lili, como ella lhe chamava nas suas exagerações de pieguice maternal.

—É mesmo a cara do pae—dizia um dia o bacalhoeiro affagando a creancinha, e deitando um olhar sorrateiro para Fernando—ninguem lhe negará a paternidade.

—Parece-se alguma cousa—respondia João Fernandes com um sorriso agradecido, cofiando a barba como homem bem comsigo mesmo—parece-se alguma cousa. Todos me dizem isso.

Passaram quatro annos, e a prosperidade do merceeiro ia sentindo desfalque. O homem queixava-se dos muitos gastos caseiros, mas a mulher retorquia-lhe sempre com azedume:

—Não posso nem quero gastar menos. Julga que eu sou alguma perdularia?

—Não te afflijas, Luiza—acudia logo elle, arrependido de haver exaltado a cara metade;—eu não duvido das tuas economias, mas as cousas estão tão caras!

Depois dava-lhe um beijo, e sahia para o mourejar da loja.

Ella ria-se, olhava para o espelho, retocava o penteado e ia sentar-se á janella folheando algum romance da moda.

> ..... o pesar terá firmeza,
> Mas o bem logo muda a natureza!

O merceeiro abarbava-se cada vez mais n'um pelago de perjuizos inconcebiveis. A casa convertêra-se-lhe em sorvedouro, em abysmo sem fim, por onde se escoavam implacavelmente todos os lucros da manteiga.

Quiz ter mão no desconcerto, e a mão paralysou-se-lhe de todo. Luiza primava sempre nas mais custosas superfluidades, e o priminho ia velejando por aquelle mar de rosas, a que elle chamava «a sua vida de rapaz.»

Só João Fernandes padecia. O rubicundo das faces, o adiposo da barba, a rotundidade da barriga clerical, o sorriso bonacheirão, que d'antes lhe arreganhava os dentes, tudo se ia ressentindo; e o pobre homem vergava sob o peso das inconsequencias, como o antigo bode israelita sob o peso das iniquidades.

Chegou por fim o *dies iræ;* o dia dos desafogos conjugaes.

João Fernandes perdêra a tramontana. Vociferou, praguejou, accusou a mulher, anathematisou o primo—foram mosquitos por cordas.

Luiza inflammou-se na mais santa ira, arrepelou as tranças, derrubou quatro cadeiras, e no cumulo da desesperação feminina quebrou um arco ao merinaque.

A tempestade era desfeita!

—Estou arruinado, inteiramente arruinado—gritava o merceeiro dando murros sobre a meza.—É preciso que tudo isto tenha termo, e eu resolvi-me a não querer mais em minha casa o gastador de seu primo.

—Pois vossê injuria-nos?—gritava á sua vez a Luizinha, tomando a postura ameaçadora da mais varonil Brites de Almeida—deixe estar, deixe estar, que eu me vingarei d'esses insultos!

Dize tu, direi eu, replica, treplica, protesto, contra-protesto, meninos orphãos a cavallo, o diabo a quatro e a quatorze, tudo apimentou aquella scena melodramatico-conjugal.

Fernando, apenas veiu, soube de todo o acontecido

Teve uma larga conferencia com a prima em que questionaram cálorosamente, e no outro dia sahiu muito cedo, e sem se despedir de pessoa alguma.

Ella appareceu lacrimosa e desgrenhada, como quem tinha passado a noite em mortificadora vigilia.

Quinze dias depois o rapaz embarcava para o Rio.

Aborrecêra-se da prima e do merceeiro, e com algumas libras que surripiára tencionava fazer fortuna no paiz da mandioca.

Luiza andou alguns dias triste; beijava mais amiude a filha, e deitava seus olhares desgarrados ao semsaborão do marido.

Finalmente a casa de João Fernandes tornou aos seus eixos.

Restabeleceu-se o *statu quo!*

O merceeiro estribou-se melhor no negocio, fez certas

economias caseiras, tomou outro pé de vida, e no fim de poucos annos entrava na convalescencia mercantil.

De Fernando nunca mais se soube.

Emquanto a Luiza, continúa agora verberando o marido com milhares de exigencias luxuosas; e diz o compadre bacalhoeiro, que ella dá tréla a um rapazola que lhe passa ao meio-dia pela porta.

Eu não sei de tudo isto senão, que, João Fernandes vae vivendo na melhor paz com a consorte, e que ella tornou a ter a viveza e o fogo dos seus tempos de rapariga.

Um dia, ao cahir do sol, encontrei-os na volta de uma azinhaga.

Isto era no campo, e em julho, quando todos, ao cerrar da tarde, gostam de passear pelo fresco dos campos.

Senti vontade de observar aquelle par predestinado.

Piquei o passo, atravessando junto d'elles, hombro com hombro.

Ella era ainda moça e provocadora, cabello negro, olhos rasgados e buliçosos, bocca entre-aberta que deixava ver uns dentes alvissimos. O porte era elegante, mas affectado como o de toda a mulher que sabe e quer mostrar que é formosa.

Encarou-me fixamente.

O João Fernandes era o typo do antigo merceeiro, despenso por isso a descripção. Creio que todos os merceeiros tinham d'antes o mesmo typo.

Quando passei adiante, dizia ella ao marido com uma voz harmoniosa e impressiva, apesar da sequidão que procurava dar-lhe:

—Onde vamos agora?

Voltei a cara.

—Onde tu quizeres, Luizinha—respondeu o papalvo com um sorriso.

A historia finda n'este ponto.

Agora perguntar-me-ha alguem de certo:

—Mas quem lhe deu na veneta escrever tudo isso?

—Ninguem, leitor amigo:

«*C'est une idée qui m'a pris, et qui m'a pris d'une façon assez ridicule, l'été passé, en allant voir coucher le soleil!*

THEREZINHA

Manuel Garrido dos Calveiros era um provinciano abastado que morava para as bandas da Ameixieira. Lembro-me de o ter conhecido, quando ha dez annos estive lá por aquelles sitios. Era viuvo, e tinha um filho, rapaz affavel e mesmo sympathico, de pouco mais ou menos vinte e seis annos, cujo unico defeito conhecido era julgar que, as *Horas de preguiça* valiam muito mais do que muitas horas lidadas na escripturação do livro *mestre*. Tirando isto, Pedro era o que se costuma chamar «um bom rapaz».

Succedeu que para uma casa mistica á da familia Calveiros foram passar o verão de 1855 a viuva e filha de um dos nossos militares, capitão que fôra de lanceiros, mas que, por desgraça, legára apenas—morrendo—trezentos mil réis de divida e uma espada enferrujada.

Quanto á divida, creio que a metteram no mesmo caixão do defuncto, como reconhecidamente cadaver; a espada, essa foi guardada devotamente,

Como custodia em sacrario,
Como imagem sobre altar.

Com o correr dos tempos, e algumas eventualidades de fortuna, a familia do capitão foi tomando o folego mais desassombradamente. Como já disse, no anno de 1855 tinha ido passar o verão para a Ameixieira.

Isto de visinhança no campo é a colhér de mel ao pé da mosca. Basta um momento para firmar a convivencia. Hoje observam-se, ámanhã indagam, depois comprimentam-se com um sorriso, no outro dia passeam juntos, alargando os cozes á tagarallice, doença esta de que todos nós padecemos mais ou menos, desde Eva para cá.

Deu-se o caso com a familia Calveiros e a do capitão.

Pela fresca da tarde sahia a viuva a passear com a filha, a menina Therezinha, e não tardava que o nosso Pedro lhes fosse na piugada, para andar pouco depois atrellado á respeitavel matrona, na mais seraphica de todas as semsaborias.

Thereza contava vinte e dois annos. Se não era bella, no sentido esthetico da palavra, tinha, comtudo, um não sei quê de attractivo, de fascinador, de indizivel encanto. Olhos negros e rasgados, trança basta e ondulante, bocca fresca e risonha, seio turgido, cintura de vespa, mão pequena, e o mais bem torneado de todos os braços.

Eu faço ponto ao retrato; e se acaso o não deixo satisfeito, procure o leitor em qualquer romance o que mais lhe convier, e tome-o como de Therezinha.

Os passeios repetidos, a affabilidade attenciosa do mancebo, os rumores que corriam ácerca dos grandes haveres do pae, e, sobretudo, aquella liberdade simples, liberdade ampla, liberdade livre, que os ares do campo atêam, por assim dizer, em todos; tudo isto desvanecêra a monotonia

insipida das palestras da tarde, dando-lhes uma certa alacridade jovial, uma certa animação distractiva, um certo desenfado gracioso, *humour*, diria no meu caso Tackeray.

A mãe de Therezinha é que ia perdendo pouco a pouco a sua realeza primitiva. As attenções de Pedro, as muitas delicadezas, os ditinhos, os sorrisos, tudo era então para a filha. Não que a respeitavel matrona tivesse nutrido a minima idéa affrontosa para as cinzas do capitão; mas, com certeza, feria-se na sua vaidade mulheril, e media toda a profundeza do abysmo que cincoenta annos lhe haviam cavado em torno, ou, para me expressar em linguagem que se entenda, media a profundeza das rugas que os cincoenta annos lhe haviam cavado nas faces.

Oh, a vaidade feminil é a peior de todas as vaidades! A belleza é para a mulher o sonho dourado, a illusão ridente, o filho querido da sua imaginação.

Extasiae-vos diante d'aquella senhora que passa, gabae-lhe a formosura, embora duvidosa, o olhar, embora trivial, o porte, embora desengraçado, chamae-lhe bella, emfim,— e ahi tendes o sorriso do anjo; censurae-lhe a menor incorrecção de perfil, notae-lhe a mais leve macula na epiderme, achae-lhe o pé espalmado, a cabeça desairosa, o todo sem elegancia, chamae-lhe feia em todo o caso,—ahi tendes a garra da panthera.

Páris e o monte Ida dão testemunho de sobra.

Ora, isto que eu estabeleço como regra provada, e que as leitoras devem achar de uma intuição axiomatica, foi, talvez, em parte, para Pedro dos Calveiros, motivo de dissabores futuros.

Já por mais de uma vez, em conversação intima com a filha, a viuva tinha insistido nas inconveniencias do casamento com rapazes, mesmo filhos de homens abastados. Entrincheiráva-se no proverbio—*Quem conta com sapatos*

de defuncto... — e despedia d'ahi as settas mais hervadas, settas que a boa da Therezinha percebia que iam direitas a Pedro.

Se a mãe fosse mulher de lettras, dir-se-hia que tinha estudado as subtilezas da Frosina de Molière, mas segundo nos consta, a bagagem litteraria da viuva reduzia-se a algumas paginas do *Lunario perpetuo*.

— Tu pensas — dizia ella uma noite á filha, sorvendo uma enorme pitada do *meio-grosso* — tu pensas que o teu namoro com Pedro ha de redundar em grande cousa? Bom futuro lhe não vejo eu, que tenho, por minha desgraça, experiencia d'estas cousas do mundo. Ainda se fosse o pae! Esse sim, que é homem assente e de posses. Mas o filho... boas barbas lhe deu maio!

Therezinha torcia-se contrariada, replicava, o dialogo assumia proporções gravissimas, palavras são como as cerejas; mas no fim de tudo, a mãe interpunha a sua auctoridade, e a controversia acabava de chofre.

Nos outros dias, quando era sol-posto, sahiam ambas ao passeio da tarifa; e Pedro, apesar da frieza sorumbatica que ia descobrindo na viuva, continuava a acompanhal-as como até alli, fazendo, como se costuma dizer, a vista grossa.

Uma vez, de relance, e com tom de voz mysterioso, Therezinha disse ao mancebo que precisava fallar-lhe. A hora indicada era as onze da noite, o sitio a azinhaga para que dizia a janella do seu quarto.

Pedro sobresaltou-se. Boa cousa, de certo, não lhe adivinhava o coração!

Era a primeira vez que poderia fallar á sua amante, áquella hora, n'aquelle logar, e sem testemunhas. Outro qualquer estremeceria de felicidade; elle, porém, pensando na sequidão da viuva, e no modo singular com que a en-

trevista lhe fôra marcada, tremia... porque, nem elle mesmo poderia dizel-o; tremia vagamente pelo seu amor e pelo seu futuro.

Ás onze horas em ponto Pedro estava na azinhaga. Minutos depois abria-se uma janella ao rez do chão, e uma voz trémula, mas amorosa, balbuciava: «Pedro!»

Era Therezinha.

Isto passava-se em agosto. A lua reinava esplendida, innundando de serena claridade toda a extensão dos campos, As arvores rumorejavam brandamente, a viração, tepida e embalsamada, suspirava como um beijo por entre as roseiras dos vallados. Ao longe sentia-se o ranger tetrico da nóra; sobre os ulmeiros visinhos, o rouxinol soltava, a espaços, os seus trilos deliciosos.

A solidão povoava-se da poesia da noite.

—Pedro, meu Pedro, mal sabes a que vieste. Uma desgraça horrível, oh, a maior de todas, vae succeder-nos em breve. Não sei como t'o diga... não posso... mas tu bem vês como eu choro, Pedro!

—Mas, por Deus, conta-me, explica-me o que houve... tua mãe...

—Sim, minha mãe quer que eu te deixe, que eu te esqueça para sempre, que eu...

—Por quê?... Não sabe ella como te amo? pensará acaso que este amor é apenas um capricho, uma distracção de alguns dias? Oh, dize-lhe, dize-lhe tudo... eu lh'o direi, eu mesmo... hoje, sim, hoje... mas não me falles em deixar-te, que me espedaças o coração, filha!

A lua batia então de chapa sobre os dois amantes.

Tinham as mãos entrelaçadas, os labios unidos n'um beijo sofrego, os peitos offegantes e os olhares fitos, cravados, absortos em mutua contemplação, devorando-se um ao outro, perdidos n'aquelle abysmo de infinito mysterio que

se chama o extase,—o enlevo de duas almas que sobem a Deus na mesma aspiração suprema.

Oh, quem poderia quebrar-lhes aquelle mystico arrebatamento? quem viria precipital-os d'aquelle céo aberto e radioso nas profundezas da realidade mundana e excruciante? Porque não morreram então? como pergunta Byron. Tinham vivido seculos n'aquelle momento; as horas por vir só lhes poderiam trazer desesperos e angustias.

Acalmado o transporte, Therezinha, com a voz cortada de soluços, disse finalmente ao mancebo:

—Ouve, Pedro; revelar-te-hei tudo; o segredo é impossivel. Teu pae... não estremeças, escuta; teu pae veiu hontem a nossa casa. Pasmei da visita, mas não me sobresaltei com ella. Estava tão longe de tudo! Pediu a minha mãe para lhe fallar confidencialmente; horas depois sahiu. Ao despedir-se, apertou-me muito e muito a mão, e olhou-me de modo que eu... senti córarem-se-me as faces, apesar de elle ser teu pae. Não chores, Pedro, a providencia não nos ha de desamparar. Hoje, minha mãe disse-me: «Thereza, o sr. Calveiros veiu hontem pedir-me a tua mão. Admiras-te? pensas talvez que deveria galantear-te como o filho? enganas-te. Conhece-te, sympathisou comtigo, julga-te capaz de seres sua mulher, e veiu perguntar-me o que eu pensava. Nada mais natural; annui promptamente. Elle é um homem de bem e de immensos teres; convem-te como nenhum outro. Depois accrescentou: quanto a Pedro, não digo que seja mau rapaz, estou mesmo que possue grandes qualidades; mas por emquanto nada tem de seu, nada póde, e muito menos agora, em que não deve esperar do pae consentimento, nem protecção alguma. È preciso que ponhas termo a essas creancices.

—E tu pensas...

—Eu penso em te amar sempre, meu Pedro, mas o que

me atormenta é a idéa que teu pae, teu pae se ha de oppôr a tudo, irritar-se comtigo... repellir-te... que sei eu! Não comprehendes, Pedro, o que ha de horroroso em tudo isto?

—Sim, comprehendo—balbuciou elle lentamente, como quem principiava a coordenar os pensamentos—sim, comprehendo. Acordei agora do lethargo horrivel, e sinto despenhar-me na voragem. É impossivel, diz-m'o a consciencia, é impossivel superar este obstaculo. Olha, Thereza, a lua que além se esconde por detrás d'aquellas montanhas é a imagem da minha existencia. Ha poucas horas, brilhante, risonha, cheia de esplendores, cercada de uma aureola divina; agora triste, triste, perdendo-se na escuridão da tréva. Sabes tu o que ha de mais infernal no mundo?—é a viuvez do coração. É tel-o sentido bater contra outro, viver dentro d'outro; é tel-o acostumado a esta união celeste, é tel-o deixado phantasiar o mais encantador de todos os futuros, para n'um dia lhe dizer: esquece-te ou morre. E o coração não se esquece, porque a saudade é o ultimo sentimento que expira em nós. Sim, Thereza, agora é que eu comprehendo o que ha de horroroso em tudo isto.

As lagrimas corriam em baga pelas faces dos infelizes, os labios tremiam-lhes convulsamente, a respiração era oppressa, o estremecimento nervoso.

Devia ser medonha a lucta n'aquelles dois espiritos.

—Adeus, Thereza—murmurou finalmente Pedro, mas em voz tão sumida como a de um moribundo—adeus!

—Vaes-te?... mas dize, dize, o que deverei fazer?...

—Dir-t'o-hei ámanha; descança em mim.

Depois, ouviu-se um beijo longo e interminavel, um *adeus* cortado de suspiros, e em seguida, os passos de Pedro, que atravessava a azinhaga.

Como se vê, Pedro achava-se na posição terribilissima de Cleantho.

Harpagão enamorára-se de Marianna.

O dia que se seguiu ao colloquio que acabo de narrar, foi para os dois amantes o mais cruel de todos os dias. Era necessario resolver de prompto alguma cousa. Como? — Ahi batia a difficuldade.

Pela sua parte, Pedro pensava em confessar ao pae todo o seu amor, dissuadil-o do proposito de esposar Therezinha, mostrar-lhe o horror da existencia que o aguardava, se porventura tivesse de abandonar para sempre as suas esperanças futuras.

Mas, como receberia o pae esta confidencia? Teria a abnegação precisa para sacrificar os seus desejos á felicidade do filho? Era por isto que Pedro vacillava.

Conhecia demasiadamente aquelle caracter, para o julgar capaz do minimo sacrificio. Oh, mas era horroroso, mil vezes horroroso, o pensamento de que seu pae, elle mesmo, havia de dissipar, desfazer, annullar os sonhos queridos da sua imaginação. Se fosse outro, embora! o sangue não se angustiaria com isso; mas o pae... Como esta palavra lhe queimava os labios, como esta idéa lhe dilacerava o coração!

N'essa tarde, em vez de sahir, como costumava, Pedro ficou recolhido no seu quarto. Tinha-se, emfim, revestido de coragem; queria disputar a mão de Therezinha. A lucta era desegual; o pequenino David via-se a braços com Goliath. Secundal-o-hia o esforço divino? Quem sabe!

Fluctuava-lhe no espirito um turbilhão de idéas. A momentos, a esperança levantava-se-lhe do intimo da alma, os anjos povoavam-lhe de novo o universo que elle phantasiava: de lá sorria-lhe a bemaventurança. De repente evaporava-se-lhe tudo. Abria-se-lhe ante os olhos um inferno de attribulações maldictas. Therezinha reclinava a fronte no hombro de seu pae, elle affagava-a, depunha-lhe um beijo

na face; depois... depois, uma nuvem de sangue toldava os olhos do desgraçado, e elle não via, oh, não podia vêr mais nada.

Passou assim duas horas; ao cabo d'ellas ergueu-se, e dirigiu-se ao aposento do pae.

Ia lívido; os olhos torvos e desgarrados espraivam-se-lhe vagamente em roda, como os de um louco; os cabellos ondeavam-lhe em desalinho, o passo era incerto, a respiração alterosa; sentiam-se-lhe os latejos do coração.

—Que tens, Pedro? perguntou o velho com espanto, mal o viu entrar n'aquelle estado de agitação febril.

—Nada, meu pae; nada, ou talvez muito. Tenho o que teem as viboras quando lhe roubam os filhos, tenho o desespero da dôr. Quero fallar e não posso, quero contar-lhe tudo, e não atino com palavras... mas deve lêr n'estes olhos o que eu sinto, mas bem deve comprehender o que eu padeço.

—Mas tu... tu estás louco, Pedro!... Dize, dize o que te succedeu...

O mancebo contemplou o pae por momentos. Havia alguma cousa de sinistro n'aquelle olhar glacial e pasmado. Depois, sentou-se tranquillamente ao pé d'elle, pegou-lhe na mão com brandura, e começou a dizer-lhe com um tom de voz suave, suave, mas que causava medo.

—Ouça, meu pae. Ha uma mulher que eu amo, e que me paga com egual affecto. Ella tem vinte e dois annos—uma creança; eu vinte e seis—um homem cheio de energia, e de vontade. Hontem disse-me que a queriam separar de mim para a juntar a outro homem. Chorámos então muito, muito!...—repare como estas faces ainda estão crestadas. E eu não posso deixal-a, porque preciso d'ella como da vida, e a minha vida é este amor. Esse outro homem ignora tudo; mas se eu lh'o disser, deve estender-me a

mão, deve dizer-me: consola-te e espera; deve-o, porque é meu pae!

—Pois tu, tu...

—Eu sou o amante de Thereza; e venho pedir-lhe agora aqui, de joelhos, por alma de minha mãe, que me não faça desgraçado.

—Oh, impossivel!

—Impossivel? Pois uma idéa frivola, um simples desejo, ha de esmagar um sentimento irresistivel e ardente, pois...

—Hade, porque é meu esse desejo; e porque acima da loucura de um filho que ousa ser adversario de seu pae, ha a vontade d'este que lhe diz «não» e que o repulsa.

—Está então resolvido...

—A realisar o que penso. Acho mesmo impropria esta scena, nem me passaria nunca pela idéa quet e atrevesses...

—Perdão, meu pae!

Pedro levantou-se; beijou aquella mão que lhe indicava a porta com um gesto desabrido e ferino, e sahiu.

O velho reassumiu em breve a sua habitual impassibiidada.

Momentos depois, Thereza recebia esta carta:

«Minha pobre Thereza,—Perdeu-se tudo, não tenhas mais esperança; esquece-te e sê feliz. Deus sabe o que eu soffro; tu tambem o has de saber, filha, porque medes a minha alma pela tua alma, a minha dôr pela tua dôr. Fallei agora a meu pae, contei-lhe tudo, pedi-lhe de joelhos que me não desgraçasse; indignou-se e repeliu-me de si. Que hei de fazer? Não sabes tu que nada posso? Deveria sacrificar-te a esta paixão que me devora?... fugir comtigo, partir?... para onde?... que sei!... Depois o que seria de ti, anjo? o que seria de ti, minha Thereza? Não, não pen-

ses mais em similhante cousa. Imagina que me viste em sonhos, que tudo é falso, tudo, até as lagrimas que chorámos. Eu vou partir. Quizera despedir-me de ti, dizer-te o ultimo adeus, pedir-te perdão do mal que involuntariamente te faço; mas não posso, não o pode nem o coração nem a consciencia. Adeus; faze por te esqueceres de mim; não chores, não te afflijas, não penses no que passou, não penses. Sabes o que me rala o coração?... È julgar que podes ser desgraçada! Adeus.

PEDRO.»

Quando a infeliz acabou de ler, os olhos enturvaram-se-lhe de subito, vacillou como ebria, encostou-se tremulamente a uma cadeira, os braços cahiram-lhe inertes, inclinou a fronte sem accordo, até dar no chão como fulminada,

Meia hora depois começava a ter signaes de vida.

Tinham-a levado para o leito; a mãe estava á cabeceira ministrando-lhe de vez em quando algumas colhéres de certa poção anti-spasmodica, que o medico lhe receitára.

Tres dias depois ainda estava tresvariada.

Nos seus delirios chamava em alta voz por Pedro, accusava a mãe, amaldiçoava o sr. Calveiros, bracejava como quem queria arredar de si alguma cousa, e torcia-se em convulsões violentas, até que, prostrada, cahia finalmente em modorra.

O mal durou um mez. No fim d'elle Thereza entrava em convalescencia.

Emquanto isto havia succedido, Pedro tinha partido de casa. Deixára uma carta a seu pae em que lhe dizia que embarcava para a America.

Diz-se que houve alguem que viu o velho enxugar então uma lagrima; mas o que ainda está em duvida é, se ella era de alegria ou de saudade!

Oh, o coração da mulher! Como tinha vontade de fazer uma larga dissertação physiologica sobre este musculo singularissimo! O coração da mulher... Que insondavel abysmo de mysterios; que céo e que inferno!

Descubri a gravitação planetaria, inventae a polvora, estudae o fabrico das velas de parafina, fazei os phosphoros amorphos, rompei o isthmo de Suez, dirigi os aerostatos, creae as galochas de cautchu, apresentae o elixir de longa vida; muito bem. Dar-vos-hemos uma carta de conselho ou um diploma da academia. Sois benemeritos da humanidade. Mas comprehendei o coração da mulher, sondae-lhe todos os parceis, mostrae-nos todos os sorvedouros, explicae-nos todas as tempestades, dizei-nos porque hoje brame implacavel quando hontem suspirava languidamente; impossivel, impossivel!

O espirito humano vacilla á beira d'esta voragem profunda; aqui é o limite da comprehensão e do calculo. Lembram-nos os versos do poeta na opulenta imagem do Oceano:

Man marks the earth with ruine—his control
Stops with the shore!

Tudo isto é para dizer simplesmente, que, Thereza, seis mezes depois dos acontecimentos que relatei, desposava o sr. Manuel Garrido dos Calveiros, com todas as manifestações de uma alegria completa.

Correram cinco annos; a ventura domestica conservava-se em toda a sua pureza; o anno de noivos, ou, para melhor dizer, a *lua de mel* ainda presidia com as suas influições beneficas ao viver d'aquelle par bemaventurado. Uma creancinha vivissima e linda como os amores viera pôr cumulo áquella felicidade indizivel.

Thereza ostentava por esse tempo todo o esplendor da

sua formosura. Oh, era fascinadora, diabolicamente fascinadora, aquella physionomia accesa em fogo meridional.

Passava o tempo; os gastos do sr. Calveiros iam tomando proporções gigantescas. O matrimonio desviára-o dos seus habitos de restricta economia. As exigencias de Thereza cresciam de momento a momento. Ora, quando um homem, no declinar da vida, tem a loucura parva de se ligar a uma mulher rica de mocidade, de aspirações e de caprichos, é-lhe preciso alimentar esse incendio, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, quebrado o encanto que o idealisava, ter de cahir na execração e no desespero.

Os cabellos brancos são um grande titulo para o respeito, mas nunca o poderão ser para o amor.

O provinciano tinha o bom senso de comprehender tudo isto, e era essa a razão de se deixar levar á tona dos appetites de sua mulher. Isto, junto á quebra fraudulenta de um negociante que lhe absorvêra perto de quarenta contos, fez com que a sua posição mudasse horrivelmente.

Estabeleceu-se o reinado da parcimonia; cortou-se por todas as superfluidades. Era trabalho baldado. A nau do estado garrava por mares em fóra; não havia ancora que a aguentasse.

Estes contratempos succediam no anno de 1862.

Thereza ressentira-se d'aquella mudança inopinada. Affeita ás grandezas, costumada a saciar-se de distracções e de jubilos, o mundo para ella convertêra-se n'um eden risonho e ineffavel. Como poderia abandonal-o? como poderia entrar na decadencia? como poderia rasgar os pés nos espinhos d'este mundo sem os regar primeiro de lagrimas?

Era então, n'esses instantes de desalento, que entrava na sua consciencia para se julgar a si, e a propria consciencia condemnava-a. Lembrava-se de Pedro, do seu passado, d'aquella noite na azinhaga, da carta que elle lhe escrevêra,

de tudo, de tudo, e a imagem do marido afigurava-se-lhe repugnante e hedionda, e ella tinha horror de si, horror da fascinação que a perdêra, que a fizera esquecer do que devia á santidade do seu primeiro amor.

Um dia o sr. Calveiros disse-lhe:

—Thereza, prepara-te, e resigna-te, Ámanhã devem vir penhorar-nos o que ainda nos resta. O destino foi bem cruel para comnosco. Falharam-nos os recursos, perdi o credito, abandonaram-me os amigos; bem vês que a ruina é inevitavel. Não é por mim que eu me afflijo, Thereza, é por ti e por nossa filha!

No outro dia, ás onze horas da manhã, a justiça gualdripava, com quatro pennadas, quanto o provinciano possuia. Thereza assistia a tudo, fria e indifferente como uma estatua.

Quando viu levarem-lhe o ultimo movel, quando o ultimo quadrilheiro lhe sahiu de casa, foi então que se abraçou á filha, chorando e beijando-a como doida.

O sr. Calveiros passeava sem dizer palavra.

Decorrêra, talvez, um mez; como elles viveram n'este entrementes, estou que todos o imaginam. Eu é que ponho de parte o quadro, não só porque me apavoram estas situações extremas da vida, mas porque, desde as pinturas de E. Sue para cá, não ha tintas que não sejam risonhas e suaves.

Morel symbolisa o ideal da desgraça.

Uma tarde, o correio trouxe ao sr. Calveiros uma carta. Estremeceu ao recebêl-a; a lettra era de seu filho.

Abriu-a tremulamente, leu-a com a avidez de quem espera alguma nova decisiva, releu-a, meditou-a, ficou perplexo, não podia arredar os olhos d'aquellas poucas linhas, concentrava alli todo o seu espirito agitado.

A carta dizia o que se segue:

=Meu pae=Cheguei de Glasgow ha sette dias; sei dos revezes por que tem passado. Felizmente acho-me em circumstancias de remedial-os. Os deveres de filho não me esqueceram no apartamento. Ámanhã irei a sua caza. «*Pedro.*»

De facto, Pedro achava-se na prosperidade. Em cinco annos que vivera na America alcançara pelo seu trabalho, pelo seu zelo, e pela inteireza do seu caracter, a sympathia do sr. John Davis, commerciante abastado em cuja caza se accommodara. D'aqui resultou, que, Davis, senhor de cabedaes immensos, e cansado do trafego mercantil, resignou em Pedro todo o seu negocio importante. Em menos de um anno o mancebo achava-se na posse de uma caza respeitavel, e desonerado, para com o seu antigo patrão, de todos os encargos.

A fortuna arrebatava-o nas suas pandas azas. Dois annos depois partia para Glasgow, possuindo, na opinião dos melhores chronistas, cento e tantos contos de réis.

Era esta a situação em que se apresentava.

Passado o primeiro abalo da surpresa, o sr. Calveiros entrou a alvidrar o que lhe cumpria fazer, em tão emmaranhada conjunctura. Deveria prevenir Thereza? poderia, sem vergonha, acceitar a protecção do filho? — E o passado?... o que faria d'elle?... como esquecel-o?... como justificar-se? — Accodio-lhe neste aperto a *ultima ratio* dos infelizes; lembrou-se que não havia lei para a necessidade!

Na manhã seguinte Pedro entrava em caza de seu pae.

— «Não quiz deixar de os ver; — murmurou elle serenamente, e com um meio-riso, dirigindo-se para os dois, que permaneciam como que petrificados; — não quiz deixar de os ver. Acho-os deveras abatidos. Meu pae está trinta annos mais velho; e Thereza... perdão minha senhora,... parece-me inteiramente outra; comtudo é muito nova, muito

nova. Oh, o tempo não passa sem nos fazer estragos! Eu tambem estou mudado, não lhes parece?... Como se lembram, fui d'aqui ha sette annos, — loucuras de rapazes! — Dirigi-me á America, trabalhei como um negro,... por vida minha, o trabalho mata! A providencia pagou-me tudo liberalmente; lembrou-se lá de mim; — era uma divida que ainda tinhamos em atrazo. Oh, a providencia não nos desampara; — proseguio elle, dando a estas palavras uma singular expressão de tristeza; — tem suas horas de adormecimento, é bem certo; mas de repente accorda, e estende a mão aos que suspiravam por ella, aos que succumbiam na lucta e na adversidade!... Mas... vejo que tem uma filha, uma menina, minha irmã... chama-se...

— «Helena» — balbuciou o sr. Calveiros, sem se atrever a levantar os olhos do chão.

— «Oh, pobre anjo, — exclamou Pedro n'um excesso de commoção, pegando na irmã e dando-lhe um longo beijo na face, — como tu has de ter padecido!» Depois como que envergonhado, e tornando á sua tranquillidade apparente, continuou: «— É preciso fallarmos com desassombro; vejo que são infelizes. Aqui não ha que córar, nem de orgulho nem de pejo. Os filhos nunca esmollam os paes; pagam o que lhes devem. Além d'isso, eu parto ainda ámanhã para a America; é preciso conciliar hoje tudo.» —

Em seguida, tirando do bolso uma volumosa carteira, chamou Helena, affagou-a, e entregou-lha dizendo: «—Toma, Helena; guarda-a para teu dote.» —

— «Nunca! — exclamou Thereza, correndo para a filha, e tirando-lhe a carteira que ella amparava com as suas mãosinhas debeis; — nunca!» —

— «Porque, minha senhora? — Penso que me é licito proceder d'este modo. Quero que minha irmã se recorde algumas vezes de mim; dou-lhe isto para memoria.» —

Thereza ficou extatica; não teve um gesto nem uma palavra: aquelle homem imperava alli com todo o prestigio da sua magnanimidade. Era impossivel resistir-lhe, era impossivel tentar a ira justissima d'aquella alma, santa de abnegação e de martyrio.

Thereza percebeu tudo isto n'um relance. A consciencia disse-lhe bem alto o que ella era, em face d'aquelle homem, que surgira como a imagem viva do remorso, para a condemnar sereno e tranquillo.

Minutos depois, Pedro sahia de caza de seu pae. Ao despedir-se abraçou o velho affectuosamente, beijou a irmã, e apertou a mão de Theresinha; — estava fria como a de um cadaver.

Vinte quatro depois embarcava no paquete do Havre.

A carteira dada a Helena continha dezeseis contos em notas do banco de Portugal.

A impressão que o procedimento de Pedro cauzou no animo do sr. Calveiros e de sua mulher, foi sem duvida, a mais viva e profunda. Tinham semeado desventuras, e faziam basta colheita a felicidades. As sementes nem sempre germinam d'este modo. O bem estava alli todo no terreno, que era fertil e abençoado.

Hoje vivem desafogados e na abundancia. Divertem-se, tornaram á convivencia da sociedade elegante, frequentam os theatros, e costumam passar o verão na Ameixieira.

As graças de Thereza reverdeceram de novo, seu marido principia a ostentar a bojante rotundidade de um abdomen abbacial, e a pequenina Helena que é, sem mentira, o retrato fiel da mãe, vai crescendo a olhos vista, e promette, salvo algum ataque de bexigas, vir a ser uma formosura peregrina.

Quando alguem menos discreto, em conversação familiar, puxa o assumpto para Pedro, o sr. Calveiros ladêa

sensivelmente, responde por evasivas, e não socega antes de ver o dialogo em terreno menos escabroso. Mas se o preopinante é d'estes que pegam d'estaca; se, por maiores que sejam os ardís do provinciano, não deixa de esmiuçar e esbagulhar o assumpto, então é Therezinha que costuma pôr-lhe termo com estas palavras peremptorias:

— «Pobre Pedro, coitado!... Commovo-me sempre que ouço fallar nesse bom rapaz. Poucos terão comprado tão caro, não digo a felicidade, que essa sabe Deos onde existe, mas a independencia de vida. Cousas do mundo, meu caro senhor;» — termina ella com um sorriso contrafeito.

O que admira em tudo isto é saber, que, Therezinha vive hoje com o marido na mais doce e amigavel harmonia, apesar d'elle ir além dos sessenta annos, e d'ella contar apenas trinta, que é, (seja dito francamente), a verdadeira quadra da florescencia mulheril, a edade da vida e das paixões, dos impetos ardentes, dos sonhos voluptuosos, de tudo, em fim, que desvaira o coração feminino, e de que Thereza se tem preservado com uma fortaleza digna, pelo menos, das commemorações do *Flos sanctorum*.

FIM

INDICE

Um anjo no purgatorio 1
Historias campesinas =
Um conto da eira 79
Cousas d'aldeia 85
Sob o parreiral 93
Para que serve o amor 99
A medalha de fr. Jorge 107
Um pobre de espirito 115
Mais um anjo cahido 123
Filho és, pae serás 131
Uma leitura ao solposto 139
Romance d'uma viscondessa 147
A ultima rosa 155
Bens de sachristão 173
Na sombra 179
Caridade abençoada 187
Emfim! 195
Quatro almas rijas 203
Um Idyllio matrimonial 215
Therezinha 227

ERRATAS

PAG.	LIN.	LÊ-SE	LÊA-SE
31	22	meu	mau
82	9	relatando	reatando
169	13	destrincar	destrinçar
171	31	suave,	suave.

Deacidified using the Bookkeeper process
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 330 852 5

CATALOGO

DE ALGUNS ROMANCES PUBLICADOS PELA CAZA

Rolland & Semiond

Rua Nova dos Martyres, n.º 3 — Lisboa

Bulhão Pato — Paysagens (no prélo) 1 vol..... 500
Alexandre Dumas — Conde de Monte Christo. Nova edição 8.º 4 vol. br.....1:440

Volumes a 200 réis, broxados

Walter Scott — O Abbade, 8.º 3 vol.
Alexandre Dumas — Acté, 8.º 2 vol.
— » — Amaury. 8.º 3 vol.
— » — Cavalheiro d'Harmental 8.º 4 vol.
— » — Uma Familia Corsa, 8.º
— » — Fernanda, 8.º 4 vol.
— » — Guerra das Mulheres, 8.º 4 vol.
Victor Hugo — Han d'Islandia 8.º 3 vol.
Madame Genlis — A Corte de Carlos Magno, ou os cavalheiros do Cysne 8.º 4 vol. br.
Alexandre Dumas Filho — Antonina, 8.º 2 vol.
Frederico Soulié — Condessa de Monrion, 8.º 3 vol.
J. Mery — O Deportado, 8.º 2 vol.
Hildreth — O Escravo Branco, 8.º
Paulo de Kock — Gustavo, ou a Boa Peça, 8.º 2 vol.
George Sand — Indianna, 8.º 2 vol.
Mil e uma noites, contos arabicos, 8.º 4 vol.
Mil e um quarto de hora, historias da Tartaria, recommendaveis pela sua galanteria, critica judiciosa, e moralidade, 8.º 2 vol.

Volumes a 100 réis broxados

Visconde d'Arlincourt — Os Anneis de uma Cadeia, 8.º 2 vol.
— » — Hervanaria, 8.º 2 vol.
Alexandre Dumas Filho — Martim de Freitas 8.º.
Eugenio Sue — Miss Mary, 8.º 3 vol.
Alexandre Dumas — Historia dos Stuarts 8.º 2 vol.
A. Radecliffe — Adelina e Theodoro, 8.º 4 vol.
— » — Julio ou os Subterraneos do Castello de Mazzini, 8.º 2 vol.
M.ma Cottin — Clara d'Alba, 8.º
Cooper — O Espião do Campo Neutral 8.º 4 vol.
A. Lafontaine — Henrique e Amelia ou a Herança Inesperada, 8.º 2 vol.
Goldsmith — Vigario de Wakefield, 8.º 2 vol.

Volumes a 50 réis, broxados

Cartas de Heloisa a Abeilard 8.º
Cadellinha pelo author do Pio o viajante 8.º.
Celestina por Florian, 8.º
Crime (O) mais Horroso, 8.º
Dergraças da Inconstancia, 8.º 2 vol.
Felicidade (A) 8.º
Historietas d'um Advinhão do Seculo Passado, 8.º
Infedilidade (A) Vingada, 8.º
Prova (A) d'uma Amizade, 8.º
Castigo (O) da Prostituição, 8.º
Choupana (A) India, por Chateaubriand, 8.º
Pedro, novella allemã por Florian, 8.º
Honrado (O) Negociante, 8.º
Ilha (A) Desconhecida, ou os Ilheos Felizes, 8.º

N.B. Alem d'estes romances ha muitos mais, como se pode ver no catalgo geral que se destribue gratis, mesmo para as provincias.